

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
EM HISTÓRIA

CÉSAR JÚNIO CARVALHO RABÊLO

“FOI EM XAMBIOÁ”: OS CÂNTICOS MILITARES
SOBRE A GUERRILHA DO ARAGUAIA NO TEMPO
PRESENTE.

NITERÓI

2023

CÉSAR JÚNIO CARVALHO RABÊLO

LINHA DE PESQUISA

Política, Movimentos Sociais e Memória

“FOI EM XAMBIOÁ”: OS CÂNTICOS MILITARES SOBRE A GUERRILHA DO
ARAGUAIA NO TEMPO PRESENTE.

Dissertação de Mestrado apresentado ao
Programa de Pós-graduação em História da
Universidade Salgado de Oliveira, campus Niterói,
como parte dos requisitos para obtenção do título
de Mestre em História.

Orientador: Professor Dr. Jayme Lúcio Fernandes
Ribeiro

Niterói
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Rabêlo, César Júnio Carvalho.

R114 Guerrilha do Araguaia e reação armada contra o regime militar no Brasil nos anos 70: do golpe civil-militar aos cânticos, cantos e gritos de guerra desenvolvimento cognitivo da tropa à ideologização. / César Júnio Carvalho Rabêlo. – Niterói, RJ, 2022.

x, 127; il., color.

[Numeração da publicação: [i] – x, 10-127].

Referências: P. 121-127.

Orientador: PhD. Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de Oliveira, 2022.


1. Guerrilhas – Araguaia, Rio, Região – Cânticos de guerra. 2. Ditadura – Brasil - História. 3. Brasil – Política e Governo - História. I. TÍTULO.

CDD 322.420981

CÉSAR JÚNIO CARVALHO RABÊLO

“GUERRILHA DO ARAGUAIA E REAÇÃO ARMADA CONTRA O REGIME MILITAR NO BRASIL NOS ANOS 70: DO GOLPE CIVIL-MILITAR AOS CÂNTICOS, CANTOS E GRITOS DE GUERRA DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA TROPA À IDEOLOGIZAÇÃO.”

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 06 de dezembro de 2022 pela banca examinadora, composta pelos professores:

Documento assinado digitalmente
 JAYME LUCIO FERNANDES RIBEIRO
Data: 13/12/2022 20:52:12-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>


Prof. Dr. Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro

Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)


Renato Soares Coutinho
Coordenador do PPG em História
Universidade Federal Fluminense
SIAPÉ 3100300

Prof. Dr. Renato Coutinho

Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Documento assinado digitalmente
 VIVIAN CRISTINA DA SILVA ZAMPA
Data: 02/05/2023 19:43:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Vivian Cristina da Silva Zampa

Professora do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

Resumo

“Foi em Xambioá”: os cânticos militares sobre a Guerrilha do Araguaia no tempo presente é um trabalho de pesquisa focado nas reações das esquerdas armadas contra a ditadura civil-militar nos anos de 1970, que teve como consequência a disseminação do anticomunismo dentro das Forças Armadas, propagado através dos “cânticos de guerra” até os dias atuais. O principal propósito desta pesquisa é analisar os cânticos entendendo-os como propagadores da vitória do Exército Brasileiro sobre os guerrilheiros no Araguaia e como incentivadores e veiculadores do anticomunismo no Brasil.

Palavras-chave: Guerrilha do Araguaia, Cânticos de guerra, Ditadura, Anticomunismo.

Abstract

“It was in Xambioá”: military songs about the Guerrilha do Araguaia in the present time is a research work focused on the reactions of the armed left against the civil-military dictatorship in the 1970s, which resulted in the spread of anti-communism within the Armed Forces. Armadas, propagated through the "war chants" to the present day. The main purpose of this research is to analyze the chants, understanding them as propagators of the victory of the Brazilian Army over the guerrillas in Araguaia and as promoters and propagators of anticommunism in Brazil.

Keywords: Guerrilha do Araguaia, Songs of war, Dictatorship, Anticommunism.

*À minha família de modo especial aos irmãos Reinaldo, Assenção e Ribamar
que se foram com esta doença terrível que nos assolou nos últimos anos, a
COVID 19, e também ao meu irmão mais velho, mais conhecido como Parente,
que nos deixou recentemente, mas de morte natural.*

Agradecimentos

Agradeço primeiramente, a Deus por me ter deixado chegar até este momento de superação, passado as agruras das doenças, adversidades, me deu a força e coragem após anos de estudos por mais um degrau alcançado.

À minha família: meus pais (falecidos): Raimundo Rabelo, e Dona Conceição e dos meus irmãos que se foram com pandemia, Reinaldo, Assenção e Ribamar e mais recentemente vítima de falência múltipla de órgãos Raimundo Nonato, de alcunha “Parente”, o primogênito da família Rabêlo, e todos os irmãos que estão presentes entre nós: Jesus, Graça, Ademir, Mário, Damásio, Vera, Ana e Jorge. À companheira Célia, os filhos de sangue a Taizza e de coração, Vitor (meu fiel escudeiro), os amigos como Luís e Mayara.

Ao Doutor infectologista Vinicius do Hospital Central do Exército (HCE) com as graças de Deus me ajudou na recuperação no início da pandemia Covid-19, em abril de 2020.

Ao meu amigo e professor doutor Jayme Ribeiro que em muito contribuiu para minha formação, com suas críticas, seu tempo disponível e por repassar seus conhecimentos de história.

À professora doutora Vivian Zampa, amiga, companheira e fonte de inspiração no nosso projeto inicial sobre este momento triste da nossa história que foi a “Guerrilha do Araguaia”.

Ao amigo e professor doutor Fernando Rodrigues celebre pesquisador da história militar e que sob sua coordenação nos deu suporte necessário para alcançarmos este momento.

À professora doutora Márcia Amantino, renomada professora desta casa precursora da minha primeira especialização nesta casa, e motivadora deste meu amor à História.

Ao professor doutor Renato Coutinho da Universidade Federal Fluminense, de apoio incondicional no período de qualificação sinalizando para melhor exploração deste tema.

Com carinho especial ao incentivador e companheiro de labuta o professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro o professor e mestre em História Ronaldo Rodrigues Coelho.

A todos os meus auxiliares do Exército que durante o decorrer deste curso, não deixaram de me ajudar nas tarefas, missões e serviços. Aos colegas e confidentes de mestrado desta Universidade que são a mestranda em História Renate e doutoranda em História Katia. Aos colaboradores revisionistas Francilene e Nilson que me deram suporte importantíssimo na minha trajetória.

Lista de Imagens

Figura 1	Mapa da área de conflito Guerra Rússia / Ucrânia.....	15
Figura 2	Mapa de Cuba (baía dos Porcos).....	21
Figura 3	Mostra da silhueta do líder revolucionário Che Guevara na fachada de prédio no centro de Havana de forma icônica como modelo propagador do sistema socialista	22
Figura 4	Mapa da Região do Araguaia.....	52
Figura 5	Oswaldo Orlando da Costa (Osvaldão).....	56
Figura 6	“Em Xambioá, a luta é contra guerrilheiros e atraso”. <i>O Estado de São Paulo</i> . São Paulo, SP, 24 de setembro de 1972.....	81
Figura 7	“Araguaia: uma Sierra Maestra Brasileira”. <i>Tribuna da Imprensa</i> . Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1979	86

Sumário

Introdução.....	11
Capítulo I - Guerra Fria na América Latina.....	13
1.1 Guerra Fria e mudanças internacionais.....	13
1.2 O exemplo cubano.....	18
1.3 A Revolução Cubana e o Brasil.....	23
Capítulo II – A ditadura brasileira e a reação armada do PCdoB.....	30
2.1 O caminho para o golpe de 1964.....	30
2.2 A ditadura, o AI-5 e o PCdoB.....	35
2.3 Rumo à Guerrilha.....	44
Capítulo III – A Guerrilha do Araguaia: historiografia, memória e imprensa.....	50
3.1 Guerrilha do Araguaia: da organização ao combate.....	50
3.2 Operações militares na Guerrilha do Araguaia.....	57
3.3 Memória da Guerrilha do Araguaia.....	60
3.4 Censura, silêncio e silenciamento.....	73
Capítulo IV – Cânticos, Canções, Hinos e Gritos de Guerra.....	88
4.1 Música, memória e processos cognitivos motivacionais para o embate.....	88
4.2 O Brasil dos cânticos, dos cantos e dos gritos de guerra.....	97
4.3 Guerrilha do Araguaia, da ideologização anticomunista aos princípios que afetam a área cognitiva, através dos cânticos e gritos de guerra.....	109
Considerações Finais.....	118
Referências Bibliográficas.....	121
Fontes	121
Documentos eletrônicos	121
Documentos do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.....	123
Livros de Memória.....	123
Bibliografia.....	124
Artigos, Teses, DiSSERTAÇÕES e Congressos.....	126

INTRODUÇÃO

A história do Brasil Republicano tem como uma de suas maiores marcas as intervenções militares. Desde a Proclamação da República, até a “Revolução” de 1930, passando pela deposição de Vargas em 1945 entre outros momentos históricos, militares estiveram à frente de processos políticos, tendo o apoio da população, mas também a oposição de diferentes grupos.¹

Após a vitória dos Aliados na II Guerra Mundial emergiu no mundo uma bipolarização tendo como protagonistas os EUA e a URSS em disputa por áreas de influências, culminando no evento da Guerra Fria² (1945/1991). Os conflitos armados entraram em evidência, como foi o caso da Guerra das Coreias (1950/1953), Revolução Chinesa (1949), Revolução Cubana (1959), esta última servindo de exemplo para o chamado 3º Mundo, tornou-se pólo irradiador como modelo para a tomada do poder pela via armada, como aconteceu na Guerrilha do Araguaia (1972/1975), baseando-se no foquismo, objeto da nossa pesquisa.

A partir de 1964, com a derrubada do governo do presidente João Goulart, os militares governaram o Brasil por 21 anos. Neste processo, ocorreu a desestruturação das idéias progressistas, econômicas, políticas e sociais, conhecidas como Reformas de Bases.

Ao mesmo tempo, os Atos Institucionais foram lançados, de forma a aumentar os poderes do Executivo e diminuir progressivamente as possibilidades legais de atuação do Legislativo e do Judiciário. Em meio a estes atos institucionais, com a eleição pelo Congresso Nacional do presidente o general Costa e Silva, em dezembro de 1968, foi editado o Ato Institucional número 5 (AI-5), retirando as garantias de direitos individuais, dentre outras medidas previstas.

No Brasil, as organizações de esquerda armadas, em seu primeiro esboço, advêm do período de governo de João Goulart, em 1962, a partir do Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), respaldado pelas ligas Camponesas de Francisco Julião.

Ridenti considera que com o AI-5 grupos aumentaram, tendo como exemplos parte do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), a Aliança Libertadora Nacional (ALN) - cisão do agrupamento de Marighella do Partido Comunista Brasileiro (PCB), a Ação Popular (AP), a Organização Revolucionária Marxista (ORM) e o Movimento Revolucionário 8 de Outubro

¹ BORGES, Nilson. *A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares*. In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 13-42.

² HOBBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. 2 ed. São Paulo, SP, Cia das Letras. 1995.p. 248.

(MR-8), entre outros.³

Em meio a esta conjuntura, um grupo armado de esquerda, criado pelo PCdoB, organizou-se na região, às margens do rio Araguaia, região também conhecida como Bico do Papagaio, próxima às cidades de São Geraldo do Araguaia e Marabá no Pará e de Xambioá, no norte de Goiás (região onde atualmente é o norte do estado de Tocantins), entre finais da década de 1960 e a primeira metade da década de 1970. Combatida pelas Forças Armadas, a partir de 1972, a Guerrilha do Araguaia iniciou-se com a chegada à região de líderes comunista, como o comandante negro Osvaldo Orlando da Costa, e posteriormente Pedro Pomar e Ângelo Arroyo. No início de 1972, pouco mais de sessenta e seis militantes adentraram a floresta, organizados em grupos de 21 integrantes orientados pelo Comitê Central (CC) e pela Comissão Executiva do CC. Em princípio, a população local desconhecia a preparação da guerrilha, que oferecia apenas algumas atividades assistenciais como atendimento médico e sanitário aos moradores locais.

Embora não tenha ameaçado diretamente o governo Médici, este empregou sua principal ferramenta de repressão, com o uso de tropas especiais, em contraponto aos pouco mais de 60 guerrilheiros, em diferentes operações, que foram executados.

Complementando nos estudos abordaremos o silenciamento gerado pela censura implementada pela ditadura civil-militar com o colaboracionismo pelos grandes grupos midiáticos na época.

O objetivo do nosso trabalho é analisar os cânticos de guerra, músicas, gestos, gritos de guerra a respeito da Guerrilha do Araguaia e como estes cânticos contribuíram para a propagação, constituição e consolidação do anticomunismo no Exército Brasileiro.

³ RIDENTI, Marcelo. *Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilha para pesquisadores*. In. REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004, p. 32-35.

Capítulo I - Guerra Fria na América Latina

1.1 Guerra Fria e mudanças internacionais

Era um garoto que como eu
Amava os Beatles e os Rolling Stones
Girava o mundo sempre a cantar
As coisas lindas da América

Não era belo, mas mesmo assim
Havia mil garotas a fim
Cantava Help and Ticket To Ride
Oh Lady Jane e Yesterday

Cantava viva à liberdade
Mas uma carta, sem esperar
Da sua guitarra o separou
Fora chamado na América

Stop! Com Rolling Stones
Stop! Com Beatles songs
Mandado foi ao Vietnã
Lutar com Vietcongs

Ratá-tá tá tá, tatá-rá tá tá
Ratá-tá tá tá, tatá-rá tá tá
Ratá-tá tá tá, tatá-rá tá tá
Ratá-tá tá tá

(JUNIOR, Bracato, MIGLIACCI, Franco, LUSINI, Mauro. Versão
português: JUNIOR, Bracato, 1967)

“Era um garoto que como eu, amava os Beatles e os e os Rolling Stones” é uma canção gravada pela banda “Os “Incríveis, no ano de 1967 e, regravação pelo grupo “Engenheiros do Hawaii” - em 1990, que resume o sentimento dos jovens da década de 1960, quando a metamorfose do mundo era insana.

No mundo, muitas músicas tinham como pano de fundo um sentimento de rebeldia e a vontade de mudar o mundo. No Brasil, alguns jovens foram às armas, literalmente levados por este ideário, o que será observado mais adiante, no momento em que abordarmos enfaticamente a Guerrilha do Araguaia ou a Luta Urbana, tendo como inspiração o teatro de operações da Guerra do Vietnã, a Revolução Chinesa e a Revolução

Cubana.

Tal proposição se contextualiza para fins de cumprimento do objetivo principal deste estudo, quando buscamos compreender a organização do conflito no Araguaia, suas intenções, ações durante a Ditadura Militar no Brasil, e, ainda, uma análise do anticomunismo implantado nas Forças Armadas, através de cantos e canções de lutas.

Para isto, propomos uma análise superficial sobre o cenário atual, esbarrando, desta forma, na Guerra instaurada na Ucrânia x Rússia e seus reveses, que até o momento conta com prognósticos inconclusos, fruto de um pós Guerra Fria que, após 30 anos, desarmou seus espíritos bélicos, mas sem o desarmamento nuclear, na prática.

Para atrelarmos estes momentos históricos faz-se também necessário um debate sobre o que foi o fenômeno da Guerra Fria a partir de uma visão holística, que teve farta contribuição historiográfica, a qual iremos explorar, tendo como fonte os estudos do pesquisador Eric Hobsbawm.

Analisando o desenrolar da guerra na Ucrânia, torna-se clara a compreensão do que significou a Guerra Fria entre 1945/1991: uma tensão mundial e choques de ameaças bilaterais, entre Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), de um possível conflito nuclear com fim apocalíptico, além de constantes incursões em zonas de influência, nesse caso, referindo-se a territórios vizinhos.

Na figura 1 é possível constatar ameaças de grandes potências que fazem visível o cerco em que a Ucrânia se encontra: a leste - a Rússia, a norte - Belarus, de alinhamento pró Rússia, a sul - Crimeia, território ucraniano anexado pela Rússia, a oeste - os países de influência europeia, como Polônia, Romênia, Moldávia, Hungria (governo de extrema direita) e Eslováquia.

Sob o ponto de vista militar, a estratégia das forças russas está perfeita, sob a óptica da guerra convencional, estrangulando os pontos de ressurgimento marítimo, não só em relação aos mantimentos e material bélico, mas também em relação ao domínio dos pontos sensíveis, como as fontes de usinas de energia e os pontos de comunicação no sentido leste para oeste.

No entanto, o principal ponto deste ressurgimento vem do oeste, oriundo, com maior força, da Polônia, cuja capital, por ironia, era a antiga denominação do Pacto de Varsóvia - organização militar que se opunha ao bloco europeu e incluía os países que compunham o leste da Europa.

Pelo lado ucraniano, só resta à tática de guerrilha ante o poderio bélico militar da Rússia, já que é improvável a intervenção do grupo da Organização do Tratado do Atlântico

Norte (OTAN), uma vez que o próprio presidente dos EUA, Joe Biden, declarou não se arriscar em um conflito com a Rússia neste momento, mesmo por pedido do presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelenskyy, a fim de estabelecer uma zona de exclusão do espaço aéreo em território ucraniano, já completamente descartado pela OTAN.



Figura 1⁴ - Mapa da área de conflito Guerra Rússia/ Ucrânia

⁴ Mapa de acidentes geográficos da guerra da Ucrânia. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=mapa+de+acidentes+geograficos++da+guerra+da+ucrania&tbn=isch&ved=2ahUKEwjbi4PZ5bH2AhWgN7kGHZSxDmYQ2-cCegQIABAA&oeq=mapa+de+acidentes+geograficos++da+guerra+da+ucrania&gs_lcp=CgNpbWcQAZIHCCM Q7wMQJ1D1CFj3JmC6MWgAcAB4AYABrgOIAe4RkgEJMC44LjIuMC4xmAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWfAAQE&scient=img&ei=YdlkYptXoO_k5Q-U47qwBg&bih=754&biw=1536>. Acesso 6 mar 2022.

O embrolho geopolítico no leste europeu teve reflexos no mundo inteiro, uma vez que todas estas economias estão entrelaçadas com características únicas. Isto é afirmado por Sérgio Amaral, ex- diplomata, entrevistado pelo *Jornalismo da Band* recentemente.⁵

Em analogia, de acordo com estudos de Hobsbawm, em verdade, a Guerra Fria assim como a Guerra na Ucrânia foi uma guerra psicológica⁶ entre duas superpotências econômicas e militares: EUA e URSS. Estas se revezaram por domínios ideológicos, econômicos (capitalismo x socialismo), políticos e sociais ao redor do mundo. O marco inicial desta guerra tem como parâmetro a rendição do Japão, tendo o fim da II Guerra Mundial, em 1945, após a deflagração das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki. A Guerra Fria termina com a dissolução da URSS, entre 1989 a 1991.⁷

Caracterizando o final da II Guerra Mundial, sucessivas conferências, entre Stalin (URSS), Roosevelt (EUA) e Churchill (Grã-Bretanha) ocorreram entre os anos de 1943-45, a fim de tratar sobre a divisão da Europa pós-guerra - especificamente sobre a divisão da Alemanha em Ocidental e Oriental - e a retirada dos ex-beligerantes da Áustria. Posteriormente, tal divisão ocorreu no encontro em Teerã, no Irã, com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU).

Já em 1947, ocorre a adoção da Doutrina Truman. Talvez tenha sido este, o período mais intenso nas relações entre os EUA e URSS: uma política mais clara de apoio dos americanos aos países que desejavam lutar contra o comunismo.

O bloco socialista organizou-se, militarmente, através do Pacto de Varsóvia e, na área econômica, com o Conselho de Assistência Econômica Mútua (COMECON-1949), no mesmo ano que a URSS obteve o domínio da bomba atômica.

⁵ BAND JORNALISMO. Canal Livre discute guerra entre Rússia e Ucrânia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=96gqwLhT1FA>>. Acesso em 6 mar 2022. Os entrevistados retratam um momento atual sobre o conflito e as motivações históricas, políticas, sociais, militares e econômicas, dentro do contexto da geopolítica em que está inserido o conflito na Ucrânia. A entrevista se dá com a participação especial do PHD em Relações Internacionais Carlos Gustavo Poggio e do ex-embaixador e diplomata Sérgio Amaral. Este último traça um contexto histórico comprovado dentro do cenário atual referindo-se à Rússia (ex- URSS) - potência econômica e militar até seu desmantelamento no início década de 1990. Na concepção dele, Rússia é “uma potência que foi”; os EUA, nas condições atuais, são intitulados uma “potência que é” ainda que atualmente uma sensível mostra de derrocada; e a China é “uma postulante a ser a próxima potência”, com prognósticos de sua afirmação como potência para os próximos 20 a 30 anos deste século.

⁶ O termo “Guerra Psicológica” ou Operações Psicológicas é amplamente utilizado dentro da literatura das Ciências Militares: “a) É o conjunto de ações de qualquer natureza, destinadas a influir nas emoções, nas atitudes e nas opiniões de um grupo social, com a finalidade de obter comportamentos predeterminados. b) Tais ações variam desde as mais simples e aparentemente banais até as mais complexas, como as realizadas em apoio “às operações militares, envolvendo um volume considerável de recursos humanos e materiais.” Porém, dentro da conjuntura contextual, também se admite ser uma disputa psicológica. BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA EXÉRCITO BRASILEIRO ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO ”MANUAL DE CAMPANHA DE OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS C 45-4”3ª. Edição, de 24 de agosto de 1999.p.12.

⁷ HOBBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. 2 ed. São Paulo, SP, Cia das Letras. 1995.p. 248.

A Guerra Fria, entre os Estados Unidos e a União Soviética, foi evidenciada principalmente, na guerra do Vietnã, com quase 60.000 baixas somente por parte dos americanos, mas também na Guerra das Coreias, entre 1950 e 1953, que não teve fim.⁸ Segundo Hobsbawm os americanos se envolveram oficialmente, entretanto, os soviéticos não. Os EUA mantiveram em segredo “pelo menos 150 aviões chineses que, na verdade, eram soviéticos com pilotos soviéticos”.⁹ Desta forma, foi entendido pelos americanos, que a URSS não queria se envolver na guerra.

⁸ ALMOND, Mark. *O livro de ouro das Revoluções*. Tradução Gilson Batista. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. P.156.

⁹ HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos...* p. 226.

Posteriormente, a crise dos mísseis na Baía dos Porcos, em Cuba (1962) gerou um desgaste direto dos EUA e URSS - assunto que exploraremos com mais detalhes posteriormente em que o maior esforço, na realidade, era impedir medidas efetivas para uma guerra.¹⁰

Já os EUA trataram de neutralizar antigos inimigos como Japão e Itália, do Eixo, com implantação de governos fiéis a Washington, com garantias de apoio econômico e militar nessas regiões.

Estes acordos vieram a inspirar formações de blocos, como foi o caso da Comunidade Europeia, em 1957. Antes, em 1947, houve a criação do Plano Marshall - um projeto de recuperação dos Estados Europeus Ocidentais implementado pelos EUA. Também foi criado acordo militar de ajuda mútua à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Como contraponto, os planos não foram só de apoio mútuo no mundo socialista, foi também tanto econômico quanto militar, como foi o Pacto de Varsóvia.

As zonas de influências estadunidenses tiveram forte abalo quando em 1º de janeiro de 1959, em Cuba, a ditadura de Fulgêncio Batista foi à derrubada, tendo como precursor, em 1956, um grupo de guerrilheiros liderados por Fidel Castro, baseando-se no movimento anti-imperialista e, obtendo, como resultado, o episódio que ficou conhecido como Revolução Cubana, o que veremos no próximo item.

1.2 O exemplo cubano

Com a tomada do governo da Ilha de Cuba por Fidel, a implementação de reformas foi moderada e, somente depois, houve respostas enérgicas por parte do governo de EUA, pois eram controladores de boa parte da economia da Ilha.

Contudo, na interpretação de Mark Almond, a Revolução Cubana se confunde com o próprio processo de independência da Ilha em relação à Espanha, que, desde 1898, esteve sobo domínio da intervenção americana.¹¹ Almond defende que este domínio simplesmente

¹⁰ HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremo...* p. 226.

¹¹ ALMOND, Mark. *O livro de ouro das Revoluções*. Tradução Gilson Batista. Rio de Janeiro: Ediouro,

mudou da Espanha para os EUA, não só pela sua posição geográfica a 145 km do litoral da Flórida, mas também instituiu na constituição (1903) cubana¹² o direito dos EUA de intervir nos assuntos de Cuba. Um dos diversos exemplos é o caso da cana-de-açúcar - base da economia cubana-monopolizada pelas empresas estadunidenses.

Em 1952, com a chegada ao poder do ex-sargento do exército cubano, Fulgêncio Batista,¹³ é iniciado o ciclo ditatorial através de um golpe militar. Assim começa um governo corrupto que parecia não se incomodar com as inquietudes populares de más condições de vida. Além de ignorar hostilidades da população, tal governo também se associou aos *gangsters* americanos que dominavam cenários turísticos da Ilha, levando muitos cubanos à condição de *crupiês*¹⁴ e prostitutas de turistas, principalmente dos EUA.

Com o golpe de Fulgêncio Batista,¹⁵ em março de 1952, houve o cancelamento das eleições presidenciais, na qual o jovem advogado, Fidel Castro, tinha concorrido pelo Partido Ortodoxo. Tempo depois o advogado Fidel decidiu que o presidente Batista deveria ser deposto através da força. Assim, organizou um levante, liderado por ele e seu irmão Raul Castro, em 26 de junho de 1953, ao quartel de Moncada, em Santiago, Cuba. O resultado da insurreição foi um fiasco, uma vez que muitos ativistas foram mortos e Fidel capturado e preso. Porém quando julgado, virou o jogo contra sua acusação e, em um discurso, com muita dramatização de sua auto defesa, declarou: “a História me absorverá”.

Em 1955, Fulgêncio Batista anistiou os presos políticos, entre eles Fidel, que prometeu retornar à Ilha e livrá-la da tirania de Fulgêncio e seus comparsas em momento oportuno.

Já no México, Fidel estabeleceu uma aliança com Ernesto “Che” Guevara. No final de novembro de 1956,¹⁶ com mais oitenta outros guerrilheiros, embarcou de volta para Cuba numa viagem arriscada, com o objetivo de tomar a Ilha.

O êxito de Fidel juntamente com os demais guerrilheiros, deveu-se principalmente à determinação e à incapacidade dos soldados de Batista de enfrentar o inimigo em terreno hostil. Além disso, o governo de Batista também subestimou o potencial das tropas de Fidel que se instalaram inicialmente nas montanhas (Sierra Maestra), a cerca de 810 km de

2003.p.156.

¹² ALMOND, Mark. *O livro de ouro das Revoluções...* p.156.

¹³ ALMOND, Mark. *O livro de ouro das Revoluções...* p. 157.

¹⁴ Empregado que, nas casas de jogo, dirige a mesa, principalmente de roleta, recolhendo as apostas e pagandoos ganhos.

¹⁵ ALMOND, Mark. *O livro de ouro das Revoluções...* p. 157.

¹⁶ ALMOND, Mark. *O livro de ouro das Revoluções...* p. 159.

Havana. Fidel tinha, a seu favor, o apoio da população que odiava as tropas de Batista.

Outra importante arma usada por Fidel foi da contrainformação solapando as alegações do governo, acerca da vitória dos revoltosos a partir de transmissões das rádios da Flórida e da Venezuela. Contribuíram também para o êxito: a aparências dos prédios luxuosos e os carros glamorosos que davam a falsa impressão de prosperidade a Cuba; o *plantation* de cana-de-açúcar, carro chefe da economia cubana que, mesmo nos melhores anos de colheitas, deixava os cubanos, mais da metade do ano, ociosos; e, por fim, a corrupção do governo de Batista que atingia inclusive a esfera militar, contribuindo para perdas de suas bases.

Assim, em 1958, após dois anos nas montanhas de Sierra Maestra, Fidel e seus correligionários iniciaram a tomada da Ilha.

Com a derrocada do governo de Batista, Fidel entra triunfante nas ruas de Havana sob o título de “Líder Máximo”, e torna-se, portanto, chefe de Estado. Importa ressaltar que, durante o processo de luta contra Batista, Fidel não apresentava projetos de uma guinada socialista para o governo de Cuba. Porém, no decorrer do ano de 1959, após a euforia da vitória sobre Batista, tem-se início a série de represálias¹⁷ contra seus adversários na Ilha, que não tinham fugido, havendo torturas e assassinatos. As pressões da Casa Branca ante o movimento de Fidel, em Cuba, através de tentativa de invasão à Ilha e pressões econômicas. Com isso, o governo americano reduz a importação de açúcar oriundo de Cuba, Fidel e Che Guevara iniciam uma guinada em direção ao modelo seguido pela URSS, nacionalizam os ativos americanos na Ilha e solicitam ajuda de Moscou.

Hobsbawm descarta a Revolução Cubana da possibilidade de ser um movimento de origem socialista ou comunista, seus líderes não demonstravam objetivos de fixar um regime socialista na Ilha. Nem mesmo os membros do Partido Comunista que atuavam em Cuba eram simpatizantes de Fidel. A opção pelo socialismo seria impulsionada por forças no contexto histórico que veio como consequência:

Embora radicais, nem Fidel Castro, nem qualquer de seus camaradas eram comunistas, nem (com duas exceções) jamais disseram ter simpatias marxistas de qualquer tipo. Na verdade, o Partido Comunista cubano, o único partido comunista de massa além do chileno, era notadamente não simpático a Fidel... No entanto, tudo empurrava o movimento fidelista na direção do comunismo, desde a ideologia social-revolucionária daqueles que tinham probabilidade de fazer insurreições armadas de guerrilha até o anticomunismo na década de 1950 do senador McCarthy, que automaticamente inclinava os rebeldes latinos anti-imperialistas a olhar

¹⁷ ALMOND, Mark. *O livro de ouro das Revoluções...* p. 159.

Marx com mais bondade. A Guerra Fria global fez o resto.¹⁸

O governo de Washington começa uma tentativa de retomada do poder de seus aliados no evento conhecido como Invasão da Baía dos Porcos, figura 2. Em verdade, tal invasão teve objetivos claros, com auxílio dos ex-colaboradores de Batista e com informes de que Fidel estava com popularidade em baixa e com apoio da CIA,¹⁹ organizou-se uma invasão de exilados cubanos com intuito de derrubar Fidel. Isto acontece sem a participação de oficiais americanos, sem apoio aéreo e marítimo, a operação foi fadada ao fracasso, tendo como opositores, os soldados de Fidel altamente motivados, que rechaçaram com apoio de tanques T-54 e aviões soviéticos, isolando rapidamente seus opositores e entrando em colapso.



Figura 2 – Mapa de Cuba (baía dos Porcos)²⁰

Analisando o caso de Cuba pela sua posição geográfica, esta se destaca por ter uma relevante geopolítica. Cuba tornou-se o “calcanhar de Aquiles”²¹ dos americanos, motivador de debates acalorados, mas que de certa forma mesmo com seu poderio bélico não conseguiu controlar a pequena ilha, que segue desafiando o gigante americano. Esta teoria ficou materializada quando, na crise cubana dos mísseis, conforme relatórios da CIA, Cuba passou a fazer uma aliança perigosa com a URSS. Com isso, Fidel consente a instalação de mísseis nucleares direcionados para os EUA.

Em 1962, Washington descobrindo tal estratégia, reagiu de forma perspicaz, usando seu poderio naval para isolar Cuba. Por seis dias de angústia e ansiedade, com iminência de um conflito nuclear, o presidente dos EUA, John Fitzgerald Kennedy - JFK -desafiou o líder soviético, Nikita Khrushchev, negando desfazer o bloqueio. Por último, o Kremlin

¹⁸ HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos...* p.427.

¹⁹ Central Inteligência Agency (CIA) - Agência Central de Inteligência / EUA.

²⁰ Baía dos Porcos, Cuba. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nrBPz9gxnvU>> Acesso 13 Out2022.

²¹ Expressão popular que significa o ponto fraco de alguém e transmite a ideia de fraqueza e vulnerabilidade.

recuou, ficando implícita a promessa dos EUA de invasão a Cuba, que não se concretizou.

O pós 1962 foi marcado pela estatização da economia de Cuba e a aproximação a Moscou, assumindo, assim, características do modelo soviético de sua sociedade e, principalmente, destacando-se como um polo irradiador e propagador²²- Figura 3 - do sistema socialista, espelho para o considerado Terceiro Mundo.

Com isso, Che Guevara e Fidel, através de um eficiente modelo de propagação do sistema socialista com a conquista de corações e mentes pelo mundo afora baseados nos ensinamentos de Lenin, Trotsky e outros pensadores com intuito de converter o mundo, baseado nas lutas de classes, valendo-se principalmente das diferenças sociais e despropósitos ocasionados por estas diferenças em que a própria divisão internacional do trabalho, em que países ricos submetiam países pobres à condição de fornecedores de matérias primas e consumidores de produtos manufaturados, em que o valor agregado estes produtos que saiam de forma bruta a um custo mais barato, voltassem manufaturados com elevado valor para compra.



Figura 3 – mostra a silhueta do líder revolucionário Che Guevara na fachada de prédio no centro de Havana de forma icônica como modelo propagador do sistema socialista.²³

A partir daquele momento, os jovens universitários, os barbudos, principalmente de países latino-americanos, geralmente de nível intelectual mais elevado, visualizavam

²² SILVA, Daniel Neves. *O papel de liderança de Che Guevara na Revolução Cubana fez dele um dos grandes heróis nacionais de Cuba*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/ernesto-che-guevara.htm>>. Acesso 11 mai 2022.

²³ SILVA, Daniel Neves. *O papel de liderança de Che Guevara na Revolução Cubana fez dele um dos grandes heróis nacionais de Cuba*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/ernesto-che-guevara.htm>>. Acesso 11 mai 2022.

experiência cubana como um exemplo a ser seguido. Diversos grupos sociais, na América Latina viam a necessidade de quebrar o paradigma imposto pelo capitalismo, através de um rompimento com as estruturas oligárquicas. Isto é evidenciado, principalmente, pelo bloco dos considerados países do Terceiro Mundo, que ora libertos de antigos neocolonizadores, vinham lutando por transformações sociais estruturais.

Fidel e Che Guevara cientes destes anseios seculares e a viam de si mesmos como modelos para nova onda revolucionária no Terceiro Mundo. Desse modo, põe em prática tentativas de deflagração de insurreições guerrilheiras, inicialmente no Congo, em meados de 1960 e depois de 1967, na Bolívia que ocasionou a prisão e morte do líder Che Guevara, levando-o, assim, à condição mitológica em meio a seus adeptos.

Decidido a apoiar revolucionários de inspiração marxista-leninista, Cuba tornou-se polo formador e irradiador de soldados que combatiam os contrarrevolucionários baseando-se no foquismo, pregado pelo êxito obtido pela Revolução Cubana.

1.3 A Revolução Cubana e o Brasil

No Brasil, fontes de estudos, principalmente, dos arquivos dos órgãos repressores do DOI-CODI²⁴ possuem inúmeras fichas de ativistas militantes partidários da esquerda dos diversos segmentos de resistência, seja de movimentos seja de partidos. Entre estas pessoas, que se tornariam políticos, com a redemocratização do país, ocorrida na década de 1980, estavam José Genoíno, Wladimir Palmeiras e José Dirceu, as quais apareciam em tais arquivos com informações na participação de treinamentos em território cubano na formação de guerrilha rural.

Na Guerrilha do Araguaia, há, entre os principais líderes, pessoas que tiveram treinamento em Cuba.

No Brasil, a influência da Guerra Fria foi latente. No governo Dutra, realizou-se, em agosto e setembro de 1947, o Tratado Interamericano de Aliança Recíproca (TIAR),²⁵ que também fora conhecido como “Pacto do Rio de Janeiro”.

Conforme Domingos, o principal objetivo do TIAR era fazer com que os países do continente americano se comprometessem a formar um bloco único em caso de invasão

²⁴ DOI-CODI (Destacamento de Operação de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna).

²⁵ DOMINGOS, C. S. M. *O golpe de 64 e a Guerra Fria: ORIGENS E ANTECEDENTES*. IFSUL, XII Encontro Estadual de História da ANPUH RS. Ensino, Direitos e Democracia. 18 a 21 de Julho de 2016 – UNISC – Santa Cruz do Sul.

externa ao continente. Em verdade avalizava para os EUA intervirem em seus vizinhos, uma vez que considerando o poderio militar dos outros países contratantes, dificilmente teriam o poder de fechamento de invasões militares em seu país, protagonizado por seus adversários socialistas.

Ainda, segundo Leslie Bethell, “às vezes chamado - primeiro pacto da Guerra Fria”, em seu artigo 3º:

As Altas Partes Contratantes concordam em que um ataque armado, por parte de qualquer Estado, contra um Estado Americano será considerado como um ataque contra todos os Estados Americanos, e, em consequência, cada uma das ditas Partes Contratantes, se compromete a ajudar a fazer frente ao ataque, no exercício do direito imane de legítima defesa individual ou coletiva que é reconhecido pelo Artigo 51 da carta das Nações Unidas.

O governo Dutra cassou o registro do Partido Comunista do Brasil (PCB) e rompeu relações diplomáticas com a URSS. Dutra governava ainda na “política da Boa Vizinhança” implementada por Franklin Delano Roosevelt, nos anos de 1930.

Em 1948 foi criada a Organização dos Estados Americanos (OEA), onde seria o fórum, exclusivo, para tratar todos os assuntos geopolíticos dos membros do continente americano. Saindo, dessa forma, a América Latina, da pauta da ONU, que se transformava no quintal dos Estados Unidos.

Paulo Fagundes Visentini reflete sobre a relação dos países latino-americanos, no período pós-guerra, com sentimento de frustração ante o tratamento dispensado pelos EUA, em suas relações econômicas, uma vez que estes países deram apoio material. E, no caso do Brasil, até enviou um contingente para guerra contra o bloco do Eixo e o suporte político na Guerra Fria, já que estes países votavam em bloco na ONU e não tiveram retribuição no plano financeiro. Pelo inverso, suas balanças comerciais tinham *déficits*. Com isso, as relações, tanto no aspecto comercial, quanto tecnológico, limitavam o desenvolvimento industrial.

Visentini continua em suas análises apresentando problemas internos como: governantes do Brasil e Guatemala, com Getúlio Vargas e Jacobo Arbenz, respectivamente, ao tentarem implementar projetos nacional-reformistas, com a ideia de mitigar estas dependências dos EUA e como consequência o suicídio de Vargas no Brasil e Arbenz após tentar uma reforma agrária, foi submetido a golpe proporcionado pelos EUA e invasão de mercenários e direitistas liderados pelo ex-ministro do exército Carlos Castillo Armas.²⁶

Completando a lista dos desafetos, em 1955, o presidente da Argentina, Juan

Domingo Perón com uma política nacionalista populista e antiamericana, portanto, uma potencial ameaça aos interesses dos EUA, assim como em diversas ocasiões, posicionou-se contra e vice-versa, desestabilizando uma provável aliança entre Argentina, Brasil e Chile.

Este argumento fomentou a queda dos governos reformistas eleitos nestes países e tiveram sucessores de alinhamento pro EUA.

A consequência destes reveses foi à mobilização popular na região, frente à dependência por motivo da descompensação dos preços dos produtos de exportação dos países da América Latina, formaram-se cinturões de miséria nas grandes cidades, que tinham êxodo rural como a fonte dessa explosão demográfica.

Não obstante, a inflação galopante, desigualdades sociais, o analfabetismo e os baixos índices de desenvolvimento humano alimentavam a formação de grupos políticos de ideologia socialistas, iniciando na Bolívia, em 1950, um governo popular de programa avançado de tendências socialistas. Visentini afirma que este movimento ocorreu em todo continente.

Neste íterim, John Kennedy, ao assumir a presidência dos EUA, implantou a Aliança para Progresso, um programa dos EUA que tinha por objetivos ajudar as reformas sociais na América Latina contra os avanços de ideologias de esquerdas na região, e também a ideia de isolar Cuba dos demais países da região. Esta questão a respeito do expansionismo do comunismo na região, conforme Visentini foi resultado mais do subdesenvolvimentismo proporcionado pelos EUA, do que de uma subversão comunista.²⁷

Esta posição política dos EUA evidenciou com mais clareza quando Fidel estabeleceu um regime de orientação marxista-leninista na Ilha, em 1º de maio de 1962. Assim os EUA iniciaram um bloqueio econômico a Cuba com apoio de seus aliados.

A Crise dos Mísseis, em outubro de 1962, gerou um desgaste com a política independente postada pelo Brasil em relação ao litígio. Ratificado logo no início do ano de 1962, em Punta del Este, no Uruguai, foi realizada a VIII Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos, tendo como objetivo principal, discutir as políticas de Cuba e sua relação com o restante do continente. Nessa reunião, a posição do governo brasileiro constituiu – juntamente com o governo mexicano - o maior obstáculo para os interesses dos EUA e logrou êxito em sua intenção de excluir o governo cubano da Organização dos Estados Americanos (OEA).

A posição do governo brasileiro era de manutenção das relações entre os países em bom nível, procurando recuperar a confiança dos EUA que ficara desgastada com as

questões de Punta del Este, pois o governo brasileiro precisava de recursos financeiros, sob a forma de empréstimos. Em virtude dessas negociações, ficara acertado que o dinheiro destinado às empresas encampadas não sairia do Brasil.

Após este posicionamento, o governo de João Goulart (Jango) pagou caro, pois várias foram as intervenções dos EUA na política brasileira. Como o próprio embaixador Lincoln Gordon confessou, foram gastos, pelo menos, US \$5 milhões de dólares para financiar a campanha eleitoral dos candidatos favoráveis à política norte-americana e para os opositores de Goulart, nas eleições parlamentares de 1962. Por último, aconteceu a aproximação entre Kennedy e o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, às vésperas das eleições no Brasil em outubro de 1962.²⁶

Recorda-se que o presidente Kennedy, na ocasião, quebrou o protocolo da Casa Branca, ultrapassando em mais de 50 minutos a palestra que manteve com o governador da Guanabara, na presença de seus principais assessores e do embaixador Roberto Campos.²⁷

A postura de o governo brasileiro no transcorrer da Crise dos Mísseis foi à gota d'água para o presidente John Fitzgerald Kennedy. Jorge Ferreira²⁸ comenta que JFK empregou os termos “intolerável” e “imperdoável” para demonstrar a insatisfação do presidente dos EUA com o presidente do Brasil.²⁹ A demonstração da insatisfação de Kennedy com Goulart é marcada também com as visitas de oficiais da Escola Superior de Guerra (ESG) e do governador eleito de São Paulo, Ademar de Barros.

Desse modo, o governo de Kennedy queria deixar claro para o governo Goulart que mesmo que este mantivesse sua Política Externa Independente, os Estados Unidos não deixariam de manter sua política externa para Cuba.

Associado a isso, Visentini afirma que Havana aproximava-se mais de Moscou no plano econômico e político. Kennedy ampliava o efetivo no Vietnã e pedia ao congresso americano o aumento do orçamento de defesa e dos contingentes da OTAN, além de criação de frota de porta-aviões nucleares. Do contrário, sobre os números dos arsenais nucleares da URSS, caso do *Missile Gap*³⁰ em que estes números se mostram aquém dos números

²⁶ DOMINGOS, *O golpe de 64 e a Guerra Fria: ORIGENS E ANTECEDENTES...*p.10.

²⁷ *O Estado de São Paulo*, 04 de outubro de 1962, p. 3. BSF. Brasília/DF.

²⁸ FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

²⁹ FERREIRA, *João Goulart: uma biografia...* p.320.

³⁰ Conforme Vicentini, *Missile Gap*: “os EUA desmascaravam o blefe nuclear de Krushev, *Missile Gap*, descobrindo que a URSS não se encontrava em vantagem estratégica”. Isso se somou à proclamação de Cuba como Estado socialista e ao bloqueio americano para estimular a decisão soviética de instalar mísseis na ilha caribenha (1962). Descobertos antes da fase operacional, estes perderam parte da importância diplomática. Em fase da forte reação norte-americana, os soviéticos retiraram os mísseis de Cuba, em troca do compromisso dos “EUA de não invadir o país.” VISENTINI, Paulo Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevich. *Manual do*

reais dos mísseis soviéticos. Nesta conjuntura levou a instalação dos mísseis médios soviéticos em Cuba, porque neste caso, estava em jogo o prestígio dos soviéticos para o Terceiro Mundo. Apesar do *affair*,³¹ isso significou uma derrota de Moscou, mas no plano regional houve uma barganha com recuo dos soviéticos: o compromisso dos americanos não ataquem Cuba, dando sustentação ao governo de regime socialista da Ilha.

Para Visentini, a Revolução Cubana não representou prejuízos para os EUA, principalmente porque grupos que comercializavam na ilha em cassinos, hotéis e operações ilícitas como máfia, prostituições e tráfico de drogas, continuaram atuando de Miami para Havana.³² Com isso a Flórida recebia vultosos recursos para desenvolver um polo turístico na região com a visão de contrastar com o socialismo frugal.³³ Mas a política dos barbudos de Havana tornou-se um desafio para o continente em terras americanas já em atrito pelo mau exemplo que refletia a incapacidade americana de reagir à frente socialista na América Latina.

Sobre a revolução cubana, podemos nos valer dos conceitos de Ayerbe,³⁴ em que o autor associa a revolução liderada por Fidel Castro ao processo de independência de Cubano final do século XIX, inclusive observando à tentativa e a proposição de parte da elite cubana de anexação do país, recém-independente dos Estados Unidos.

Existem aquelas abordagens que explicitam a Emenda Platt³⁵ na construção do nacionalismo cubano, além daquelas que evidenciam a influência americana sobre a economia cubana, e, por último, as abordagens que situam a Revolução Cubana apenas como uma resposta à ditadura de Fulgêncio Batista.

Conforme Ayerbe, a proposição de anexação pelos EUA da ilha de Cuba é explicitada baixo:

Em nenhuma parte da América Latina a noção de ‘quintal’ dos estadunidenses era tão forte. No processo de independência de Cuba, ao final

candidato História mundial contemporânea... p. 207.

³¹ *Affair* é uma expressão que vem do francês *affaire*, que significa caso. É frequentemente usada em português para definir um caso amoroso ou romance escandaloso, que pode ser público ou mantido em segredo. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/affair/>> Acesso 7 jul 2022.

³² VISENTINI, Paulo Fagundes; PEREIRA, Ana Lúcia Danile Vicz. *Manual do candidato História mundial contemporânea* p. 215.

³³ Os altos investimentos dos EUA no estado da Flórida tinham por objetivo contrastar em termos de prosperidade e empreendimentos financeiros, principalmente no setor de serviços de turismo, enquanto que a modesta ou comedida economia socialista cubana servia como exemplo negativo para cubanos e para América Latina.

³⁴ AYERBE, Luís Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. (Coleção Revoluções do século 20).

³⁵ CIVEIRA, Francisca López; VEJA Oscar Loyola; LEÓN, Arnaldo Silva. *Cuba y só História*. 2. Ed. La Habana: Editorial Félix Varela, 2004.

do século XIX, alguns setores de suas elites defendiam a anexação da ilha pelos estadunidenses. Quando da independência ordem, conseguida com auxílio dos Estados Unidos, a Constituição da República cubana continha uma cláusula, a **Emenda Platt**, que permitia ao governo dos Estados Unidos ocuparem militarmente a ilha em caso de perturbação da ordem.³⁶

Na verdade, este acontecimento histórico na América Latina teve características ímpares na História recente do século XX, quando trouxe ao poder um projeto nacionalista que ascendeu um grupo de guerrilheiro que se consolidou por um regime que se sustenta por mais de setenta anos.

É relevante comentar que na visão de Ayerbe, o início da “revolução do povo cubano”,³⁷ em 1868, com a intenção de separar-se da Espanha, culminaram com a tomada do poder pelos guerrilheiros em 1959 e confunde-se então como que foi a Revolução no poder.

O autor argumenta em sua tese, cujas questões da “emergência do processo”, articulando que, a tomada de poder em 1959 sobre as guerras pela independência do século XIX invocou um nacionalismo cubano de uma mascarada independência da Espanha, porém sob uma dominação americana, explícita pela Emenda Platt da primeira Constituição Cubana.

Ayerbe afirma que o regime de Fulgêncio Batista contava com inúmeros opositores, entretanto o grupo de Fidel foi o único a conseguir as condições para a derrubada do regime estabelecido.

O processo histórico vivido por Cuba, segundo Ayerbe, é impossível de ser pensado fora da política externa dos EUA, que foram os condutores dos rumos políticos e econômicos do continente americano, com estratégias de dominação e interferência, por via de regra, com o uso da força.

Por fim, a importância deste episódio em Cuba se dá com o modelo e a tática de Guerrilha utilizada aqui, no Araguaia, baseado no foquismo - conspiração fracionada em pequenos focos de guerrilha, com apoio popular, a fim de atingir o poder de um determinado território através da luta armada - como posteriormente veremos. Além disso, tal

³⁶ MORENO, Jean; VIEIRA, Sandro. *História: Cultura e Sociedade*. O Contemporâneo: Mundo das Rupturas. 3º ano. Editora Positivo. São Paulo, SP. 2013, p. 180.

³⁷ Ayerbe explica que a verdadeira independência do povo cubano encerrou com a Revolução Cubana de (1959). Este processo iniciou no final do século XIX, com processo de independência da Espanha em 1868, mas na prática somente trocou de mãos, passando a tutela da Ilha para os EUA como previa na Emenda Platt, visto anteriormente.

exposição tornou-se relevante devido à possibilidade de observarmos que vários dos guerrilheiros que atuaram no Araguaia foram treinados em Cuba, nos fins dos anos de 1960 e início de 1970.

Capítulo II – A ditadura brasileira e a reação armada do PCdoB

2.1. O caminho para o golpe de 1964

A experiência democrática brasileira, ocorrida entre 1946 e 1964, foi um período importante no que concerne à consolidação de direitos e à ampliação da cidadania. Embora apresentando limites, havia um projeto de nação, iniciado na década de 1930, que passava, necessariamente, pela inclusão das classes trabalhadoras.

Segundo Daniel Aarão Reis,³⁸ a quebra do projeto de Nação, arquitetada neste período por Vargas e continuada no período pós II Guerra Mundial, tornando o Brasil um país industrializado e democrático, teve como precursor a sua ruptura com as eleições de 1960 para presidência da República. Nessa época, no Brasil, foi eleito para a presidência da República Jânio Quadros,³⁹ pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN). Considerado um *outsider*⁴⁰ polêmico, por apoiar ditadores de esquerda como Fidel Castro, de Cuba, e Nasser, do Egito, Quadros tinha como principal bandeira o combate à corrupção, apresentando uma pauta conservadora. Como vice-presidente, foi eleito João Goulart (Jango), pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), candidato a vice pela chapa do Marechal Lott⁴¹ para mandato de 1961-1965, em eleição paralela, como estava previsto no sistema eleitoral da época. Este era o cenário do Brasil naquele momento, às vésperas do golpe de 1964.

Em verdade, mesmo com a euforia gerada pelo surto desenvolvimentista de 1950, assim como a fundação de Brasília nos chamados de “*anos de ouro*” do governo de Juscelino Kubitschek⁴² (JK), o período teve como consequências: inflação, arrocho salarial e outras crises econômicas desastrosas para o Brasil. A conjuntura econômica foi uma herança para o governo de Jânio Quadro, que em 1º de agosto de 1961 renunciou, deixando vaga a cadeira da presidência, sendo assumida pelo deputado federal Ranieri Mazzilli⁴³, presidente da Câmara dos Deputados, uma vez que o vice-presidente João Goulart - Jango

³⁸ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*.

³⁹ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p. 25.

⁴⁰ *Outsider* - Pessoa que não é aceita em um grupo social; pessoa que não pertence à determinada organização ou empresa ou que não se ocupa de determinada atividade; pessoa ou animal que tem chance mínima ou nenhuma de vencer. Disponível em: <<https://www.teclasap.com.br/outsider/>> Acesso : 10 jul 2022.

⁴¹ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p. 26.

⁴² REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p. 27.

⁴³ REIS, Aarão Daniel, 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p. 30.

- encontrava-se em visita oficial à China.

Foi então que os três ministros militares resolveram intervir e não permitir que o vice-presidente Jango assumisse, evidenciando então a primeira parte do golpe de Estado.

Todavia, para surpresa dos militares, houve uma resistência pela quebra da legalidade, tendo como protagonista o governador do estado do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, apoiado pelo comandante do III Exército, general Machado Lopes⁴⁴, levando, assim, o país à beira de uma guerra civil.

Tal impasse durou até 7 de setembro de 1961, quando foi instituído um parlamentarismo híbrido⁴⁵, tomando posse Jango como chefe de Estado e tendo Tancredo Neves como 1º ministro, chefe de governo.

Com as eleições de 1962⁴⁶, um ano após a posse de Jango, houve uma renovação na Câmara Federal e parte do Senado. Partidos como Partido Social Democrata (PSD) e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), considerados reformistas, tiveram certo aumento nas cadeiras legislativas. Já os apontados conservadores, como União Democrática Nacional (UDN), também mantiveram um determinado número de vagas. Nas mesmas eleições, os estados de Pernambuco e do Rio de Janeiro deram vitória para governadores de esquerda.

Após o plebiscito (presidencialismo x parlamentarismo) em janeiro de 1963, João Goulart (Jango) assume como chefe de governo que foi marcado pelo legado do trabalhismo de Getúlio Vargas nas condicionantes da Guerra Fria e suas influências determinantes nas formações de vários movimentos de esquerda, inclusive armados. Mais à frente, discutiremos o caso do Partido Comunista do Brasil (1962) que interveio na região do Bico do Papagaio entre os estados do Pará, Maranhão e Tocantins (então Norte do estado de Goiás), na deflagração da Guerrilha do Araguaia.

Em meio às condicionantes desfavoráveis da economia e promessas de reformas, várias manifestações e greves eclodiram neste período, determinando o governo em torno das reformas de base⁴⁷.

A primeira, e talvez uma das mais importantes reformas, refere-se à reforma agrária, atingindo a espinha dorsal das bases da economia agroexportadora brasileira e rompendo, portanto, com o monopólio das terras bases de sustentação do latifúndio. A proposta de reforma agrária tinha como fundamento a ampliação do mercado interno, na tentativa de

⁴⁴ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p. 31.

⁴⁵ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p. 31.

⁴⁶ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p. 32.

⁴⁷ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p. 33.

voltar à economia para o setor industrial e urbano.

A reforma urbana previa um combate à especulação imobiliária e maior proteção aos inquilinos.

Na reforma eleitoral, seriam incorporados os votos dos soldados e dos graduados das Forças Armadas, reivindicação antiga daquelas classes subalternas. Estava prevista também a reforma do estatuto do capital estrangeiro, com implantação de limites de remessa de lucros para o exterior e a estatização de setores considerados estratégicos como indústrias de base e de transportes públicos.

Para reforma universitária, uma sistematização e expansão da pós-graduação com as previsões. Assim, davam-se as criações de um ensino e pesquisa mais democráticos, além da formação de professores voltada para o atendimento das necessidades sociais e nacionais⁴⁸. Sobre a reforma universitária pós-golpe, Rodrigo Sá Motta, implicou na racionalização de recursos, aumento de vagas na graduação, mudança nos exames vestibulares, mudanças na participação da iniciativa privada no ensino superior, reforma no plano da carreira docente federal, criação de departamentos em substituição ao sistema de cátedras, criação de cursos de pós-graduação e criação de novas universidades federais e estaduais, com um projeto milionário de construção de novos *campi*.⁴⁹

Com a retomada dos poderes presidenciais, Jango deu início aos seus projetos de governo, intitulado “Plano Trienal”, editado pelo economista Celso Furtado com base em “estímulos e restrições para incentivar o desenvolvimento econômico e domar a inflação”,⁵⁰ que não agradou nem à direita nem à esquerda. De fato, a proposta econômica causou muita convulsão social, com a agitação de trabalhadores urbanos e rurais, dos estudantes e dos graduados das Forças Armadas. Em contraponto, as forças de direita não aceitavam medidas consideradas distributivas e inflacionárias. Para eles, tais medidas fomentaram um medo que poderia levar à desordem e ao caos. Alguns setores da sociedade, como a cúpula da Igreja Católica, manifestaram seu apoio aos políticos conservadores e aos golpistas, temendo que um país cristão, fruto da civilização ocidental, fosse ameaçado pelo comunismo ateu.

⁴⁸ REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. Sá (orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

⁴⁹ REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. Sá (orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil...*p.449.

⁵⁰ REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. Sá (orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil:*p. 36.

Após sancionar a legislação sobre remessa de lucros e estabelecer regulamentação sobre o monopólio de importação de petróleo, atendendo às pressões por reformas de base, Jango cumpriu a promessa feita à ala esquerdista.⁵¹

Em 13 de março de 1964, João Goulart presidiu o comício⁵² na Central do Brasil para 350 mil pessoas, onde anunciou assinatura de decretos com medidas que se mostravam a favor dos trabalhadores, tais como: a expropriação de pequenas refinarias e desapropriação de terras ao longo de eixos rodoviários. Neste ínterim, as forças de direita também se organizaram. Em São Paulo, aconteceu a “Marcha da família com Deus pela liberdade”⁵³ com a participação de milhares de pessoas.

Outros dois eventos mexeram com as estruturas governamentais: a reunião da Associação dos Marinheiros e dos Fuzileiros Navais do Brasil com reivindicações por respeito e melhores condições de trabalho dos graduados da Marinha e o discurso no Automóvel Clube no Centro do Rio de Janeiro em assembleia com os subalternos das Forças Armadas.

Basicamente, ao discurso de Jango aos suboficiais e sargentos da Marinha do Brasil, em 30 de março de 1964, foi atribuída, por alguns setores da igreja católica, a denominação “fariseus”⁵⁴, a despeito do clima de intrigas e descontentamentos instalado no Brasil. Foi constatado um grande escândalo e o Papa Pio XI foi lembrado “*o grande escândalo do nosso tempo foi a Igreja ter perdido o contato com as classes operárias*”. Continuando, João Goulart reforçou os princípios da disciplina na Marinha e ressaltou a possibilidade de modificação da Constituição de 1946.

Jango exaltou também o Marechal Lott sobre o evento da legalidade em relação à sua posse em 1961, em que o marechal acabou punido⁵⁵. Finalizando, Jango manifestou seu repúdio sobre a remessa de lucros de laboratórios de medicamentos, sobre o monopólio de importação do petróleo pela Petrobrás, bem como advertiu sobre a dolarização dos preços

⁵¹ REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. Sá (orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil* p. 39

⁵² REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p. 40

⁵³ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p. 41.

⁵⁴ Discurso de João Goulart durante reunião de sargentos no automóvel clube em 30 de março de 1964. Fonte: *Jornal do Brasil*, 31 mar. 1964.

⁵⁵ “Em nome dessa disciplina, prendeu-se um dos mais ilustres e eminentes comandantes do Exército Brasileiro; prendeu-se numa fortaleza, aqui no Rio de Janeiro, um Marechal, pelo crime de defender a Constituição que ele tinha jurado... o grande Marechal Henrique Teixeira Lott, foi punido, com recolhimento a uma fortaleza”. Referindo-se ao marechal Lott qual defendeu a sucessão de João Goulart na cadeira de presidente da República após a renúncia de Jânio Quadros. - Discurso de João Goulart durante reunião de sargentos no automóvel clube em 30 de março de 1964. Fonte: *Jornal do Brasil*, 31 mar 1964.

dos aluguéis em Copacabana.

A deflagração do golpe começou na madrugada de 30 de março de 1964. O general Olympio Mourão Filho partira⁵⁶ de Juiz de Fora em direção ao Rio de Janeiro. Os soldados tinham como objetivo “salvar a democracia brasileira do comunismo e da corrupção.”⁵⁷ Concluiu-se, portanto, que o Brasil “dormiu janguista e acordou revolucionário”,⁵⁸ pois nenhum projétil foi disparado e o presidente foi deposto pelas forças oficiais, refugiando-se em Porto Alegre (RS), onde mais tarde, através do movimento organizado por Brizola, marcou um foco de resistência no Sul, utilizando o braço armado do III Exército através do então comandante, general Ladário Pereira Teles. Ademais, a possibilidade de eclodir uma guerra civil foi descartada pelo próprio presidente que se refugiou no Uruguai, encerrando-se aí o período da experiência democrática e iniciando-se o governo ditatorial.

A professora Lucília de Almeida Neves Delgado⁵⁹ afirma que:

a passagem do tempo é uma categoria da história em extremo de paradoxo do concreto e abstrato, de movimentos e estagnação, de continuidades e rupturas, de inovação e manutenção, de passagem e permanência, de velocidade e de lentidão de ressignificações, de dicotomias e correlações, diacrônicas e de sincrônicas exacerbando as diferenças e semelhanças com futuros imprevisíveis. Trazem consigo a história como realizações concretas de ações humanas e também história do conhecimento. Neste pensamento em diferentes tempos, escritos dos historiadores, sociólogos, cientistas políticos elaboram interpretações específicas sobre a ação dos sujeitos individuais ou coletivos, que são os construtores da história.⁶⁰

Nossa interpretação a respeito de tal afirmação parece ser um discurso filosófico com objetivo de explicar ou responder questões, que, pelo fato de a História ser uma ciência humana, não se responde apenas por empirismo ou que não se utilize fórmulas de bolos para se responder tais questões.

A História ou momentos históricos são marcados por mudanças, contraditórios e desmentiras. Daí é que, no nosso entendimento, a autora propõe conceitos conflitantes, ainda mais no transcorrer da passagem da linha do tempo, em que uma revolução significa uma mudança de um ciclo, como podemos exemplificar no que aconteceu na Revolução

⁵⁶ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p. 43.

⁵⁷ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p. 44.

⁵⁸ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...*p. 44.

⁵⁹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves, *PTB: do getulismo ao reformismo - 1945-1964*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

⁶⁰ DELGADO, Lucília de Almeida Neves, *PTB: do getulismo ao reformismo...*p.16.

Cubana, dentre outras. Portanto, as mudanças que o espaço temporal nos impõe ou nos são impostos, nos remete aos conflitos cotidianos, que nos são necessários, destes que nos levam a avanços ou retrocessos, porque a história não é linear, mas sinuosa, marcada por rupturas, confrontos, debates, enfrentamentos, embates.

Ratifica-se que o próprio golpe civil militar de 1964 foi autointitulada Revolução Democrática de 31 de março de 1964. Ou no caso para aquele grupo de jovens universitários, que desejavam mudar a história de suas vidas, no caso da Guerrilha do Araguaia ou mesmo na Guerrilha Urbana, este “conflito” era a fonte inspiradora de seus objetivos, ainda que fosse utópico. Então, a professora Delgado acerta em suas teorias dialéticas, pois nos estudos sobre a Guerrilha do Araguaia verificamos que mesmo dentro dos grupos de guerrilheiros as discussões eram acirradas, tanto que os grupos das esquerdas eram numerosos, justamente por esta falta de consenso, resultando em cisões, antagonismo, quebra de paradigmas, revisionismo, rupturas como foi o caso do PCdoB (Partido Comunista do Brasil) e ALN (Aliança Libertadora Nacional) em sua cisão do PCB (Partido Comunista Brasileiro).

Nesse cenário, Lucília de Almeida Neves Delgado, sobre o golpe, assinala que os conflitos enfrentados por João Goulart tinham bases intrínsecas e extrínsecas ao seu governo, que levanta em dúvidas sobre seus verdadeiros inimigos:

a destituição do presidente João Goulart e a implantação de um regime autoritário no Brasil, nos idos de 1964, ensejou a produção de inúmeras interpretações da dinâmica histórica a partir de três pressupostos: o olhar dos autores que a analisam; os vínculos teóricos desses intérpretes e a época ou o período nos quais produziram suas interpretações ou sua narrativa do acontecido.⁶¹

2.2 A ditadura, o AI-5 e o PCdoB

A opção sobre o desfecho do evento de 31 de março de 1964 sobre o golpe civil-militar⁶² de 1964, de forma introdutória, baseando-no sem estudos do pesquisador Antônio Fernando de Araújo Sá⁶³, principalmente, quando o autor contextualiza dentro dos

⁶¹ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, *PTB: do getulismo ao reformismo - 1945-1964*. São Paulo: Marco Zero, 1989... p.16.

⁶² REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. Sá (orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil* p. 62. Conforme os autores mesmo entidades civis consagradas de oposição que faziam oposição aos desmandos do novo sistema estabelecidos como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e até a Associação Brasileira de Imprensa (AIB) e as classes dominantes associaram, “apoiaram no início ou conciliaram” o novo regime sendo inquestionável a dimensão civil do regime ditatorial.

⁶³ SÁ, Antônio Fernando de Araújo. *40 ANOS DO GOLPE DE 1964: DITADURA NUNCA MAIS!* (Artigo

ensinamentos de Le Goff, a respeito da História do tempo presente:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.⁶⁴

«Esta reflexão legitima o trabalho do historiador Araújo Sá, quando na atual conjuntura em que o mundo se posiciona mostra posturas consideradas de direita conservadora do ponto de vista do costume e da política, com visões liberais, e do ponto de vista econômico, com um desejo de “*vale a pena ver de novo*”. Isto a exemplo do ocorre com o governo federal atual do Brasil, um núcleo engessado em narrativas de modelo para família, anticorrupção intitulado de “nova política”, que apresenta em contrapartida o modelo esquerdista, progressista, com visões distributivas, mas que nas análises de alguns economistas, considerado como irresponsável.

Araújo Sá destaca uma frase, no mínimo, interessante “um passado que não quer passar”.⁶⁶ Esta assertiva ficou mais latente a partir dos frutos dos resquícios da lei de anistia, referente à abertura dos arquivos das Forças Armadas, que promoveram um esquecimento empregado. Isto ocorre especificamente quando o autor afirma: “o prazo de duração de classificação ultrassecreto poderá ser renovado indefinitivamente, de acordo com o interesse da segurança da sociedade e do Estado”.⁶⁷ A questão é: a que sociedade e a qual Estado, o artigo de Antônio Fernando de Araújo Sá está se referindo?

No mesmo trabalho de Araújo Sá abarca pensamentos de pesquisadores como Maria Celina D’Araújo e Gláucio Soares, que a partir de relatos colhidos, enfatizam a central do anticomunismo na explicação dos motivos que levaram ao golpe, quando a esquerda interfere nos assuntos internos das Forças Armadas, no que se refere à hierarquia e disciplina, bases estatutárias das Forças Armadas, no evento da revolta dos sargentos em 1963 e dos marinheiros e fuzileiros navais em março de 1964. Essa interferência ocorre principalmente na Marinha do Brasil, por fórum popular⁶⁸, dentro das Forças Armadas consideradas a mais elitista, guardando “princípios” de nobreza, principalmente, no que diz respeito ao oficialato.

de doutorado) Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. Aracaju, SE. 2004.

⁶⁴ LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, J. – Enciclopédia Einaudi. V. 1. *Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p.47.

⁶⁸ SÁ, Antônio Fernando de Araújo. *40 ANOS DO GOLPE DE 1964: DITADURA NUNCA MAIS!*... p. 4.

⁶⁷ CARNEIRO, Luiz Orlando. Acesso a documentos ‘*voltou aos tempos do regime militar*’. In: *Jornal do Brasil OnLine*. 14 out 2003.

⁶⁸ “Fórum popular” refere-se aos comentários ou reuniões não oficiais principalmente entre as praças da Marinha do Brasil. Esta segregação entre oficiais e praças é notória, Há diferença no uniforme dos oficiais e das praças, cabos e marinheiros, no gênero alimentício oferecido aos oficiais e às praças.

Com base no depoimento do General Leônidas Pires Gonçalves, Araújo Sá afirma, ainda, “a Revolução saiu sob pressão da sociedade civil”, já que assustados com a possibilidade da esquerda tomar o poder, igreja, empresários e classe média foram cúmplices do golpe.

A posição da aliança do bloco nacional-reformista, defendida por Denis de Moraes e corroborada por Araújo Sá, afirma que estas Forças Conservadoras não teriam capacidade de elaborar estratégia e tática para convencerem a sociedade brasileira⁶⁹, além, das forças esquerdistas serem impotentes para debater sobre o complexo conservador da Escola Superior de Guerra (ESG) e Instituto de Pesquisa de Estudos Sociais (IPES), que transferiu para João Goulart a responsabilidade da derrota.

A preferência pela definição “Ditadura civil-militar”, defendida por Luís Cesar Amado Costa e Leonel Itaussu Mello⁷⁰, traz uma nomenclatura peculiar: “As Bases da República Militar”. Essa posição é extraída revista *The Economic*⁷¹ em que a partir do exterior⁷² apresenta uma visão favorável aos interesses do capitalismo internacional, nos rumos políticos e econômicos que o golpe imprimiu ao país.

Costa e Mello elencam: a organização dos trabalhadores rurais, a reforma agrária, a criação de um mercado interno e o desenvolvimento econômico autônomo, como razões para o golpe.

Associado à debilidade da burguesia nacional e à dependência do capital externo, havia o avanço do movimento popular e o colapso do populismo no Brasil⁷³. Esta representação de governo ditatorial tinha como modelo econômico um tripé. Este era baseado: 1) na concentração de renda com taxa de tributação mais expressiva nas classes mais necessitadas, a título de exemplo: “tecido de chita era onerada com a mesma alíquota da seda, assim como móveis de madeira de lei com a mesma incidência dos móveis fabricados à base de pinho”;⁷⁴ 2) na expansão do crédito ao consumidor, ampliando a demanda de bens duráveis e a participação da classe média, com objetivo de aumentar a participação desta que tinha como consequência a liquidez do dinheiro e os preços com

⁶⁹ MORAES, Dênis de. *A Esquerda e o Golpe de 64: Vinte e cinco anos depois*, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989. p. 251.

⁷⁰ MELLO, Leonel Itaussu A. e COSTA Luís César Amad. *História moderna e contemporânea*. São Paulo: Scipione, 1993. p. 351.

⁷¹ *The Economic*, 11 ago 1967. In: Castro, Therezinha de. *História documental do Brasil*. Rio de Janeiro. Record. 1968, p. 411-2.

⁷² Considera-se aqui o mundo capitalista nos anos de 1964.

⁷³ MELLO, Leonel Itaussu A.; COSTA Luís César Amad. *História moderna e contemporânea*... p. 352.

⁷⁴ MELLO, Leonel Itaussu A.; COSTA Luís César Amad. *História moderna e contemporânea*... p. 355

elevação dos juros; e 3) na abertura externa da economia brasileira com incentivos às exportações e atrativos para investimentos estrangeiros no Brasil, prejudicando a indústria nacional, tendo como consequência incentivo fiscais, creditícia e cambias com utilização de mão-de-obra nacional abaixo custo. Como consequência disso a ditadura civil-militar logrou, no início dos anos de 1970, o “milagre econômico” com números espetaculares para a economia.

No plano político, os sinais das evidências ditatórias apresentaram principalmente o autoritarismo político. Tal autoritarismo se mostrou a partir da concentração do mecanismo de poder, o fortalecimento do Executivo e controle dos partidos. Sendo evidenciado, por exemplo, com a decretação do AI-2, ao estabelecer a eleição indireta para presidente, a extinção dos partidos políticos e a intervenção nos estados. Em medida excepcional, fixou as bases do modelo político autoritário dos governos militares.⁷⁵ Neste contexto foram decretados 17 atos institucionais e 130 atos complementares, desequilibrando os poderes constituídos com cassação de membros dos legislativos, vários ministros do Supremo Tribunal Federais compulsoriamente aposentados, além de militares contrários ao regime transferidos para reserva. Além disso, o autoritarismo político apresentou-se na repressão aos sindicatos, na censura aos meios de comunicação e na repressão política.

Em contrapartida à ditadura, os movimentos de resistência, que aprofundaremos no decorrer deste estudo, de vários segmentos sociais e de partidos políticos, entre eles o Pcdob proporcionaram a guerrilha do Araguaia e suas consequências como estudaremos através de cânticos de guerra anticomunistas nos quartéis militares.

Como desfecho desta fase recente de nossa história ocorre à abertura política⁷⁶ proporcionada pelo general Geisel, mesmo que “lenta, gradual e segura”,⁷⁷ finalizando com a campanha das diretas já em 1984 e, a entrega do governo a um presidente civil, José Sarney⁷⁸, como escreve o compositor Chico Buarque de Holanda, em sua música “Vai Passar”:

Vai passar

⁷⁵ MELLO, Leonel Itaussu A.; COSTA Luís César Amad. *História moderna e contemporânea...* p. 358.

⁷⁶ Processo político de redemocratização forçado pelas oposições ao governo ditatorial, iniciado no ano de 1979, no governo general Ernesto Geisel e finalizado no governo de general Figueiredo (1979-1985).

⁷⁹ MELLO, Leonel Itaussu A. e COSTA Luís César Amad. *História moderna e contemporânea...* p. 379.

⁷⁸ "José Sarney esteve à frente do primeiro governo civil do Brasil após o término da Ditadura Militar. Sarney assumiu após a vitória da chapa de Tancredo e Sarney na eleição indireta de 1985. Com o falecimento de Tancredo, José Sarney acabou assumindo a presidência do Brasil".

Vai passar
 Nessa avenida um samba
 popular Cada paralelepípedo
 Da velha
 cidade Essa
 noite vai Se
 arrepiar
 Ao lembrar
 Que aqui passaram sambas
 imortais Que aqui sangraram
 pelos nossos pés Que aqui
 sambaram nossos ancestrais Num
 tempo
 Páginas infelizes da nossa
 história Passagem desbotada
 na memória
 Das nossas novas
 gerações Dormia
 A nossa pátria mãe tão
 distraída Sem perceber mãe
 tão distraída Sem perceber
 ser subtraída
 Em tenebrosas
 transações Palmas pra
 alados
 barões famintos
 O bloco dos
 napoleões retintos
 E os pigmeus do
 bulevar Meu Deus,
 vem olhar Vem
 verde perto uma
 cidade a cantar
 A evolução da
 liberdade Até o dia
 clarear
 Ai, que vida boa,
 olerê Ai, que vida
 boa, olará
 O estandarte do
 sanatório geral vai
 passar
 Ai, que vida boa,
 olerê Ai, que vida
 boa, olará
 O estandarte do
 sanatório geral
 Vai passar⁷⁹

Tendo em vista o golpe civil-militar de 1964, muitos historiadores se manifestaram na década de 1970, tais como sociólogos, economistas e políticos, entre eles: Maria da

⁷⁹ HOLANDA, Chico Buarque de. Chico Buarque (*disco*) Rio de Janeiro Poligran, 1984.

Conceição Tavares⁸⁰ e Francisco de Oliveira. Segundo Tavares, a crise institucional é reflexa ou é proveniente de uma crise generalizada de realização -baixo consumo, enquanto que para Oliveira houve uma realização dos produtos destinados ao consumo da população mais carente. No entanto, seria uma demanda reprimida em prol da extrema concentração de renda que vem do governo de Juscelino Kubitschek- JK, cujo favorecimento para a produção dos bens de consumo duráveis teria acirrado as diferenças sociais, com pêndulo voltado para as camadas mais abastadas.

Com base nas interpretações dos autores economistas, o momento político no período do golpe civil-militar está intimamente ligado ao momento econômico. É fator que as convulsões sociais têm como “combustíveis” as desigualdades sociais, econômicas, desabastecimento, levando acirramento de conflitos ideológicos, raciais, religiosos, de gêneros ou de opção sexual ou outro assunto que seja. De acordo com os professores Maria Conceição Tavares⁸¹ e Francisco Oliveira, a origem da crise econômica vivida no início da década de 1960 tem origem no período desenvolvimentista⁸² de JK, com a elevação do poder aquisitivo das classes mais favorecidas, em detrimento às camadas populares, e um aprofundamento das desigualdades sociais, em conexão. Soma-se a isso a Guerra Fria fomentando ideias anticomunistas na sociedade brasileira, sobretudo nas Forças Armadas.

A rigor, todos os autores convergem no processo político, social e econômico que foi tomada do poder pelos militares e por setores da sociedade civil e políticas em 1964.

De acordo o professor Moniz Bandeira⁸³, pela primeira vez no Brasil, no início da década de 1960, o governo brasileiro teve uma intrínseca relação com as forças populares. Bandeira confirma que a oposição à Goulart vinha dos setores conservadores, com apoio efetivo da Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos e também do capital internacional. O autor descreve, ainda, que a interferência do governo americano na política interna brasileira está evidenciada principalmente nos amplos investimentos da CIA na estratégia política no apoio aos conservadores; e na *Operação Brother Sam*, que previa um desembarque dos *marines* americanos no Brasil em caso de reação do governo de Jango ou

⁸⁰ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p.17- 18. OLIVEIRA, Francisco. *Economia brasileira: a crítica à razão dualista*. São Paulo: Cebrap, 1975.

⁸¹ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* p.17- 18. TAVARES, Maria da Conceição. *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

⁸² REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...* P.17- 18.

⁸³ BANDEIRA, Moniz. *O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

de movimentos populares contrários à deposição do presidente da República. Constata que toda força militar da Frota do Caribe, liderada pelo porta-aviões da classe Florestal da Marinha dos Estados Unidos que facilitaria uma invasão rápida no Brasil pelas Forças americanas.

Sobre o golpe civil-militar, pode-se dizer que foi deliberado por forças políticas e militares que tomaram o poder e redefiniram novas diretrizes para o país. Estas forças que reorientaram os destinos políticos e econômicos podem ser responsabilizadas pela interrupção do ciclo democrático do Brasil, assim implementando o autoritarismo exercido de 1964 a 1985.

Posteriormente nos “anos de chumbo”⁸⁴ ao mesmo tempo em que o país enveredou no “milagre brasileiro”,⁸⁵ o Brasil conquistava o tricampeonato mundial de futebol de 1970.

Como consequência, houve certa euforia de recuperação da autoestima nacional, ainda mais influenciado pela máquina de propaganda da Ditadura com o *slogan* “Ninguém segura este país” e o *jingle* “Este é um país que vai para frente”. Como reflexo, o governo, conforme o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) confirmava altos índices de popularidade no período do General Garrastazu Médici, que teve como trunfo o alibi da eficiência e da modernidade. Para os descontentes com o regime, outras frases eram usadas com sentidos claros e objetivos: “Brasil, ame-o ou deixe-o”⁸⁶

Forças Opositoras à ditadura foram organizadas no golpe de 1964. Havia pelo menos duas linhas de pensamento quanto à sua forma de atuação. Algumas de tendências pacifistas, lutando para chegar ao poder pela via democrática. Outra via ativista baseada na linha leninista ou maoísta, preparando sua militância e tentando obter o apoio da sociedade

⁸⁴ REIS Aarão Daniel. *1946 – Ditadura e democracia no Brasil...* p.74 -92. Conforme Aarão Reis Filho, o período compreendido entre 1969 e 1973, a tortura de presos políticos tornou-se política do estado e a meta do governo era o aniquilamento da esquerda, trata-se, portanto o período mais violento do regime militar, o qual ficou conhecido como “anos de chumbo”.

⁸⁵ REIS, Aarão Daniel. *1946 – Ditadura e democracia no Brasil...* p.74 -92. Comitadamente aos “anos de chumbo”, os “anos de ouro” – alusão ao “milagre econômico”. “Falso paradoxo”, afirma Lemos, “Há farta evidência de que o ‘milagre brasileiro’ – a fábrica do ‘ouro’ desses anos – custou à esmagadora maioria da classe trabalhadora o ‘chumbo’ do arrocho salarial, dos serviços públicos degradados e outras mazelas [...]” in: LEMOS, Renato A “ditadura civil-militar” e a reinvenção da roda historiográfica. Carta enviada ao jornal *O Globo*, 2012. Disponível em: http://www.ifcs.ufrj.br/~lemp/imagens/textos/A_ditadura_civilmilitar_e_a_reinvencao_da_roda_historiografica. p d f. Acesso : dez. 2012.

⁸⁸MELLO, Leonel Itaussu A. e COSTA Luís César Amad. *História moderna e contemporânea...* p. 367.

para tomada do poder pela via da luta armada revolucionária.

Neste ínterim, algumas organizações tinham determinado vigência agindo na clandestinidade, a exemplo o PCB e o PCdoB, voltando à atividade somente a partir de 1985 com a redemocratização que foi iniciada no processo de distensão iniciado no governo Geisel.⁸⁷

Melo e Costa⁸⁸ destacam que, a partir de 1967, assume a presidência da República, o general Costa e Silva, que governou às sombras dos Atos Institucionais (1967/1969) culminando com a decretação do AI-5 (1968), que cerceou direitos fundamentais. Considerado “um golpe dentro golpe”,⁸⁹ houve a aproximação do governo militar com a chamada *linha dura*,⁹⁰ propiciando a decretação da forma mais vil de desconstrução dos valores democrático e corte dos direitos individuais, neste decreto.

Aprofundando os estudos dos AIs (Atos Institucionais), as pesquisadoras Daniela⁹¹ Ichter e Thieser da Silva Farias destacam que os regimes políticos totalitários, democráticos e autoritários, diferenciam-se basicamente da democracia por esta defender a separação dos poderes do Estado, a limitação do poder do governante e o sufrágio periódico, para escolhas de seus representantes garantindo a alternância de poder. Pelo entendimento das pesquisadoras, somente a “mão de ferro” das autoridades castrense⁹² poderia livrar o país da sindicalização ante aos “subversivos bolcheviques”⁹³. Enquanto as ditaduras da Argentina e do Chile se excedem no uso da violência, a ditadura brasileira enveredou por caminhos de características únicas, formalizando ritos processuais, legalizando o arbítrio e manipulando, conforme suas necessidades, meios de comunicações, estabelecendo a

⁸⁹ Em abril de 1947, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) cancelou seu registro argumentando que o partido era um instrumento da intervenção soviética no país. No ano seguinte, os parlamentares eleitos pela legenda do PCB perderam seus mandatos. Começava assim um novo e longo período na clandestinidade. Disponível em: <<https://neamp.pucsp.br/organizacoes/partido-comunista-brasileiro-pcb>> Acesso : 11 Fev2021.

⁸⁸ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...*, p. 66.

⁸⁹ REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil...*, p. 72.

⁹⁰ A intervenção militar contou com diversos grupos conspiratórios, mas foram os liderados por Costa e Silva (os duristas ou a “linha dura”) e Castello Branco (a Sorbonne) que tomaram as rédeas do movimento conspiratório. Este grupo se manteve atuando durante a ditadura militar, mesmo que silentemente, tanto que numa anotação feita à margem e mostrada ao presidente Ernesto Geisel, Heitor de Aquino Ferreira, secretário particular de Geisel, identificou o chamado “grupo dos onze” da “linha dura”: Syseno Sarmiento, Jayme Portella, Ramiro Tavares Gonçalves, Henrique Assumpção Cardoso, Clovis Bandeira Brasil, Sylvio Frota, Affonso de Albuquerque Lima, Lauro Alves Pinto, Cesar Montagna de Artur Candal Fonseca e João Dutra de Castilho. GASPARI, Elio, *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

⁹¹ RICHTER, Daniela. FARIAS, Thieser da Silva Farias. *Ditadura Militar no Brasil: dos instrumentos jurídicos ditatoriais para a democracia outorgada*. Passagens. Revista Internacional de História Política e cultura Jurídica. Rio de Janeiro: vol. 11, 2019. p. 385.

⁹² Adjetivo relacionado à classe militar.

⁹³ Conforme as autoras supracitadas, a possibilidade de uma revolução similar a dos bolcheviques era iminente e poderia acontecer a qualquer momento naquele período 1964 a 1975.

censura, a repressão e os julgamentos tendenciosos, em conformidade a conveniências dos detentores do poder.

Especificamente, os atos institucionais, próprios de regimes de exceção, concedem aos detentores, a capacidade imperiosa de decisão sem qualquer teto de limitação com forças normativas, e voltadas para a disciplina nas ordens políticas, econômicas e sociais⁹⁴.

De acordo com as autoras, após as manifestações de 1968, reivindicando a volta da democracia, foi decretado o AI-5, símbolo maior da ditadura civil-militar, iniciando o que Elio Gaspari chamou de “ditadura escancarada”⁹⁵.

A institucionalização do estado de exceção, através de terrorismo tácito por agentes do Estado, tinha como objetivos: rechaçar oposições, caçar suspeitos de conspiração comunistas, credenciar ao Presidente da República com as prerrogativas de fechar o congresso, conforme sua interpretação de assuntos referentes à segurança nacional, espoliar direitos fundamentais como *habeas corpus*, inviolabilidade do lar e do sigilo das correspondências.

Além destas exceções o poder Executivo lançou mão de todas as formas de dominação à sua disposição, entre elas o sub-julgamento do poder legislativo e limitação do poder judiciário em todas as esferas.⁹⁶ Ainda segundo Daniela Ichter e Thieser da Silva Farias, pelo AI-5 corromperam todas as prescrições contidas do Contrato Social,⁹⁷ prevalecendo assim a ideia de que o poder não emana mais do povo.

Conforme o Portal de Legislação,⁹⁸ os Atos Institucionais foram diplomas legais baixados pelo poder executivo no período de 1964 a 1969 durante a ditadura militar brasileira. E foram editados pelos Comandantes-em-Chefe do Exército, da Marinha e da Aeronáutica ou pelo Presidente da República, com respaldo do Conselho de Defesa Nacional. Todas estas normas estavam acima de todas as outras, inclusive às das Constituições de 1946 e de 1967. Estes Atos Institucionais foram utilizados como mecanismo de legitimação, bem como de legalização das ações políticas dos militares estabelecendo com isso diversos poderes extras constitucionais entre 1964 e 1967. Foram decretados 17 atos institucionais, esses eram regulamentados por 104 complementares, cujos objetivos, segundo o governo, eram combater a corrupção e a subversão.

⁹⁴ RICHTER, Daniela. FARIAS, Thieser da Silva Farias. *Ditadura Militar no Brasil...* p.389.

⁹⁵ GASPARI, Elio, *A Ditadura Escancarada*, São Paulo: Cia das Letras, 2003.

⁹⁶ RICHTER, Daniela. FARIAS, Thieser da Silva Farias. *Ditadura Militar no Brasil...* p. 393.

⁹⁷ ROUSSEAU, J-J. *O contrato social*. In: Oeuvres complètes, tome III. Collection “Pléiade”. Paris: Gallimard, 1757

⁹⁸ Disponível em <portalde legislação> Acesso em: 11 fev2021.

2.3. Rumor à Guerrilha

O período de 1968 a 1972 ficou marcado como o mais truculento da ditadura civil-militar. O recrudescimento, a partir do AI-5, inviabilizava o movimento armado nas cidades brasileiras (Guerrilha Urbana).

Por outro lado, com a geopolítica nas Américas, após a Revolução Cubana, em meio às turbulências vivenciadas na América Latina, o Brasil, na condição de aliado político dos EUA, precisava transmitir aos seus investidores estrangeiros, do Primeiro Mundo, que era um país seguro e pacífico. O próprio ministro da área econômica, na época, Delfim Netto, em recente entrevista ao professor Marco Antônio Villa,⁹⁹ declarou que, após a crise do petróleo, no início da década de 1970, o Brasil era um país seguro. Com um governo forte e autoritário, ele chancelava os investimentos estrangeiros aqui. Além disso, a política governamental, que levava o bordão “integra para não entregar”,¹⁰⁰ materializou-se com investimentos na região Norte, como: a abertura da Transamazônica, a Zona Franca de Manaus, a implementação da SUFRAMA,¹⁰¹ entre outros.

Enquanto o regime militar se solidificava no território brasileiro, as organizações de esquerda no Brasil, conforme os estudos de Marcelo Ridenti¹⁰² têm origens, obviamente, por influências europeias com os anarquistas no início do século XX, e, por conseguinte a Revolução Soviética de 1917, seguindo com a fundação do Partido Comunista em 1922.

É notório que o levante de 1935 nos estados do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e de Pernambuco caracterizou a primeira experiência em que os comunistas evidenciaram seus propósitos, indo à via de fato, como acontece nos quartéis militares até os dias de hoje, lembrados na Intentona Comunista,¹⁰³ uma das principais motivações do anticomunismo nas Forças Armadas.

⁹⁹ Entrevista: Prof. Villa entrevista o Prof. Delfim Netto: "Temos um Estado autofágico". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jtEOjeyP50> Acesso em: 11 fev2021.

¹⁰⁰ Analisar as heranças coloniais no discurso da ditadura civil-militar, entre 1964 a 1985, como práticas construtoras da geopolítica, leva à compreensão da atual situação de cataclismo ambiental em que se encontra a região amazônica brasileira. O bordão “Integrar para não entregar” foi lema da propaganda dos projetos militares. Emílio Garrastazu Médici fez concretizar com a construção da Transamazônica: incluem-se também as estradas Perimetral-Norte, Belém-Brasília, Cuiabá-Santarém e a BR 364, ligando Cuiabá (MT) à Cruzeiro do Sul (AC).

¹⁰¹ SUFRAMA: Superintendência da Zona Franca de Manaus.

¹⁰² RIDENTI, Marcelo (2007). *Esquerdas revolucionárias armadas nos anos 1960-1970...*p. 21- 51.

¹⁰³ Intentona Comunista - O levante de 1935 nos estados do Rio Grande do Norte, do Rio de Janeiro e de Pernambuco caracterizou a primeira experiência em que os comunistas evidenciaram seus propósitos indo à via de fato. Até os dias de hoje, a Intentona Comunista é lembrada nos quartéis militares como uma das principais motivações do anticomunismo nas Forças Armadas.

Marcelo Ridenti, por sua vez, observa que com a Revolução Cubana, ainda no governo de João Goulart foram feitas as primeiras experiências de treinamento guerrilheiro em Cuba, no início da década de 1960. Tal treinamento foi apoiado, mesmo que criticamente, pelas principais forças de esquerda, ou seja, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Comunista Brasileiro (PCB), a Ação Popular (AP) e outros movimentos e partidos legais e clandestinos.

O primeiro esboço de guerrilha foi rapidamente sufocado e, antes mesmo de pegar às armas, respaldados pelas Ligas Camponesas e seu principal líder Francisco Julião,¹⁰⁴ foi fundado o Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT). Este designou militantes para treinamento guerrilheiro em algumas fazendas, aproveitando o trabalho anterior de pequenos dispositivos das Ligas Camponesas. Tal trabalho foi descoberto em Dianópolis,¹⁰⁵ Goiás, em dezembro de 1962 pelas Forças Oficiais que prenderam seus principais líderes: Clodomir dos Santos Morais, Tarzan de Castro e Carlos Montarroyo.

Ridenti¹⁰⁶ argumenta que os setores que optaram pelo modelo cubano de tomada de poder, ganharam força com o golpe de 1964, com a cisão do grupo liderado por Marighella¹⁰⁷ do PCB. Este que veio a gerar a Ação Libertadora Nacional (ALN), optando pela luta armada. Além disso, outros grupos ainda que não convictos de suas posições ficando, logo, no campo da retórica como o caso da Organização Revolucionária Marxista-Política Operária (Polop), tinham apoio externo, principalmente, de Cuba, que após a I Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (Olas), passaram a adotar teorias revolucionárias baseadas no Focismo fundamentado por Régis Debray e Che Guevara, cuja estratégia era de múltiplos focos de guerrilha para a tomada do poder, daí a denominação. Outra teoria foi a do maoísmo, advinda da experiência de Mao Tse-Tung, cujo voluntarismo é condição objetiva para sucesso do movimento, como aconteceu na Revolução Chinesa de 1949. Por último, o Trotskismo, doutrina que se contrapõe ao stalinismo, defendendo uma Revolução Permanente e a expansão do Comunismo Internacional em contraponto ao comunismo em um só país (União Soviética).¹⁰⁸ No Brasil, entre os grupos armados que seguiam os princípios do trotskismo, podemos citar o Partido

¹⁰⁴ As Ligas Camponesas e seu principal líder, Francisco Julião, foram fundadores do Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT). Este designou militantes para treinamento guerrilheiro em algumas fazendas, aproveitando o trabalho anterior de pequenos dispositivos das Ligas Camponesas.

¹⁰⁵ Dianópolis, hoje, fica no Tocantins, mas em 1962 ainda pertencia ao estado de Goiás.

¹⁰⁶ RIDENTI, Marcelo (2007). *Esquerdas revolucionárias armadas nos anos 1960-1970...* p.27.

¹⁰⁷ Carlos Marighella foi um político, escritor e guerrilheiro comunista marxista-leninista brasileiro.

¹⁰⁸ RIDENTI, Marcelo (2007). *Esquerdas revolucionárias armadas nos anos...1960-1970.* p. 29.

Operário Leninista (POL), Partido Operário Revolucionário Trotskista (PORT).¹⁰⁹

Por conseguinte, os grupos de esquerda atuavam no meio urbano cujo *modus operandi* eram ações denominadas de “expropriações” de armas nos quartéis e de dinheiro em bancos, ataques com bombas, sequestros de autoridades, entre os quais o do embaixador dos Estados Unidos Charles Burke Elbrick, em 1969, no Rio de Janeiro pelo MR – 8 tendo como consequência a troca de 15 prisioneiros políticos.

Marcelo Ridenti afirma, ainda, que sobre as ações armadas urbanas desde a morte de Marighella até Lamarca forma praticamente dizimada pelos os Órgãos de Segurança do Estado. A partir daquele momento, as ações armadas vão priorizar as áreas rurais do país.

Registra-se que entre os principais líderes dos diversos grupos citados anteriormente encontram-se Carlos Marighella, Carlos Lamarca, Leonel Brizola, Wladimir Palmeira, Daniel Aarão Reis Filho, Franklin Martins, José Genoíno Neto, Fernando Gabeira, José Dirceu e Francisco Julião. Muitos destes líderes, após a abertura política entraram na política como foi o caso José Dirceu, chegando a chefe da Casa Civil no governo Lula.

Conforme Elio Gaspari,¹¹⁰ a constituição dos grupos que atuaram no período do regime militar era oriunda das camadas médias e de intelectuais jovens na faixa etária de 25 anos totalizando 51,8%. Do segmento masculino, um total de 81,7%, e condenados pela Justiça Militar total de 57,8%. Dessa forma, pode-se dizer que, basicamente, os grupos de esquerda eram oriundos das camadas médias, com formação superior, jovens e predominantemente do sexo masculino.

Ademais, destes agrupamentos que compuseram a resistência, seja armado ou não à ditadura civil-militar, um deles é relevante. Destaca-se o embrião do foco de resistência armada rural na região do Araguaia se deu a partir do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Segundo a professora e pesquisadora Alzira Alves de Abreu,¹¹¹ a fundação do PCB em março de 1922 com o nome de Partido Comunista do Brasil, sigla PCB, tinha o objetivo de promover a revolução proletária no Brasil, com a missão de passar o sistema capitalista para o sistema socialista.

Entretanto, ao longo de sua trajetória, o partido passou por diversos conflitos e tensões sem seu interior, muitas delas oriundas das alternâncias de suas linhas políticas, ora pacifista ora revolucionária. Formar um partido de quadros ou um partido de massas?

¹⁰⁹ RIDENTI, Marcelo (2007). *Esquerdas revolucionárias armadas nos anos...1960-1970...33.*

¹¹⁰ RIDENTI, Marcelo (2007). *Esquerdas revolucionárias armadas nos anos 1960-1970...p.28.*

¹¹¹ Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcbpor> Alzira Alves de Abreu > Acesso 17 ago 2021.

Reforma ou Revolução Armada? Estes debates e dilemas fizeram com que o partido sofresse alguns rachas, algumas divisões internas, algumas cisões, entre elas a que levou a criação do PCdoB, em 1962.

Importa ressaltar que as revoluções chinesa e cubana deram novos rumos à dinâmica dentro do PCB, com ênfase nos jovens comunistas de tendência para a luta armada, aumentando, ainda mais, o clima de instabilidade interna no PCB.

Com a renúncia de Jânio Quadros e as tensões políticas enfrentadas pelo seu sucessor, João Goulart (Jango) fez reivindicações pelas reformas de bases e mais disputas pelo poder, na qual de um lado têm os sindicalistas, comunistas e grupos nacionalistas contra empresários industriais nacionais e militares, que se articularam para derrubada de Jango. Por outro lado, o PCB ganha legalidade perante o TSE. Para isso, o PCB passa a denominar-se Partido Comunista Brasileiro, tendo em vista que cancelamento do seu registro, 1947 a alegação de que o partido tinha vinculação ao Partido Comunista Soviética, demonstrada em seu nome Partido Comunista do Brasil.

Em fevereiro de 1962, João Amazonas, Maurício Grabois e Pedro Pomar promoveram a cisão no interior do PCB, fundando o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), adotando a linha política maoísta, após a vitória da Revolução Chinesa, em 1949.

Em meio aos diversos grupos, partidos e movimentos políticos e sociais que lutavam contra a ditadura, seja pela via reformista seja pela luta armada, a base das forças militares era a Doutrina de Segurança Nacional (DSN), que foi um conjunto de ideias que deu suporte à administração militar, em refutação à suposta intervenção comunista internacional. De acordo com o documento:

Por D.S.N. entendemos como um corpo teórico, que compreendeu basicamente alguns tópicos, quais são: a criação de um arsenal teórico de defesa da liberdade e dos ideários da civilização ocidental e cristã, com uma linha ideológica conservadora, liberal e positivista, que pregava a soberania do Estado como algo ilimitado. Este conjunto teórico foi elaborado dentro do contexto da guerra fria, com uma clara demonstração das disputas hegemônicas entre grandes potências daquele período e a consolidação desta região da América Latina como uma área de influência dos Estados Unidos da América...¹¹²

Tais bases teóricas foram disseminadas por influência dos EUA para o continente sul-americano pela *National War College (NWC)*, criada em 1946 e que tinha por objetivo

¹¹² FERREIRA, Moisés Carlos. *A implantação da D.S. N - Doutrina de Segurança Nacional e a Operação Condor no Brasil e Argentina*. São Paulo: USP, 2016.p. 2.

o estudo e o aperfeiçoamento da política externa americana, refletindo-se nos diversos países sul-americanos, a exemplo o Brasil com a Escola Superior de Guerra (ESG), o Chile com a Academia de Guerra, e a Bolívia com a Escola de Altos Estudos Militares.

A Instituição (ESG) teve o papel de expandir a ideologia dentro do Brasil e tinha como público-alvo os oficiais superiores com curso do Quadro de Comando e do Estado Maior (QEMA) das três Forças Armadas. Além de civis e corpo docente com apoio de palestrantes civis que debatiam temas de disciplinas com temáticas sociais e econômicas tinham uma intrínseca relação com a Doutrina de Segurança Nacional (DSN), tendo um dos seus principais teóricos na área de Segurança Nacional do Brasil, o General Golbery do Couto e Silva.

Sobre Guerra Revolucionária (G Rev.) ou Guerrilha¹¹³ (oriundo do espanhol *guerrilla*), é importante lembrar que esta fazia parte dos currículos militares até o final da década de 1990, em todos os níveis de escolaridade, visto que a Guerra Revolucionária constitui-se como o meio mais violento de contestação do poder.¹¹⁴ A concepção é desenvolvida por ingleses e, principalmente francesa, com a experiência na campanha da Indochina (1946-1954), que se trata do modelo chinês de Mao Tsé-Tung nos anos de 1930.

Fonseca sintetiza o método maoísta de guerra revolucionária em cinco fases, são elas: a preparação para a clandestinidade, a primeira onda de atentados, a ação de “bandos armados”, a criação de zonas liberadas e, por fim, uma ofensiva geral, culminando com a proclamação da República Popular da China, em 1949.

Esta teoria é corobolada pelo Segundo o manual da Escola Superior de Guerra:

A ideia de GRev. [guerra revolucionária] apenas como conflito interno tende a modificar-se. O exemplo da Indochina serve para validar essa assertiva. A guerra revolucionária que envolve os dois Vietnãs, o Laos, o Camboja e a Tailândia são, na verdade, uma mesma e única guerra que pouco respeita fronteiras. Luta interna, pois é para cada país, e externa, quando de cada país transborda para os seus vizinhos.¹¹⁵

No Brasil, o conceito de DSN segue a definição *esguiana*¹¹⁶ como define Alves:

¹¹³ A palavra guerrilha tem a sua origem etimológica no termo castelhano *guerrilla*, e significa literalmente, pequena guerra 1. Este termo apareceu na sublevação espanhola contra o invasor napoleónico. LARA, Antônio de Sousa, *Ciência Política: Estudo Da Ordem E Da Subversão*, ed. by Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 6a Edição (Universidade Técnica de Lisboa, 2011), p. 361.

¹¹⁴ FERNANDES, Ananda Simões. *A reformulação da Doutrina de Segurança Nacional pela Escola Superior de Guerra no Brasil: a geopolítica de Golbery do Couto e Silva*. Londrina: UEL, 2009.

¹¹⁵ BRASIL. Escola Superior de Guerra. Fundamentos teóricos. Manual básico. Rio de Janeiro: ESG, 1976.

¹¹⁶ Adjetivo que faz referência à ESG – Escola Superior de Guerra.

Enquanto os estrategistas militares norte-americanos da segurança nacional privilegiavam o conceito de guerra total e guerra nuclear, os latino-americanos, preocupados com o crescimento de movimentos sociais da classe trabalhadora, enfatizaram a ameaça da subversão interna e da guerra revolucionária.

Portanto, no estudo sobre a Guerrilha do Araguaia temos que atentar para a forte relação que este levante teve com a Escola Superior de Guerra (ESG). A criação da ESG, como instituição ligada às Forças Armadas, introduziu uma modelagem unificada de ideologia para o país em 1942, ainda que sem uma definição de quem fosse o vencedor da 2ª Guerra Mundial.

Contudo, somente em 1949, a ESG foi inaugurada, sob o comando do general Oswaldo Cordeiro de Farias, com a subordinação ao Estado Maior das Forças Armadas. O que podemos observar é que os preceitos dos estudos ensinados na ESG em sua essência confrontam ideologicamente com os militantes que estiveram no Araguaia.

A partir destes fundamentos apresentados, daremos continuidade ao nosso estudo, abordando: a organização da guerrilha do Araguaia, a memória do combate referente à militância do PCdoB, a memória dos militares com apoio de documentos - de autores baseados na memória e documentos da Comissão Nacional da Verdade, o papel referente ao silenciamento da imprensa na época e, para finalizarmos, analisaremos os cultos anticomunista e canções fomentadores da elevação do moral da tropa, ainda hoje nos quartelamentos militares quando abordaremos os cantos e canções e gritos de guerra.

Capítulo III – A Guerrilha do Araguaia: historiografia, memória e imprensa

Os boatos diziam:

“Guerra Civil”

As Forças do Governo empreenderam 3 campanhas de cerco e aniquilamento contra os guerrilheiros do PCdoB. Toda essa movimentação militar durou 2 anos e 9 meses, de abril de 1972 a janeiro de 1975. Ao todo, o governo empregou cerca de 10.000 homens (não apenas numa campanha, mas durante todo o período); gastou o que só o governo pode avaliar, quando resolver abrir seus arquivos; conseguiu manter o país ignorante dos acontecimentos (com exceção de uma grande reportagem de *O Estado de São Paulo* hoje histórica, que furou o cerco em setembro de 1972, durante a segunda campanha); conseguiu, por outro lado, confundir alguns círculos importantes no exterior, mais precisamente nos centros de decisão política e econômica, onde as notícias que corriam falavam de uma guerra civil na Amazônia, e as pessoas não aceitavam facilmente as explicações de que se tratava apenas de um foco de 63 guerrilheiros. Mas o segredo, imposto pelo governo, chegou a ser tão bem guardado, que nem a imprensa internacional conseguiu acesso a informações mais precisas sobre a guerrilha do Araguaia.¹¹⁷

3.1. Guerrilha do Araguaia: da organização ao combate

O recurso de se utilizar das armas para mudar seus destinos são um dos baremas que na história da civilização humana persiste para o cálculo de contenção de danos que este confronto venha a causar. Conforme Marcelo Ridenti,¹¹⁸ este recurso não chega a ser uma novidade, visto que a Revolução Francesa de 1789 serviu de modelo - o povo foi às armas e promoveu mudanças - ou como aconteceu na revolução soviética, de 1917.

No Brasil, a tentativa mais marcante, mesmo com pouca documentação sobre o assunto, aconteceu entre os anos de 1972 a 1974, em plena ditadura civil-militar: a Guerrilha do Araguaia. Tal movimento de reação armada pelo PCdoB à ditadura iniciou-se

¹¹⁷ PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil*. p. 27.

¹¹⁸ RIDENTI, Marcelo (2007). *Esquerdas revolucionárias armadas nos anos 1960-1970...* p.44.

no final da década de 1960 e teve seu desfecho em 1975, na região do Rio Araguaia, entre o sul do Pará, norte do estado de Goiás - atual Tocantins - e oeste do Maranhão.

A organização da guerrilha teve sua gênese com a cisão do PCB (1962) de linha pacifista - que gerou o PCdoB (Partido Comunista do Brasil) – e apostou na luta armada revolucionária. Entre seus fundadores do PCdoB estavam os ex-deputados comunistas da constituinte de 1946, João Amazonas e Maurício Grabois. Estes apostavam que o reformismo de Jango seria derrubado pelos militares.¹¹⁹ Com o recrudescimento do AI-5 (1968), a ideia da luta armada rural ganhou força, pois os grupos que atuavam nas cidades foram gradualmente estrangulados pelos órgãos repressores do governo.

Ridenti¹²⁰ relembra que o exército levou dois anos e três campanhas para liquidar os combatentes de esquerda. Sendo a primeira de abril a junho de 1972, mobilizando milhares de homens, inclusive recrutas, sem lograr o êxito esperado. A segunda investida aconteceu entre setembro e outubro de 1972 com resistência, apesar de 18 baixas impostas pelo exército. Nesse intervalo uma única nota foi noticiada pelo jornal “O Estado de São Paulo”, conseguindo desvencilhar a rigorosa censura do governo militar. Assunto que exploraremos posteriormente.

Ridenti,¹²¹ explorando a questão no Araguaia, fala que houve um trabalho de conscientização política, por parte do grupo do PCdoB, à população na região do Araguaia, já instalados na região no final da década de 1960. Esta conscientização materializou-se com a fundação de vários núcleos da União para Liberdade e pelos Direitos do Povo (ULDP), que reunia proposição de um “Programa de 27 pontos” como reformas sociais, e como proposta de soluções para a população local, ganhando certa simpatia por parte da população aos guerrilheiros, mas sem muita relevância.

Conforme o livro de memórias de Fernando Portela,¹²² a invasão na região do Araguaia totalizou 63 ativistas, divididos em três comandos. Osvaldo Orlando da Costa, Osvaldão, ficou no comando da região Gameleira. O comando da região do Castanhal de Caiano ficou com Paulo Rodrigues. E, a região de Faveiro ficou sob o comando do médico João Carlos Haas Sobrinho.

¹¹⁹ PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil*. p.32.

¹²⁰ RIDENTI, Marcelo (2007). *Esquerdas revolucionárias armadas nos anos 1960-1970...* p.45.

¹²¹ RIDENTI, Marcelo (2007). *Esquerdas revolucionárias armadas nos anos 1960-1970...* p. 45-46.

¹²² PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil...* p. 24.

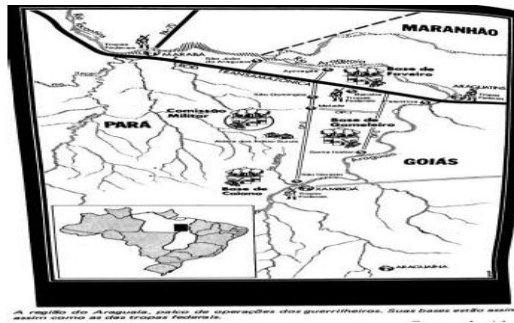


Figura 4 - Mapa da Região (Bico do Papagaio) ¹²³

O fracionamento de cada região ficou com 21 componentes divididos em grupos de sete. O centro era formado por 3 destacamentos e uma comissão militar formada por Maurício Grabois, Ângelo Arroyo, Osvaldão e Haas Sobrinho.

Em princípio o a comissão militar tinha ordens para não sair do interior da selva. Também faziam parte de tal comissão: o equipamento de comunicações, alimentos e as oficinas de reparos de armamentos, tudo dentro do possível.

Com relação aos armamentos utilizados pelos guerrilheiros na imaginação dos militares seriam de fabricação de países comunistas. Porém, ficou constatado que não eram. Eram sim armas como Winchester, revólveres calibre 38 e Fuzil Mauser FO.

O cronograma de possibilidades de instaurar a revolta armada no Brasil, baseado na teoria do foquismo teve início com reuniões do Comitê Central do PCdoB realizadas no Rio de Janeiro e São Paulo com a escolha das prováveis alternativas de áreas na região da selva Amazônica. Nessas reuniões, João Amazonas e Maurício Grabois começaram a enviar olheiros para várias regiões como Mato Grosso, extremo sul do Acre, Rondônia, até encontrarem a região mais propícia. A escolhida foi o baixo Araguaia, entre os estados do Pará, Maranhão e Goiás (atual Tocantins). Uma região considerada maldita, pobre, com a ausência do estado, tanto na esfera federal quanto estadual.

Sobre a região ainda em 2021, as condições miseráveis de sua população, mas era onde se encontrava a maior reserva de minério de ferro do mundo, na serra de Carajás. E foi ela que também, na segunda metade da década de 1960, recebeu altos investimentos de órgãos do governo para receber assentamento de gigantescas fazendas de gado. As terras devolutas, até o início da guerrilha, eram de raros registros de conflitos, porém, na

¹²³ Estados do Pará, Maranhão, Goiás (atual Tocantins). Fonte: PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil*. p 24.

década de 1990, foi marcada pelo conflito de Eldorado de Carajás¹²⁴ considerado um dos maiores massacres rurais pela Polícia Militar do Pará.

Portela¹²⁵ analisa que nos conflitos em que o Exército foi envolvido observou-se a desproporcionalidade tanto em termos materiais quanto de pessoal. Segundo ele, em Canudos, BA, o confronto, de 1893 a 1897, com a total destruição do arraial, mostra-se como exemplo. Naquela ocasião, o governo utilizou pelo menos 12 mil homens, com pelo menos 5 mil baixas, incluindo oficiais de alta patente,¹²⁶ com 4 expedições com tropas de infantaria, cavalaria e artilharia, contra os revoltosos de Antonio Conselheiro.¹²⁷ Pelo lado dos sertanejos, com emprego de armas rústicas, existiam 5 mil famílias com membros que em sua maioria eram mulheres, velhos e crianças que não se envolveram em combates e mais o número de 2 mil pessoas armadas com motivação¹²⁸ imbuídos no combate. O custo da guerra teve reflexos nos cofres do Brasil na presidência de Prudente de Moraes e de Campos Sales. Com base nestas constatações a respeito dos embates que as forças oficiais se envolveram, percebe-se, portanto, a desproporcionalidade de combate, tanto de material quanto de pessoal, imposta pelas tropas regulares. Eleva-se dessa forma, uma reação com substancial resistência por parte dos opositores, o que no jargão militar chama-se “elevar o moral da tropa”¹²⁹ a ponto de estender o conflito e promover feridas marcantes nas tropas oficiais. Sem contar os aspectos relativos ao desgaste político perante a população, e também uma cobertura midiática. Em comparação com que ocorreu no conflito do

¹²⁴ Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/17/massacre-de-eldorado-do-carajas-completa-24-anos-um-dia-para-nao-esquecer>>. Acesso: 24 jul 2021.

¹²⁵ PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil...* p.62.

¹²⁶ PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil...* p. 90.

¹²⁷ Antônio Conselheiro, notabilizado enquanto personagem determinante de um momento exponencial da história brasileira, a guerra de Canudos. Destarte, pretendemos vincular esta análise ao campo do Pensamento Político-Social Brasileiro, FREITAS, Leandro Leal de *UM SÉCULO DE NARRATIVA SEU CLIDIANAS E CONSELHEIRISTAS: INTERPRETAÇÕES SOBRE ANTÔNIO. CONSELHEIRO*. Dissertação (Mestrado de Ciências Política) Universidade de São Carlos, SP. 2016.

¹²⁸ Motivação das tropas de Antônio Conselheiro aqui afirmado pelo autor refere-se à religiosidade.

¹²⁹ Motivação para combate, conforme coronel Fernando Rodrigues Goulart: “Os aspectos relativos à motivação e ao moral têm sido alvo de atenção de inúmeros chefes e pensadores militares... Entretanto, na II Guerra Mundial foi primeiro conflito em que o comportamento do homem no campo de batalha foi analisado de forma científica. Estudos indicam dessa época que apesar interferência de fatores como terreno, fogos inimigos, logística e mesmo sorte, as frações que logravam atingir seus objetivos durante a batalha o faziam essencialmente, por possuírem homens mais dispostos a combater... Motivação pode ser definida como tudo aquilo que dá origem a uma propensão a um comportamento específico. Diante de determinadas circunstâncias ou sob determinados estímulos, o indivíduo fica propenso a tomar atitudes, agindo ou deixando de agir. De acordo com Murray a motivação tem dois componentes essenciais o “impulso”, que se refere ao processo interno que incita uma pessoa à ação, e o “motivo” que gera e termina ao ser atingido o objetivo que a pessoa tinha em vista. O objetivo visando a recompensa que seria o incitamento interno do indivíduo.” Disponível em:<<https://www.yumpu.com/pt/document/read/12978860/significado-da-motivacao-us-army>> Acesso: 25 jun2021.

Araguaia, justamente ao contrário, houve um silenciamento, a saber, nos próximos itens.

Ainda, por analogia ao termo “moral da tropa” e à motivação, cabe ressaltar o caso do cangaço,¹³⁰ também no nordeste brasileiro, e as folclóricas derrotas das polícias militares de vários estados, com número superior ao grupo de Lampião.

Outro exemplo de luta desproporcional de forças foi a impetuosa derrocada do maior e mais bem aparelhado exército do mundo, o dos EUA no Vietnã.¹³¹ Os Vietcongs eram implacáveis nas estratégias de guerrilha, apesar do uso do agente laranja desfolhante¹³² nas selvas vietnamitas, impuseram a humilhante retirada na embaixada de Saigon dos últimos militares e diplomatas, em abril de 1975.

Isto para constatar que a ousadia e a desvantagem numérica, acompanhada de atos heroicos e suicidas ganharam espectadores, sem contar que chamavam a atenção dos holofotes da imprensa internacional.

Enfim, por que o silêncio do governo se foi a guerrilha do Araguaia foi esmagada? E esmagada duplamente, pois a derrota do Araguaia convenceu as teimosas esquerdas radicais, que em número nada representam o processo político de hoje, que na teoria do “foco revolucionário” para tomada violentado poder é definitivamente inviável no continente. Primeiro a Bolívia, depois Araguaia.¹³³

Portela alerta sobre o silêncio imposto pelo governo, mesmo após a última fase da guerrilha, em janeiro de 1975, quando o Comitê Central (CC) do PCdoB diz que mais de 50% dos guerrilheiros estão “oficialmente desaparecidos”, embora o CC acredite que estejam mortos. Portela afiança, em seu livro, que em 1975 um grupo de homens estranhos andou desenterrando ossos perto de Xambioá, atual Tocantins, os quais os esqueletos teriam sido cremados, com objetivos óbvios de apagar a guerrilha da memória nacional.¹³⁴

Outra importante conclusão dos integrantes do PCdoB, contida na obra de Fernando Portela, em entrevista a um dos guerrilheiros do Araguaia, José Genoíno Neto, é a de

¹³⁰ PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil ...*, p. 90.

¹³¹ Disponível em: <http://www.fapcom.edu.br/wp-content/uploads/2018/04/6Tainara_vietna-Iarossi.pdf> Acesso: 25 jun 2021.

¹³² Agente laranja é um herbicida, que possui em sua composição dioxinas originárias da reação de dois componentes, o 2,4 – D e 2,4,5 – T, que são extremamente tóxicas e perigosas à saúde humana. Este herbicidatóxico foi utilizado na Guerra do Vietnã como arma química pelo Exército dos Estados Unidos da América. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/produtos-quimicos/agente-laranja/>> 28 Set 2022.

¹³³ PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil...*, p.91. Neste trecho em depoimento ao autor, Fernando Portela, o entrevistado e ex – guerrilheiro José Genoíno tenta explicar que no auge do período da ditadura no Brasil, no início dos anos de 1970, ainda que com um número substancial as esquerdas fosse inexpressível para derrotar a ditadura pela via armada, citando como exemplo no continente sul-americano a Bolívia depois a Guerrilha do Araguaia.

¹³⁴ PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil...* p.89.

que a intenção da ditadura era esmagar, em todos os sentidos, o movimento no Araguaia, para não reconhecer o quanto era frágil diante de uma pequena, porém bem-disposta, oposição. Isto, se insistido pelo governo, poderia vir a prevalecer nas conclusões do público. Seria o custo de manchar a imagem do governo, pelo fato de ter usado um efetivo bem maior, até imensurável em termos proporcionais, de militares ante a um grupo de militantes comunistas super motivados.

Mas a teoria deste silêncio, entre outros motivos, eram as atrocidades como as torturas praticadas pelos agentes públicos nos conflitos nos casos denominados de especializados,¹³⁵ ainda que blindados pela lei de anistia.

Portela destaca que o desencadear da guerrilha teve começo com a chegada do primeiro líder Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão. Conforme Portela, Osvaldão ficou muito conhecido na região pela sua aparência. Negro, sendo conhecido por sua simpatia e por ser respeitador, de 1,90m de altura, tinha costume de vestir a velha camisa do Botafogo, que lembrava os tempos de lutador de peso-pesado. Também Osvaldão serviu o Exército como 2º tenente da reserva do CPOR (Centro Preparatório de Oficiais da Reserva), do Rio de Janeiro e era técnico de máquinas de motores em Minas Gerais. Osvaldão viajou de ônibus pela estrada Belém-Brasília e se instalou na região num castanhal¹³⁶ conhecido como Gameleira¹³⁷. Além dos serviços de roça como plantar arroz, fazer farinha e criar galinhas, também revendia tecidos em Marabá e Xambioá. Estas características de bom moço e respeitador faziam parte da tática de aliciamento dos guerrilheiros do PCdoB.

O processo de alinhamento tinha como plano também a inserção na região de João Amazonas e de Elza Monnerat, ambos sexagenários, que foram introduzidos por Osvaldão na condição de parentes do mesmo. Ângelo Arroyo, metalúrgico de São Paulo, 41 anos, militante comunista também foi conhecido por entrar no Araguaia.

Os novos moradores da região eram conhecidos como “paulistas” por conta de suas características físicas, mas também porque eram pessoas solícitas, de nível intelectual mais elevado, sempre disposto a colaborar, sem contar o assistencialismo não só de ordem

¹³⁵ Especializados era a denominação dada às tropas de inteligência, descaracterizadas ou à paisana, que trabalhavam nos interrogatórios e utilizavam os diversos *modus operandi*, inclusive tortura. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6683-28-agosto-1979-366522-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso: 25 jul 2021.

¹³⁶ Castanhal significa: plantação de castanheiros-mansos. Disponível em: <<https://www.meudicionario.org/castanhal>> Acesso: 25 jul 2021.

¹³⁷ Ver relação de ANEXO B – Mapa da região. Fonte: PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil* ...p. 24.

auxiliar em problemas de saúde, mas também ensinando novas técnicas agrícolas ou pecuárias, como o trato da terra, irrigação da terra etc. A presença dos “paulistas” não chamou muito a atenção dos moradores da região, pois se tratava de um local de vaivém e de gente perseguida, que procurava a terra para se assentar.

Ridenti complementa que a guerrilha conseguiu simpatia da população, mas sem aprofundar o trabalho político, sendo que com a resistência do grupo guerrilheiro a população passou a considerar a guerrilha como indestrutível,¹³⁸ com destaque para Osvaldão. Segundo o autor, a longa resistência dos guerrilheiros serviu para que seus corpos fossem exibidos como verdadeiros troféus, como no caso de Osvaldão. Não obstante, a resistência da guerrilha em geral, foi insuficiente e defensiva com emboscadas e choques casuais com militares.



Figura 5 - Osvaldo Orlando da Costa (Osvaldão)¹³⁹

Nesta ocasião, com o AI-5 em vigor, a estrutura do PCdoB foi duramente reprimida pela polícia com prisões e mortes, a ponto de a reorganização do Comitê Central só acontecer com a adesão da Ação Popular (AP).

Ridenti finaliza seus apontamentos sobre a guerrilha afirmando que o embate final em 1973 se deu com a campanha de “cerco e aniquilamento”, terceira e última incursão dos militares na região, com a aplicação de tropas profissionais e mais adestradas neste tipo de combate. Também adotaram a tática de levar assistência à população da região com apoio de médicos e dentistas, paralelamente com a repressão, em que os militantes do PCdoB, acuadaos, foram levados a cabo, em dezembro de 1973. Os sobreviventes dispersaram-se na floresta, formaram cinco grupos, finalizando uma caçada com uso de crueldade. Todos os guerrilheiros haviam desperecidos até meados de 1974.

¹³⁸ RIDENTI, Marcelo (2007). *Esquerdas revolucionárias armadas nos anos 1960-1970...* p. 46.

¹³⁹ Líder do grupo do destacamento do PCdoB do Cameleiro no estado do Pará. Disponível em: <http://www.ultrajano.com.br/o-que-diriam-os-esportistas-da-guerrilha-do-araguaia/>> Acesso 07Ago2021.

Sobre a derrota no Araguaia, a direção do PCdoB reconheceu a semelhança das ideias do foquismo cubano. O dirigente Pedro Pomar aponta entre os erros cometidos que levaram ao fracasso da guerrilha: a má avaliação da conjuntura no país, a falta de uma política adequada de incorporação das massas à guerrilha, a subordinação dos fatores políticos do Partido às questões militares, a preparação da luta armada por setores especialistas e a necessidade da organização do Partido na área da guerrilha. O desfecho da maioria do Comitê Central, em dezembro de 1976, ocorreu com a operação de aniquilamento ao Comitê Central do PCdoB, no bairro paulista da Lapa e a morte de Pedro Pomar e Angelo Arroyo.

3.2. Operações militares na Guerrilha do Araguaia

Sobre as operações da Guerrilha no Araguaia nos apoiaremos nos trabalhos do pesquisador Claudius Viana,¹⁴⁰ que afirma ter sido o mais realista das experiências da Brigada de Infantaria Paraquedista em situação real de combate para aquele Grande Comando.¹⁴¹ O autor esclarece também sobre os trabalhos de pesquisa a respeito do assunto, em que os relatórios da *Comissão Nacional da Verdade* e da *Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos* foram mais aprofundados nas conclusões do autor.

A primeira campanha, chamada de “Operação Peixe”,¹⁴² teve início em 25 de março de 1972, quando os militares chegaram a Araguaia para obter informações relativas à presença de focos de guerrilha na região. Dela participaram cerca de 120 homens, quase todos recrutas, pertencentes ao 2º Batalhão de Infantaria de Selva, sediado em Belém, contando também com uma equipe de 47 militares da Força Aérea Brasileira, e marcada pela participação efetiva de tropa paraquedista: um destacamento de forças especiais com objetivo definido de “caça”; além da companhia de infantaria, contando com fuzileiros que almejavam fazer pontos de bloqueio e vasculhamentos ao norte da serra das Andorinhas.

A 3ª Brigada de Infantaria, vinculada ao Comando Militar do Planalto, atuaria com máximo uso de inteligência sob a chefia do capitão do Exército Brasileiro (EB) Márcio

¹⁴⁰ VIANA, Claudius Gomes de Aragão. *A Brigada de Infantaria Paraquedista: História institucional e cultura organizacional da tropa aeroterrestre brasileira*. Tese (Doutorado) Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, RJ. 2010.

¹⁴¹ Grande Comando são agrupamentos de Unidades comandadas por posto de general.

¹⁴² VIANA, Claudius Gomes de Aragão. *A Brigada de Infantaria Paraquedista...* p.263.

Augusto Ribeiro Maciel. Este contava com uma equipe composta por trinta agentes do Centro de Informações do Exército (CIE), acrescida por 15 homens do Centro de Informações da Aeronáutica e 5 homens do Centro de Informações da Marinha (Cenimar). Conforme relatos do trabalho de doutorado em que estamos nos apoiando, as equipes de inteligência teriam se recusado a prestar serviços sob o comando da 8ª Região Militar, por conta da ascendência militar dos oficiais generais sobre os comandantes locais. A disputa seria mitigada com uma operação em paralelo, denominada de “Operação Ouriço”.¹⁴³ O desfecho desse embate teve como saldo o aprisionamento de nove guerrilheiros e a baixa de um cabo, o integrante do Exército Brasileiro (EB) Osílio Cruz Rosa, numa ação de uma patrulha composta de um grupo de combate onde um sargento teria sido ferido, e também teria sido morto um barqueiro. Além de um morador da região Xambioá ter sido preso por militares da Polícia Militar de Goiás.

Na “Operação Presença”¹⁴⁴ (junho a setembro de 1972), foi confirmada a presença de guerrilheiros na região do Araguaia, e segundo Claudius Aragão Viana, duas equipes de paraquedistas das Forças Especiais ali se posicionavam com a missão de resgatar os restos mortais do Cabo Rosa. A missão acumulava também o propósito de assumir as operações no sul do Pará, numa substituição das tropas da 8ª Região Militar que teria sido concluída no final de maio de 1972. Caberia à 3ª Brigada de Infantaria enviar cerca de 100 homens do 10º Batalhão de Caçadores sediados em Goiânia – GO.¹⁴⁵

As Forças Armadas deveriam desenvolver ações de apoio à sociedade - Ações Cívicas Sociais (ACISO) - com serviços de médicos militares, dentistas, equipes de combate¹⁴⁶ à malária e técnicos do Instituto Nacional de Colonização Agrária (INCRA), com objetivo de fazer demarcação de terras e mutirões para emissão de registros de nascimento, casamento e carteiras de identidades. Com o desenrolar das ações, houve registro pelas Forças Oficiais de que quatro guerrilheiros foram mortos em confrontos com paraquedistas.

Na manhã de 2 de junho, na região de Caiano, também foi morto o civil Gurjão Farias. "Houve um encontro entre um “bando armado” composto por quatro terroristas e elementos das forças especiais da Brigada Paraquedista, tendo sido morto Farias (codinome Jorge) e ferido outro terrorista. Os demais fugiram levando o ferido", dizia um relatório,

¹⁴³ VIANA, Claudius Gomes de Aragão. *A Brigada de Infantaria Paraquedista...* p.263.

¹⁴⁴ VIANA, Claudius Gomes de Aragão. *A Brigada de Infantaria Paraquedista...* p. 264.

¹⁴⁵ VIANA, Claudius Gomes de Aragão. *A Brigada de Infantaria Paraquedista...* p. 264.

¹⁴⁶ *Documento comprova ação do Exército na guerrilha do Araguaia. O Globo*, 3 de dezembro de 1992.

que ainda descreve uma emboscada na qual morreu o guerrilheiro e militante do Partido Comunista do Brasil, Idalísio Filho, no dia 12 de julho de 1972.

Já a “Operação Papagaio”¹⁴⁷ ocorreu entre setembro e outubro de 1972, considerada em princípio um treinamento, mas conforme o relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV), duramente criticada, considerando que o Exército estava em exercício e deu cabo da vida de diversos militantes, quando relata que: “Vidas humanas são ceifadas como mero ‘exercício de adestramento’ de tropas militares”,¹⁴⁸ fazendo referência ao relatório descrito pelo general Bandeira ao CMP: “A manobra, como exercício de adestramento da tropa, alcançou plenamente seu objetivo”.¹⁴⁹ Foram deslocados cerca de 3.250 homens para a região conhecida como “Bico do Papagaio”, entre os estados do Pará, Maranhão e o atual Tocantins, e foi considerado o maior efetivo mobilizado pós - 2ª Guerra Mundial, com tropas das três Forças e órgãos de informações e pessoal de inteligência. Isso sem contar o quadro técnico utilizado (de guerra revolucionária em região de selva, com operações de contra guerrilha), com objetivos específicos, ações de comandos, pequenos grupos de combates, ocupação de pontos e suprimentos, além do desencadeamento de operações psicológicas e finalizando com as ACISO (Ações Cívico-Sociais). O saldo negativo imposto aos guerrilheiros foi de oito ativistas mortos nesta operação.

A “Operação Sucuri”¹⁵⁰ foi intensificada no final do primeiro semestre de 1973, sendo coordenada pelo Centro de Informações do Exército em conjunto com a 2ª seção da 3ª Brigada de Infantaria. Entre fevereiro e maio de 1973, foram treinados 35 agentes com objetivo de infiltração na região, dos quais a maioria possuía graduação de sargentos e cabos (com características físicas semelhantes ao da população e dos guerrilheiros). O comando da operação foi confiado ao general Milton Tavares. Com o êxito da operação Sucuri, esta desencadeou a Operação Marajoara entre outubro de 1973 e setembro de 1974.

A “Operação Marajoara”,¹⁵¹ comandada pelo Comando Militar da Amazônia com apoio do Centro de Inteligência do Exército (agora com os agentes descaracterizados, sem uso de fardas, equipamentos e armamentos), dividiam-se em duas fases: a prisão, consequência da neutralização da rede de apoio à guerrilha, e o vasculhamentos e investida nas áreas de depósitos. Para execução da operação, foram empregados 750 homens provenientes da Brigada Paraquedista, como também do Centro de Instrução de Guerra de

¹⁴⁷ VIANA, Claudius Gomes de Aragão. *A Brigada de Infantaria Paraquedista...* p. 264.

¹⁴⁸ Relatório Araguaia I, CNV, p. 7.

¹⁴⁹ Relatório Gen. Bandeira fl. 48.

¹⁵⁰ VIANA, Claudius Gomes de Aragão. *A Brigada de Infantaria Paraquedista...* p. 265.

¹⁵¹ VIANA, Claudius Gomes de Aragão. *A Brigada de Infantaria Paraquedista...* p. 266.

Selva (CIGS). Como aparato de apoio, utilizaram-se helicópteros, aviões para desembarque e infiltração de patrulhas através da selva. As incursões tiveram um saldo de 47 guerrilheiros mortos ou desaparecidos, e dados não confirmados sugerem entre 25 a 30 prisioneiros, sem baixas por parte dos paraquedistas.

Assim, Viana conclui que os paraquedistas haviam atravessado praticamente 25 anos de dura preparação para uma atividade nunca realizada. No Araguaia, pela primeira vez, surgiria a oportunidade para a produção de narrativas que descrevessem as realizações ímpares do grupo, a fim de que se concedesse espaço para emergência de heróis e para justificar os esforços individuais e coletivos despendidos até então. É por isso que o episódio pode ser pensado como a grande saga organizacional de sua época: mais do que a pura lembrança dos eventos. Seu legado se daria na forma de verdadeiras histórias de combate, que mesmo compartilhadas através de alegorias, concentrariam percepções e sentidos sobre a organização.

3.3. Memória da Guerrilha do Araguaia

Conforme Pollack,¹⁵² seguindo a metodologia durkheimiana sobre a construção da memória, faz-se necessário tratar os fatos sociais como coisas, como concretização do fato histórico. Entretanto, os costumes, as tradições culinárias, a mitologia, as manifestações folclóricas, músicas, danças e contos, ou o que hoje temos como bens imateriais, vê-se a edificação de uma memória não oficial intrínseca no dia a dia da coletividade.

Esta materialização de fatos históricos em monumentos, data comemorativa e celebrações de heróis ou de personalidades relevantes passam por um processo de massificação pela população, constituindo uma memória coletiva, muitas vezes por imposição da história dos vencedores ou dos detentores do poder, ou mesmo de grupos dominantes visando à durabilidade e à estabilidade de suas retóricas.

Pollack adverte sobre o que ele chama de memória subterrânea, ou dos esquecidos, “excluídos, dos marginalizados, e das minorias, que repassa sua história de forma oral.

¹⁵² POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro vol.2. N.3. 1989. P. 3-15. Disponível em:< <http://http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>.> Acesso não declarado.

Ressaltando, assim, a importância de memórias subterrâneas”, muitas vezes contrapondo à “memória oficial” de forma subversiva, no silêncio, e que muitas vezes afloram em momentos de crises ou de convulsões, descritas como a memória em disputa.

Pollack lembra que Maurice Halbwachs explica sobre a seletividade da memória e o processo de negociação, para conciliar a memória do coletivo e memória individual:

“Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos trouxessem seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.”¹⁵³

Em seus estudos, Pollack exemplifica que a memória subterrânea de grupos ou minorias reprimida, mas que viva no íntimo de seus componentes, emerge de forma abrupta como aconteceu no leste europeu na URSS durante o processo de destalinização¹⁵⁴ após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

Também podemos observar que uma clara demonstração da memória subterrânea deu-se no conflito ocorrido no Araguaia, em que os familiares e amigos dos militantes desapareceram em combate e ficaram órfãos de suas histórias, sem sequer fazerem suas homenagens póstumas, pois até os restos mortais destes seres humanos simplesmente foram subtraídos, sem qualquer explicação. Aqui cabe este registro dessa memória subterrânea, por motivos até judiciais, sem provas cabais. Neste momento não podemos afirmar qualquer hipótese de responsabilização, entretanto, a justiça de um Estado Democrático de Direito há de apurar e responder de forma convincente a estes questionamentos: o paradeiro destes restos mortais. Da mesma forma como aconteceu na Argentina, referente também aos desaparecidos políticos da ditadura argentina, a exemplo das “mães da praça de maio”,¹⁵⁵ trazemos para o debate, os fatos históricos acontecidos há cinquenta anos, que foram negados ou simplesmente ignorados pelas autoridades. É através da memória dos que investigaram tal história, como o caso de Fernando Portela - que teve seus trabalhos levados a público no final dos anos de 1970, através do Jornal *Tribuna da Imprensa* – que, como o próprio autor fala, “poucos, muito poucos, foram os brasileiros que na época conseguiram

¹⁵³ M. Halbwachs, op. Cit., p.12.

¹⁵⁴ Período posterior em que a URSS foi governado por Stalin.

¹⁵⁵ O movimento das Mães na Praça de Maio, em Buenos Aires, denuncia até hoje as prisões e torturas na ditadura argentina, de 1976 a 1983. No mesmo período, regimes parecidos assumiram o Executivo de outros países pela América Latina, possibilitando uma união nas estratégias de repressão dos cidadãos opositores. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/ditadura-argentina-maes-praca-maio/>>. Acesso: 04 Out 2021.

saber alguma coisa a respeito, mesmo assim de forma esparsa, mutilada e imprecisa”.¹⁵⁶ Portela lembra que nem mesmo a vitória das forças do governo sobre os guerrilheiros escapou dos órgãos censores, e que qualquer autoridade sequer tocou diretamente no assunto da guerrilha no interior do país.

Portela destaca que percorreu quilômetros, por várias cidades, inclusive no interior do baixo Araguaia, colhendo depoimentos, registrando fatos sobre a guerrilha com moradores do local e o pessoal que participou, direta ou indiretamente, do conflito. Conforme o editor chefe de reportagem da *Tribuna da Imprensa*, Elói Gertel, “quase tudo o que se viu foi dito em São Paulo, por exemplo, e repetido no sul do Pará, mereceu crédito. As informações que não coincidiam foram simplesmente postas de lado”.¹⁵⁷

Baseado nos livros de memória (Fernando Portela, Laércio da Silva Braga e Pedro César Miranda Fonteles Lima, Taís Morais e Eumano Silva e outros), no trabalho da Comissão Nacional da Verdade (2012) e nas pesquisas de Marcelo Ridenti e Claudius Viana nos leva a crer que o conflito apresentou um número de guerrilheiros, em torno de 65 militantes. Mal aparelhados, sem uma logística básica estabelecida, com armamento rústico e tendo como teatro de operações uma região de densa floresta Amazônica, os militantes do PCdoB mobilizaram cerca de dez mil homens das Forças Armadas, utilizando tropas especializadas (tropas paraquedistas, pessoal de inteligência). Além disso, utilizou-se um arcabouço bélico que incluía aeronaves (helicópteros, aviões), lanchas, viaturas leves e caminhões e outros aparatos bélicos e de comunicações, além de armamento e munição num embate que se arrastou por mais de três anos. É fato que o silêncio por parte do governo, além da imprensa com o papel colaboracionista do regime, como revisitaremos mais a frente, a consequência da Guerrilha foi o desaparecimento de parte dos militantes, além do uso de tortura, não somente contra os guerrilheiros, mas também contra os colaboradores dos militantes, entre os quais estavam os nativos da região, religiosos e outros. Para a sociedade, as consequências foram dissimuladas de aparente normalidade. Sobre a guerrilha, pouco ou quase nada foi veiculada por conta da censura à imprensa, com o consentimento dos grandes empresários de comunicação, a Grande Mídia.¹⁵⁸

¹⁵⁶ PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil...* p. 9.

¹⁵⁷ PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil...* p. 10.

¹⁵⁸ O complexo midiático brasileiro sempre esteve ligado às decisões políticas e aos governos e se constituiu por meio de oligarquias e de forma concentrada, onde poucas famílias são proprietárias e o controlam. Além da relação muito próxima da esfera política, a mídia brasileira incorpora padrões de mandonismo, autoritarismo, filhotismo, coronelismo, características presentes na fisiologia da nossa sociedade. Dessa maneira, no processo de desenvolvimento democrático brasileiro, a comunicação e os veículos estiveram envolvidos não raras vezes nas decisões fundamentais da sociedade, a portas fechadas com a presença de

A apresentação lembra que o trabalho de Portela tem entre os depoentes o bispo Alano Maria Pena e de outros religiosos que estiveram no Araguaia. O trabalho também abrangeu visita a presídios da região, consultou arquivos e registros, além de revistas, jornais e publicações clandestinas do exterior.

Importante também destacar os depoimentos dos caboclos locais que não se negaram a falar sobre o que presenciaram. Estes se deixaram fotografar e se identificaram, mas por questões éticas não foram revelados ou foram descaracterizadas para preservar as identidades dos nativos. Porém, conforme o editorial, o mesmo não pode ser constatado por parte do governo brasileiro, exceções de políticos Jarbas Passarinho, o coronel da reserva do Exército e senador pelo Pará, que reproduziu algumas histórias que lhe contaram e fez algumas observações gerais. O general Hugo de Abreu limitou-se a corrigir algumas versões e disse que não podia revelar outras coisas, mas continuou calado.

Ademais, outros autores podem-se também aí incluir no arcabouço de trabalhos de memória. A contribuição de Laércio da Silva Braga e Pedro César Miranda Fonteles Lima¹⁵⁹ são importantes trabalhos para o campo da pesquisa. Os autores argumentam sobre o apoio dos camponeses à guerrilha, o qual classifica como persistente e inquiridora. Todavia, a Guerrilha ocorrida no interior do Brasil tem visões paradoxais, parte dos brasileiros enxergam os atos dos militantes do PCdoB, como atos “terroristas”, “marginalizados”, especificamente os militares que os combateram na Guerrilha. Outros, entretanto, enxergam-nos como atos de “heroísmo” pelos guerrilheiros do Araguaia. É preciso conhecer mais sobre a guerrilha, seus propósitos e a quem pretendia atingir. É necessário compreender os jovens intelectuais que preferiram ir às armas por acharem que poderiam dar melhores condições de vida aos menos favorecidos, e que por contrapartida o Exército preferiu alcunhar como “marginais”, “terroristas”, “bandidos”, “subversivos”. O livro de Luís Maklouf Carvalho¹⁶⁰, “O coronel rompe o silêncio”, evidencia muito bem

governantes e dos proprietários. dos veículos de comunicação, tolhendo manifestações populares e elaborando narrativas próprias para influenciar a opinião pública. “Toma-se o Grupo Globo, por exemplo, maior grupo de comunicação do país, de grande alcance da sociedade brasileira, é uma presença marcada e constante nos Golpe de 1964 (Ditadura Civil- Militar)”. COSTA, Priscilla Pereira da. *A mídia e os Golpes: 1964 e 2016 pontos convergentes*. IX Jornada Internacional de Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão. São Luis, MA. 2019.

¹⁵⁹ BRAGA, Laércio; FONTELES, Pedro. *Guerrilha do Araguaia: luta e a apropriação da massa campesina (1972-1975)*. Belém, 2016. 79 p.; E-Book.
FONTE:

Disponível em <https://www.academia.edu/27332206/Guerrilha_do_Araguaia_luta_e_a_apropriacao_da_massa_campesina_1972_1975_pdf?auto=download>. Acesso 21 ago 2021.

¹⁶⁰ Lício Augusto Ribeiro, oficial do Exército brasileiro que atuou na linha de frente do combate à Guerrilha do Araguaia. À época da guerrilha, o coronel era major adjunto do Centro de Informações do Exército (CIE) e estava lotado no Escalão Avançado do gabinete do ministro do Exército, em Brasília. Seu nome de guerra era

estas questões.¹⁶¹

Paulo Fonteles,¹⁶² na condição de advogado dos posseiros no Sul do Pará, conseguiu catalogar em jornais, revistas, livros, arquivos particulares e documentos secretos das Forças Armadas, relatos dos camponeses, parentes e outros envolvidos no conflito. Tais documentos são de grande importância para nossa dissertação.

O propósito deste debate verifica a possibilidade de discussão da participação da população local na perspectiva histórica, no ângulo “visto de baixo”, num grau de investigação da Guerrilha do Araguaia e seus atores envolvidos.

Podemos também, a respeito da Guerrilha do Araguaia, apoiar-nos em depoimentos do pesquisador, jornalista, poeta e dirigente nacional do PCdoB Adalberto Monteiro.¹⁶³ Monteiro atribui que seria uma exaustão da luta armada nas cidades e da guerrilha urbana, o motivo pelo qual o PCdoB começou a vislumbrar nos campos o centro gravitacional para uma nova resistência armada. Não coincidentemente com a chegada de Osvaldão na região do Araguaia, deu-se um fato importante em dezembro de 1968: a decretação do AI-5. A partir daí, as condições do estado político policial pioraram. Qualquer que fosse a manifestação de insatisfação, não só as esquerdas, mas qualquer oposição ao regime estabelecido era motivo para a repressão em nível mais extremo, incluindo a tortura. Em seus relatos, Monteiro fala que o simples ato de assinar um abaixo assinado geraria um inquérito e consequências irreversíveis. Monteiro lembra que a resistência armada agora não se daria por opção, mas sim por questão de sobrevivência, como lembra o poema de Brecht sobre a violência revolucionária “um rio que tudo arrasta se diz violento, mas não se diz que violentas são as margens que o cercam”.¹⁶⁴

O professor Jayme Ribeiro em sua pesquisa¹⁶⁵ de conclusão de mestrado faz uma reflexão sobre o papel do PCB pós II Guerra Mundial e seu posicionamento sobre a opção

“Dr. Asdrúbal”. Para saber mais ler “*O coronel rompe o silêncio*”, de Luiz Maklouf Carvalho, Objetiva, 2004.

¹⁶¹ Neste diálogo temos que analisar o que se entende por contraditório de um lado a versão dos ativistas do PCdoB (Fonteles) marcando suas posições sobre sua luta de contra a ditadura, do outro lado (Maklouf) dando a versão de quem defendeu o sistema estabelecido em nome de sua própria honra de “dar a vida se preciso for pela pátria”, em juramento à Pátria. A problemática é que um está em nome de Estado e ver seu oponente como um marginal, e no vale tudo de um confronto de vida ou morte, o instinto por sobrevivência prevalece, porém na mesma circunstância se encontra os ativistas do PCdoB que também além de lutarem por um ideal lutaram também por suas vidas. A questão é se em plena selva amazônica até que ponto as situações de equilíbrios de forças foram observadas? E o que seria uma ação de confronto ou de covardia que as próprias testemunhas, se houve, não quer falar.

¹⁶² Paulo Fonteles, ex-deputado pelo PMDB, mas que atuava na clandestinidade pelo PCdoB e morto em 1987.

¹⁶³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ov4JRzINtl0>>. Acesso: 30 Ago 2021.

¹⁶⁴ BRECHT, Bertold. “*Poemas*”, Lisboa, Editorial Presença, 1973, p. 71.

¹⁶⁵ RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da Paz”*: a participação dos comunistas brasileiros na Campanha pela Proibição das Armas Atômicas (1950). Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 2003.

por enfrentamento ao poder estabelecido, no qual denominou de “O dilema do PCB: pacifismo ou radicalidade”. Conforme Jayme Ribeiro, até 1948, o temor por um novo conflito com o protagonismo, agora entre EUA e URSS, fez com que a imprensa comunista inclinasse em direção a manifestações em prol da paz. Manchetes como “Paz ao Mundo”, “Os ex- combatentes e a Paz”, “Milhões de Assinaturas contra a Bomba Atômica”,¹⁶⁶ entre outras proliferaram nos noticiários comunistas. Neste contexto, a associação da luta pela paz com a liberdade sindical era conexa. Da mesma forma, acreditava-se que a não exportação de minérios e insumos para fabricação de bombas atômicas estariam contribuindo para a luta pela paz. Com isso, houve um robustecimento dentro do partido, no sentido de um posicionamento de proibição das bombas atômicas. Porém, eram travados intensos debates no interior do PCB a respeito do posicionamento pela linha pacifista de Moscou, ainda mais com a condição de ilegalidade (1947) em que o partido ficou.

O professor Jayme Ribeiro apoiado nos argumentos de Leôncio Martins Rodrigues afirma que a posição “a linha de união nacional” no período de legalidade estava construída de fora para dentro, no período de “convivência pacífica” entre EUA e URSS. Entretanto, Jayme lembra que instituições como as Forças Armadas e a Igreja ainda persistiam numa convivência conflituosa com os comunistas, mas que por parte dos comunistas continuavam firmes em seus propósitos de união nacional.

Contudo, com o desgaste das relações entre EUA e URSS, e conseqüentemente o alinhamento do Brasil ao EUA, a repressão aos comunistas pelo governo brasileiro se intensificou com a proibição de atividade de entidades de classes tanto trabalhadora quanto estudantil. Com isso, a linha moderada de “união nacional” foi totalmente abandonada e substituída por uma linha agressiva, ultraradical, orientada para derrubada do governo. A partir daí, o PCB dever-se-ia preparar para as lutas revolucionárias de massas, desistindo, assim, do viés pacifista.

Com base na teoria defendida por Leôncio Martins Rodrigues, agora com um tom revolucionário, divulgada em 1948, publicada em 1950, Prestes assina o “Manifesto do Agosto” como ficou conhecido. Este classifica o governo de Dutra como de “traição nacional que entrega a nação à exploração dos bancos, trustes e monopólios anglo-americanos...”

Prestes, na condição de líder maior do comunismo no Brasil, alerta sobre a iminência de um conflito muito mais perigoso e devastador, que foi a II Guerra Mundial,

¹⁶⁶ RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da Paz”*... p.49.

evidenciado na Guerra da Coreia. Fato que o periódico *O Jornal* após uma hesitação do presidente dos EUA, Harry Truman, publicou em letras garrafais: “USAR BOMBA ATÔMICA NA LUTA ASIÁTICA”.¹⁶⁷ Neste artigo, o jornal descreve a necessidade da utilização do arsenal atômico dos governos ocidentais no conflito da Coreia.

O manifesto conclamava a formação de comitês da “Frente Democrática de Libertação Nacional”, baseado na lógica marxista, como única maneira de resolver os problemas que o Brasil enfrentava no momento, por meio de lutas revolucionárias para que se alcançasse a independência, o progresso e a democracia.

Conforme Jayme Ribeiro, o Manifesto de Agosto, além de denunciar o governo Dutra de “traidor nacional, entreguista, negociata”, também faz críticas à política externa dos EUA e seus aliados de intervencionista, como ocorreu na Coreia. O manifesto propagava: “confisco das grandes propriedades latifundiárias, sem indenização”, entrega da terra aos camponeses, bem como o direito de voto para os analfabetos, soldados e marinheiros.

O desfecho foi o isolacionismo do PCB ante aos que os comunistas chamaram de “demagogos esquerdistas da UDN” e os oposicionistas do PTB e PSB, sobre os movimentos de organizações populares, nacionalistas, femininas, estudantis e culturais com atritos permanentes com estas entidades e com os órgãos sindicais acusados pelos comunistas de estarem a serviço da burguesia e do latifúndio. Estas entidades agora seriam reformuladas novas, revolucionárias, puras, autônomas, independentes e paralelas. Portanto, levado ao insucesso, ratificando o trabalho de Reis Filho.¹⁶⁸

Com isso o “Manifesto do Agosto” seguiu pelos rumos da luta pela paz, contra Guerra da Coreia e por melhores condições de vida e de trabalho. Associado à campanha “O Petróleo é nosso”, os comunistas mantiveram-se na vida política em atividade, apesar da clandestinidade. Isso teve como consequência, além do isolamento político, a debandada de membros e simpatizantes de seus quadros, bem como a repressão policial. O professor Jayme Ribeiro ratifica que, durante o governo Dutra, o tratamento ao partido e aos movimentos sindicais foi arbitrário, severo, repressivo e feroz.

Jayme Ribeiro, agora apoiado nos argumentos de Marco Aurélio Santana, observa certa ambiguidade no PCB, pois no ambiente internacional pregava a paz e internamente uma revolução com a tomada do poder pela força. É importante destacar que internamente

¹⁶⁷ RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da Paz”...* p.53. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1950.

¹⁶⁸ RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da Paz”...* p.56.

as posições conflitantes eram acirradas com uma resistência à radicalização e a busca por meios legais de luta pelo poder e busca pelo *status quo*¹⁶⁹ institucional. Jayme Ribeiro resume a situação dúbia por parte do PCB: “Com isso, fica difícil tentar entender como o Partido, naquele momento, estaria interessado em lutar pela paz – e mobilizava sua militância para isso – ao mesmo tempo em que pregava uma revolução.”¹⁷⁰

Professor Jayme Ribeiro conclui que em especial os Partidos Comunistas da América Latina, mesmo com relutância e contrariedades, acataram as orientações da Kominform¹⁷¹: “a luta pela paz”.

Especificamente sobre a Guerrilha do Araguaia podemos dizer que se tratou de um conflito não convencional, ou guerra interna, pois foi um conflito entre as Forças Armadas Brasileiras contra um grupo de militantes do PCdoB que tinham por objetivos a tomada ou independência daquela região da ditadura vigente no país, mas se limitou à região do baixo Araguaia, região conhecida como “Bico do Papagaio”, entre os estados Pará, Maranhão e Goiás (atual Tocantins). Utilizou como princípio de estratégia de combate tipo foquismo. Este princípio, entretanto, não extrapolou a zona de atrito, como em outras ocasiões. E nosso entendimento, um dos prováveis motivos do fracasso do grupo de guerrilheiros. O conflito foi travado entre as Forças Oficiais, constituídas por frações do Exército, Marinha, Força Aérea Brasileira e pelas polícias dos estados do Pará, Maranhão e Goiás (inclui as polícias civil e militar) contra um grupo de militantes do PCdoB, ocorrido no final dos anos de 1960 e finalizado em 1975.

¹⁶⁹ RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da Paz”*... p. 60.

¹⁷⁰ RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da Paz”*... p. 60.

¹⁷¹ *Cominform*: Sigla do Bureau de Informação dos Partidos Comunistas e Operários, organização soviética criada em setembro de 1947, numa reunião em Szklarska-Poreba, na Polônia. Seu principal organizador foi Zhdanov. A sede inicial do *Cominform* era localizada em Belgrado, mas, após a expulsão da Iugoslávia do grupo, em junho de 1948, a sede foi transferida para Bucareste.

O propósito do *Cominform* era coordenar ações entre partidos comunistas sob orientação soviética. Dessa reunião resultou a radicalização esquerdista dos regimes políticos do Leste Europeu. Depois da guerra, haviam se instalado governos de coalizão nesses países, com representantes de partidos tradicionais junto com os comunistas. Porém, a direção soviética resolveu responder ao desafio capitalista da Guerra Fria com a imposição de governos só de comunistas, chamados de “democracia popular”, que Stalin definiu como uma forma de ditadura do proletariado. Ou seja, estabeleceu-se em todo o Leste Europeu o regime de partido único. O *Cominform* possuía seu próprio jornal o semanário “Por uma paz duradoura, por uma democracia popular!”. O *Cominform* foi dissolvido em 1956.

Desde o início, a imprensa ocidental passou a chamar o Bureau de Informação de Kominform, por analogia com a sigla Komintern, formada das palavras russas *Kommunističeskii Internatsional* (Internacional Comunista). Kominform seria, pois, a sigla do *Kommunističeskaia Informácia* (Informação Comunista), que não existia com esse nome. Mas foi ela que se tornou conhecida no mundo inteiro, e não a sigla oficial, que era Informbiurô. A princípio os comunistas identificavam na sigla Kominform uma provocação da imprensa burguesa, mas, por fim, Khrushchov a utilizou, dando-lhe, pois, foros de legitimidade no movimento comunista internacional.

Disponível em

<<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/cominform.htm>> Acesso 25 ago 2022.

Completando os trabalhos enquadrados dentro de “memória”, mas já rebuscado de um criterioso trabalho de pesquisa, podemos observar os documentos apresentados no livro de Tais Morais e Eumano Silva “Operação Araguaia, os arquivos secretos da guerrilha”¹⁷² no qual os autores apresentam documentos sigilosos e secretos, assinados por autoridades como o general de brigada Antonio Bandeira, comandante da 3ª Brigada de Infantaria, do general Olavo Viana Moog, Comandante do Comando Militar do Planalto/11ª. Região Militar (CMP/11ª. RM), que estiveram no teatro de operações na região do Bico do Papagaio. O trabalho dos pesquisadores apresentam relatórios com ordem de operações das missões das pequenas frações de suas atribuições, fotos dos destacamentos no terreno, materiais e armamentos empregados pelas tropas e apreendidos, constituições de apoio logístico, planilhas de apoio material e pessoal empregados, críticas sobre materiais e ações de combate, objetivos alcançados, valores em moeda da época, utilizados na operação, enfim um apanhado valioso que foi corroborado nos relatórios da Comissão Nacional da Verdade (2012).

A análise que se pôde fazer destes documentos teve início através da doação ocorrida em 23 de outubro de 2009, atendendo à campanha do projeto Memórias Reveladas, veiculada pela televisão, para encaminhamento, por doação, de documentos ao Arquivo Nacional ou entidade congênere, relacionados ao período 1964-1985. O material foi reunido pela jornalista Taís Morais na elaboração de seu livro, em coautoria com Eumano Silva, sobre a Operação Araguaia. Documentos fotocopiados de arquivos militares sobre o tema Guerrilha do Araguaia, utilizados na elaboração de livro publicado em 2005 estão disponíveis na Comissão de Anistia (Brasil) Ministério Público Federal de São Paulo. Sobre o coautor Eumano Silva¹⁷³ sabemos que é repórter e editor passou pela revista *IstoÉ*, foi editor chefe do *Correio Brasiliense*, prestou consultoria à Comissão da Verdade do Governo Federal, depois foi o diretor da *Editora Globo*, em Brasília. Eumano também comandou a sucursal da revista *Época*, e em 2013 assumiu como editor chefe da *Veja*, em Brasília. A obra demandou sete anos de pesquisas, enquanto trabalhavam no *Correio Brasiliense*, entre documentos das Forças Armadas Brasileiras e do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Conta também depoimento de sobreviventes de ambos os lados em conflito, além de moradores da região, camponeses e familiares, que vivenciaram as operações. Um trabalho jornalístico recheado de documentos oficiais do Exército, Marinha

¹⁷² MORAIS, Tais, SILVA, Eumano. *Operação Araguaia: Arquivos secretos da Guerrilha*. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

¹⁷³ Disponível em: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/eumano-silva/>> Acesso 28 ago 2022.

e Aeronáutica, fotos, cartas topográficas da região, certidão de óbito, boletins reservados.

Referente ao conteúdo do livro, o que se observou pela formatação e tipo de escrita, preocupação com a ortografia, mesmo com o uso de máquinas de datilografar, merecem uma respeitável consideração, apesar de serem fotocópias, no que diz respeito à veracidade dos seus conteúdos. Outro fator interessante que comprovadamente, relativo às autoridades que assinaram os referidos documentos estavam no comando das respectivas Organizações Militares como foi o caso do general de brigada Antonio Bandeira¹⁷⁴ no comando da Comandante da 3ª Brigada de Infantaria e do general Olavo Viana Moog,¹⁷⁵ Comandante do Comando Militar do Planalto/11ª. Região Militar (CMP/11ª. RM) de 1972-1973. Sobre a documentação encontrada, comprovadamente ela segue uma ordem cronológica e seguem observações da parte operacional e ensinamentos doutrinários previstos em manuais, como por exemplo: “a recomendação do uso do armamento em guarda-alto, posição de tiro intermitente para operações de tipo emboscada, uso de frações Grupo de Combate não superior a 12 combatentes, tipo de uniforme para progressão através selva, tipo gôndola de combate, tempo mínimo de aclimatação e ambientação em região de selva”. Todas as documentações relativas de ordem à patrulha estão plenamente consolidadas. Os relatórios sanitários e as planilhas de custos apresentam-se em moeda corrente da época e também merecem relevantes destaques e dizem respeito à veracidade. O grande questionamento é a respeito de como se chegou a estas fontes se são consideradas até hoje sigilosas ao conhecimento público?

Dentre os relatórios¹⁷⁶ há observações dos superiores referentes ao uso em documentos oficiais de expressões regionalistas ou gírias, dificultando o entendimento dos mesmos. Também chamam atenção, as composições das frações empregadas nas operações e o tamanho do pelotão, que foi acrescido de um soldado socorrista (enfermagem-padioleiro), com complemento de equipamento de primeiros socorros, um cozinheiro (rancheiro) com equipamentos de cozinha e ração fria, além de operador de comunicações. Estes ofereceram melhores resultados, dando-lhes melhor mobilidade e extensão do prazo para cumprimentodas missões.

Relativo ao combate individual nos relatórios de críticas dos grandes comandos observa-se que houve aclimatação, em geral, de quatro a oito dias de adaptação dos

¹⁷⁴ Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/bandeira-antonio>> Acesso 28 ago 2022.

¹⁷⁵ Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/moog-olavo-viana>> Acesso 28 ago 2022.

¹⁷⁶ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 234.

combatentes da 3ª. Brigada de Infantaria, devido ao calor e umidade, tendo em vista que os militares eram oriundos de outras regiões do país. Relativo aos equipamentos utilizados, conforme os relatórios, os coturnos de selva tiveram razoável operacionalidade no conflito, mas com restrições principalmente às marcas dos solados dos coturnos deixadas no terreno. Com relação ao uniforme, observou-se que para as operações de emboscadas o uso do armamento na posição de tiro de intermitente se deu por necessidade de precisão na pontaria, e o uso das camisetas de meia manga de tecido de algodão camufladas, com tintas verdes dissimulando a vegetação mais leve e, assim, tiveram resultados proveitosos.

Nos relatórios de crítica e oportunidade de melhorias foi observado que as gôndolas para as ações de progressão, em patrulhas através selva, tendo em vista os incômodos por motivo de mosquitos, espinhos e pequenos animais, eram mais eficientes e protegiam melhor os combatentes em ação. Outra recomendação, nos relatórios, foi sobre o uso do armamento na posição de tiro automático, o Fuzil Automático Leve (FAL).¹⁷⁷ Os relatórios observaram ainda o uso das redes de nylons impermeáveis, as redes de selva, de fácil transporte, leves, que poderiam ser facilmente armadas para pernoitar em ambiente de selva, o uso de poncho e talheres operacionais articulados e o uso de cantil, indispensável nas operações.

Outra recomendação contida nos relatórios referia-se aos armamentos, o uso de FAL (Fuzil Automático Leve) com dois carregadores municiados com 20 cartuchos, cada um, dando maior poder ofensivo à tropa, assim como, a manutenção em primeiro escalão nos armamentos.

Os relatórios remetem também ao comportamento das tropas nas operações, demonstrando que o menor peso das mochilas e dos equipamentos utilizados em combate foi mais eficaz. Outra observação feita nos relatórios diz respeito aos equipamentos de comunicação deficitária. A falta de observância das Instruções de Comunicações causou prejuízos no sigilo das comunicações, bem como o uso de senhas e contrassenhas utilizadas de formas isoladas por parte de uma Unidade subordinada, que proporcionou confusão nas comunicações.

Outra observação foi utilização de uma rede submersa no leito do rio Araguaia e do rio Xavante. O documento também tratou dos problemas com as Polícias Militares dos estados de Goiás e Pará, relatando o despreparo, alcoolismo e arbitrariedade por parte de seus componentes. Os relatórios colocam ainda que foi notável a diferença com relação ao

¹⁷⁷ Este armamento o FAL, posteriormente foi substituído por Para-FAL, que é uma adaptação do mesmo FAL, com a coronha mais leve. Ver anexo IV.

desempenho dos GC (Grupos de Combate)¹⁷⁸ e também a recomendação para que a segurança na base fosse de forma circular, com postos avançados com observação e disciplina de luzes e ruídos. Outra observação foi referente à ordem preparatória para as operações, sempre precedida de um reconhecimento.

Nos relatórios que tratavam do apoio logístico foi prescrito que seriam utilizadas as residências no Rodobras, quartéis da Polícia Militar do estado de Goiás, além da previsão dos pontos de banho, jantar quente, café da manhã e para o almoço ração fria. O relatório também se referia a críticas aos tecidos de brim utilizados nos uniformes,

No quadro de consumo de combustível¹⁷⁹ um montante de CR\$ 32.500,00 (trinta e dois mil cruzeiros) gastos em gasolina e óleo diesel. Uma planilha¹⁸⁰ de efetivo utilizado de homens, conforme suas Unidades de origem. Outros dados apresentados foram o de exame laboratorial de água consumida,¹⁸¹ quadro de serviço médico,¹⁸² aeronaves empregadas nas operações, além das operações psicológicas de propaganda de contraguerrilha, de fomentação à deserção dos guerrilheiros e de ACISO,¹⁸³ gerando um custo em torno de CR\$ 15.400,00 (quinze mil e quatrocentos cruzeiros), realizados com o apoio da 11ª. Região Militar, além do apoio de serviços gerais, junto às Prefeituras Municipais com pintura dos ginásios cobertos e de escolas.

Em face aos relatórios das ações de combates, conforme o do Comando Militar do Planalto (CMP), de 16 de setembro de 1972 a 25 de setembro de 1972, consta de sete baixas ocasionadas por acidentes com viaturas, tendo como consequência o óbito de um civil, tratorista numa colisão de uma viatura militar. Vale lembrar que também houve, em decorrência deste acidente, as baixas de um sargento e de dois soldados feridos. O quadro médico de óbitos¹⁸⁴ entre os acidentes e a morte em decorrência dos combates tem também o caso do suicídio do soldado Jaime Kardiwski, que em seu laudo legista apresentava problema de psicopatia. Tal relatório trata de inúmeras outras questões, tais como: a localização do triângulo, formado pelas cidades de Marabá, no Pará, Xambioá e Araguaatins, ambas no estado de Goiás, promovida pelas ações da FOGUERA (Forças Guerrilheiras do Araguaia), as atividades insurrecionais dos revolucionários, constando treinamentos de tiro,

¹⁷⁸ GC Grupo de Combate menor fração constituída em geral comandada por um sargento, um cabo e dez soldados.

¹⁷⁹ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 271.

¹⁸⁰ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 278.

¹⁸¹ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 281.

¹⁸² MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 282.

¹⁸³ ACISO – Ação Cívico-Social de assistência médico odontológica, postos de identificação civil, regularização serviço militar e outros serviços.

¹⁸⁴ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 329.

marcha, orientação de educação física, cujos recursos financeiros oriundos do PCdoB eram decorrentes de ações de expropriações, conforme os guerrilheiros, e de contribuições de militantes e simpatizantes e também de recursos externos e de ambas as fontes. No mesmo relatório consta a relação de presos e mortos nas operações.¹⁸⁵

Continuando o dossiê documental é encontrado o relatório do Corpo de Fuzileiros Navais, cujo assunto trata da Operação Papagaio, que orienta a tropa evitar atrito com a população civil e procurar criar maior entrosamento com a população local, com a finalidade de contrair um apoio às tropas oficiais. O Anexo “A” do referido documento, relata um histórico do PCdoB, com o objetivo de sufocar os focos de guerrilha, fazer a delimitação geográfica entre a Transamazônica, rio Araguaia e a serra das Andorinhas, além de elencar os componentes da guerrilha: João Amazonas, Angelo Arroio, codinome Joaquim, Maurício Gabraios, o Velho Antonio, João Carlos Haras, o Joca, na região do Caiano. A região do Castanhal era comandada por Antonio Guilherme. No mesmo documento há o relato de membros da guerrilha em fazer justiça com colaboradores das Forças Armadas.

No documento consta também relato que Dinalva Conceição da Silveira, a Dina, em companhia de oito homens percorreu várias casas no povoado de Pau Preto.

A Operação Sucuri traz nos seus relatórios o organograma¹⁸⁶ da operação e faz menção de não prender militantes, a exceção de Osvaldão. Esta operação foi orçada em CR\$ 157.360,00 para 30 dias, tendo o seu início no dia 14/05/1973.

O relatório traz os componentes dos destacamentos Faveiro,¹⁸⁷ Gameleira, Castanheira, e Couro D’Antas, além de relatar deficiência da aparelhagem de comunicação. Os arquivos secretos dão destaque aos mortos e aos desaparecidos em combate, Sgt Mário Abraham e a morte do Sgt Luis.¹⁸⁸

Por fim este relatório faz uma análise pelo SNI, do PCdoB tendo, como um fator preponderante, o seu propósito pela luta armada.

¹⁸⁵ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 352.

¹⁸⁶ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 486.

¹⁸⁷ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 504.

¹⁸⁸ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 558.

3.4. Censura silêncio e silenciamento

Conforme o trabalho das pesquisadoras Lígia Prado e Capelato,¹⁸⁹ brilhantemente, advertem que devemos analisar as fontes impressas sem a concepção de que estas sejam imparciais. Este cuidado se justifica porque o periódico é direcionado a um nicho ou a um público, agindo como veículo de difusão de ideias e formação de opinião, além de ser uma empresa que defende seus próprios interesses. Dessa forma, é a partir dessas indicações teóricas que procuramos perceber qual o papel da imprensa a respeito da divulgação, da veiculação de informações e da construção de representações sobre a Guerrilha do Araguaia.

Aproveitando os ensinamentos de Jacques Le Goff que afirma “nenhum documento é inocente”¹⁹⁰, o objetivo é alcançar o que ele chama de “discurso fonte”, que seria o interesse e a atuação em alcançar o público leitor a que se direciona, evitando uma análise precipitada ou sem aprofundamento.

No caso do Araguaia foi diferente. O silêncio imposto pelos órgãos oficiais do governo era outro importante dado a ser problematizado. Este silêncio gerou uma verdadeira “caixa de pandora”, sobretudo o que ocorreu no Bico do Papagaio, e que até hoje vem sendo investigado: qual o destino dos militantes do PCdoB? Esse é um questionamento do nosso trabalho.

Essa era uma prática das ditaduras latino-americanas, como podemos constatar no caso das “mães de maio”,¹⁹¹ na Argentina. A estrutura montada pela ditadura militar diferenciava-se de governos anteriores, como o do período de Vargas, pela metodologia empregada. Atuavam dentro das redações, com cortes em matérias jornalísticas, além de censurar outras formas de expressões culturais, como músicas, peças teatrais, novelas e filmes. Um importante dado a ser estudado é o porquê desta pesada censura imposta no

¹⁸⁹ CAPELATO, Maria Helena Rolim; Prado, Maria Lígia Coelho. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal "O Estado de S. Paulo"*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1980.

¹⁹⁰ LAPUENTE, Rafael Saraiva. *A IMPRENSA COMO FONTE: APONTAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS INICIAIS ACERCA DA UTILIZAÇÃO DO PERIÓDICO IMPRESSO NA PESQUISA HISTÓRICA*. REVISTA DE HISTÓRIA Bilros História, Sociedade e Cultura. Bilros, Fortaleza, v. 4, n. 6, p. 11-29, jan.- jun. 2016. Seção Artigos. p.13.

¹⁹¹ O movimento das Mães na Praça de Maio, em Buenos Aires, denuncia até hoje as prisões e torturas na ditadura argentina, de 1976 a 1983. No mesmo período, regimes parecidos assumiram o Executivo de outros países pela América Latina, possibilitando uma união nas estratégias de repressão dos cidadãos opositores. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/ditadura-argentina-maes-praca-maio/>>. Acesso: 04 Jan 2021.

Brasil. No caso da Guerrilha do Araguaia, já se passaram 50 anos e não se tem notícia dos desaparecidos.¹⁹²

Marcado pela atuação nos setores culturais com proibição de letras musicais, peças teatrais e no cinema e nas telenovelas, cabe lembrar que existiam dentro das próprias redações de jornais e televisões as chamadas censuras prévias, além dos censores de dupla jornada, que tanto atuavam nas redações quanto nos órgãos censores.

O professor Carlos Fico nos ensina que, com a liberação de documentos considerados SIGILOSOS, veio à tona os esclarecimentos sobre os setores repressivos da ditadura militar e as instâncias da polícia política do regime: a espionagem, a propaganda política e a censura. Esta estrutura tinha o caráter homogêneo entre os setores que vieram a ser designados como que na leitura dos pesquisadores, sobre o assunto denominaram de “*porões da ditadura*”. Entretanto, ao contrário, “sabemos hoje que havia grandes diferenças, por exemplo, entre os órgãos de informações e os de segurança, bem como grandes conflitos entre o Serviço Nacional de Informações (SNI) e o Centro de Informações do Exército (CIE)”¹⁹³, ou entre a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), responsável pela propaganda, e toda a “*linha dura*”.

Sobre a censura nos quatro anos posteriores ao Golpe de 64, a afirmativa de que não houve censura à imprensa nesta fase é quase uma ingenuidade. A versão de que os anos do presidente Castelo Branco não demandavam tanto esses serviços, tendo em vista a impressão geral de que a intervenção poderia ser breve não se sustenta, devido ao fechamento do *Correio da Manhã* e outros diversos exemplos. A censura à imprensa existiu quando necessária, mas de maneira episódica.

Carlos Fico constata, em sua pesquisa, que a partir da decretação do AI-5 (em dezembro de 1968), o *decretum terribile*¹⁹⁴ permitia praticamente tudo relativo à intensificação à censura, especificamente nos anos de 1971 e 1972, coincidentemente, anos

¹⁹² Morte presumida (desaparecido), no tratamento que foi dado à morte da pessoa natural e suas possibilidades de constatação. Em regra, tal circunstância pode ser constatada pela cessação das funções vitais, que indica o falecimento do indivíduo. No entanto, em circunstâncias excepcionais, em que não é possível averiguar tal ocorrência por não se dispor do corpo da pessoa em questão, a morte pode ser juridicamente presumida, possibilitando assim a produção de seus efeitos. A morte presumida é, portanto, um instituto jurídico que permite a constatação do término da existência da pessoa natural em vista da grande possibilidade de seu falecimento, bem como da necessidade de produção dos efeitos civis que decorrem desse fato. Dentre os seus efeitos, podemos apontar à extinção do poder familiar, a dissolução do vínculo conjugal, a abertura da sucessão, a extinção de contrato personalíssimo etc., situações que somente se concretizarão no mundo jurídico se a morte tiver sido reconhecida. Disponível em: <<https://chcadvocacia.adv.br/blog/morte-presumida/>> Acesso 01 out2021.

¹⁹³ FICO, Carlos. *'Prezada Censura': cartas ao regime militar*. Topoi (Online): revista de história, v. 3, 2002.p.252.

¹⁹⁴ uma decisão terrível.

da deflagração da guerrilha do Araguaia.

Antes, porém Fico adverte que, ainda em 1964, com a implantação da “Operação Limpeza” (prisões, cassações de mandatos e suspensões de direitos políticos dos inimigos), um grupo de oficiais-superiores foi designado para presidir os Inquéritos Policiais Militares (IPM), que conduziam às punições mencionadas. O general Costa e Silva¹⁹⁵ assumiu como “Comando Supremo da Revolução”, que se transformou em uma espécie de grupo de pressão, considerado guardiões dos “verdadeiros objetivos da Revolução”.

Fico afirma que, com a chegada de Costa e Silva à presidência da República (a contragosto de Castelo Branco) e a institucionalização do AI-5 ocorreu a vitória da chamada “linha dura”, no período ditatorial, criando, assim, a polícia política¹⁹⁶ - um sistema nacional de “segurança interna” que permitia: os arroubos democráticos desde a censura de ordem de entretenimentos (teatro, música, cinema, novelas); a intensificação de espionagem; o confisco do material do jornal *Opinião* (1973), o qual teve julgamento em favor do referido jornal pelo STF (Supremo Tribunal Federal) em desfavor do Decreto-lei n 1.077, de 26/01/1970, que instituía a censura e previa contra as publicações que atingiria a moral e bons costumes. Entretanto, através de uma deliberação do presidente da República Emilio Garrastazu Médici, baseado no AI-5, - que nesta questão, o professor Fico teve sua opinião compactuada com a da professora Beatriz Kushnir - o decreto legalizou a censura prévia da imprensa.

Para Kushnir, o estratagema teria sido feito através de um “decreto-secreto”, mas excedível - “decretos reservados”, que nunca foi usado para regular a censura. O despacho de Médici foi apenas um “autorizo” exarado num simples ofício do ministro da Justiça,

Beatriz Kushnir disserta também sobre o papel colaboracionista¹⁹⁷ da imprensa ao regime militar, especificamente pós-AI-5, pois os próprios jornalistas eram policias e vice-versa “homens de jornal” dentro do contexto da censura prévia autorizados pelos donos:

[...] um equívoco que a esquerda geralmente comete é o de que, no Brasil, o Estado não é capaz de exercer o controle, e sim a classe dominante, os donos. O Estado influi pouco, porque é fraco. Até no caso da censura, ela é dos donos e não do Estado. Não é o governo que manda censurar um artigo, e sim o próprio dono do jornal. Como havia censura prévia durante o regimemilitar, para muitos jornalistas ingênuos ficou a impressão de que eles e o patrão tinham o mesmo interesse em combater a censura.¹⁹⁸

¹⁹⁵ FICO, Carlos. *'Prezada Censura': cartas ao regime militar* p.254.

¹⁹⁶ FICO, Carlos. *'Prezada Censura': cartas ao regime militar...* p. 255.

¹⁹⁷ KUSHNIR, Beatriz. “Pelo viés da colaboração: a imprensa no pós-1964 sob outro Prisma”. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 27-38, dez. 2007.

¹⁹⁸ Abramo, Claudio. *A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, pp. 118 e 120.

Kushnir também observa que na época pós AI-5 (1968) as empresas jornalísticas no Brasil eram comandadas por famílias, como observado no caso do *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S Paulo*, *O Globo* e as Editoras Bloch e Abril. A autora admoesta que tais empresas de comunicação eram vistas como “clãs”, “feudos”, “oligarquias”, este caso, portanto, foi o fator principal do alinhamento da imprensa como o novo sistema.

Neste contexto, aprofundamos nossa pesquisa apoiados nos sites da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional,¹⁹⁹ acervos digitais do *O Estado de São Paulo*²⁰⁰ e nos arquivos do jornal “*O Globo*”.²⁰¹ Num comparativo com as documentações de Eumano, com as principais datas e fatos ocorridos, em que foram as fases mais agudas do conflito no Araguaia. Observamos silêncio por parte da imprensa, principalmente nos jornais escritos, no que diz respeito a este assunto, exceção como já comentado antes, ao do *O Estado de São Paulo* de 24/09/1972, na página 27.

Conforme o apanhado das amostras do site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no período referente à Guerrilha do Araguaia, foi encontrado as seguintes matérias: *Tribuna da Imprensa* em 5/1/1970 teve como destaque “*Autoridades militares fazem cerco aos subversivos da Vanguarda Armadas Revolucionarias Palmares*”. Na mesma data o *Diário de Notícias* colocou em sua primeira página “*Sequestro do boing em Lima no Peru*”, o jornal *O Fluminense*, no dia 3/1/1970 em sua primeira página “*Caravelle chega à Havana*” o jornal *A Tribuna* em 11/01/1970, destaca também o “*Atentado ao QG do 1º Exército*”. Vale ressaltar neste período o periódico *Jornal do Brasil*, *O Jornal (RJ)*, *Correiado Amanhã*, *O Pasquim*, revista *Manchete* não verificou qualquer destaque referente à Guerrilha do Araguaia ou outra agitação das esquerdas armadas no Brasil.

Em continuidade em nossas pesquisas, agora abordando o jornal *O Estado de São Paulo*, apurando as datas conforme a documentação de Eumano Silva, os eventos em 28/05/1972 *O Estado de São Paulo* destaca “*Presidente entrega a Transamazônica*”, no Araguaia é iniciada a operação Peixe V, de 15 a 20 de Maio de 1972, conforme Informação Especial²⁰² n° 01S/102- CIE, nesta data prosseguiram ações de vasculhamentos na região do Araguaia com elementos identificados: Joca (seria João Amazonas ou Aarão Reis), Osvaldão, Paulo Crispim, Izaias Freitas Mozzer, advogado, Alu Dias da Silva, Mauricio

¹⁹⁹ Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>> Acesso 22 Mai 2022.

²⁰⁰ Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19720629-29829-nac-0001-999-1-not>> Acesso 22 Mai 2022.

²⁰¹ Disponível em <<https://acervo.oglobo.globo.com/>> Acesso 22 Mai 2022.

²⁰² MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 153.

Guimarães Ribeiro, Lourival Moura que se suicidou.

Em 26/05/1972, *O Estado de São Paulo* aborda em sua primeira página “*Redivisão territorial do país*”. Na área da guerrilha, na Delegacia de Polícia de Araguaína, Goiás, foi comunicado o suicídio de Lourival Moura Paulino.²⁰³

Em 16/06/1972, *O Estado de São Paulo* destacou a “*Inauguração da Petroquímica de Caçapava pelo Presidente da República*”. Na região do Araguaia, comunicam através do radiograma²⁰⁴ n° 279 E/2 de 13 de junho de 1972, o aprisionamento para interrogatórios dos seguintes subversivos “Domingos”, Dover Morais Cavalcante, “Gabriel”, Dagoberto Alves Costa e “Lucia” Luzia Reis Ribeiro.

Em 29/06/1972, novamente *O Estado de São Paulo* tratou de assuntos não relacionados com a Guerrilha na manchete de capa sobre “*Crédito ao Chile pelo Brasil*”. No Araguaia, o radiograma²⁰⁵ n° 356 E/2 de 27 de junho de 1972 abordou o início da Operação Peixe VI, com apoio da Brigada Paraquedista, tendo previsão de início em 07 de agosto de 1972.

Em 11/09/1972 *O Estado de São Paulo* destacou “*Plano de construção de estrutura de sete quedas*”. Na documentação sobre a Guerrilha, nesta mesma data, apresentou-se o Manifesto²⁰⁶ de Passageiros – Ordem de embarque para a região da Operação Papagaio.

Em 15/09/1972 *O Estado de S. Paulo* abordou “*Moscou apoio à Bagdá*”. No teatro de operações no Araguaia, foi dada a ordem para a Operação Papagaio, de aprisionamento ou eliminação dos “subversivos” na região.

Porém, em 24/09/1972, fugindo a regra, *O Estado de São Paulo* destacou, na página 27, o movimento de tropas do Exército a comando do general Antônio Bandeira, comandante da 3ª Brigada de Infantaria dando relatos sobre a operação militar, por parte de tropas especiais e de inteligência, “os especialistas”, assim conhecidos na região de Xambioá e adjacências. As ações de ACISO e a necessidade de construção em tempo recorde de 2 meses, de uma estrada unindo Araguaína e a Araguaia, explica também todo o processo de aliciamento da população por parte dos “terrorista” como chamada, os quais eram denominados de “paulistas” pela população local. As atuações de Osvaldão e de Dina são maiores destaques entre os guerrilheiros.

Com relação a este furo de reportagem, cabe uma análise mais detalhada da página

²⁰³ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 155.

²⁰⁴ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 172.

²⁰⁵ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 175.

²⁰⁶ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 415.

27, do dia 24/09/1972, do periódico *O Estado de São Paulo*, Figura 6, cuja manchete tratou de “*Xambioá, a luta é contra guerrilheiros e atraso.*” Analisando as fontes com destaque, na pesquisa não descobrimos o autor da reportagem, entretanto, o diretor responsável pelo texto do jornal foi o Júlio de Mesquita Neto,²⁰⁷ que pertencia a uma das famílias que na época apoiava a ditadura civil militar estabelecida. Entretanto no decorrer do período ditatorial teve posições controversas.

Júlio de Mesquita Neto teve uma formação ortodoxa, pois estudou no Colégio São Luís, na capital paulista, e ingressou em seguida na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), filho mais velho de três irmãos, depois de formado, começou a trabalhar como repórter e redator na seção de política do jornal de seu pai, optando assim pela carreira jornalística. Adquiriu ampla experiência na área exercendo funções nos mais diferentes setores do jornal. A família Mesquita e o jornal *O Estado de São Paulo* apoiaram o golpe civil- militar de 31 de março no seu primeiro momento. O processo de ruptura com o governo começou ainda na gestão de Castelo Branco, quando o jornal optou por não defender a prorrogação do mandato presidencial de Castelo e, posteriormente, apoiou a candidatura de Costa e Silva, também de forma controversa uma vez que o grupo de Costa e Silva era da ala de “linha dura” do sistema.

Vale ressaltar que em 1968 participou da Comissão de Liberdade de Imprensa da Associação Internacional de Imprensa (SIP), quando denunciou sanções contra seu colega e jornalista Hélio Fernandes do Jornal *Tribuna da Imprensa*, em reunião realizada na Jamaica.

Em 1969, com a morte do seu pai assumiu a direção do jornal *O Estado de São Paulo*. Foi indiciado em dezembro de 1972 por ter noticiado o sequestro e tortura sofridas pelo médico Fernando Isaac Szlo, pelo Comando Militar do Planalto, num Inquérito Policial Militar (IPM).

Em 1977 o jornalista Flávio Tavares viajou para o Uruguai e Argentina com objetivo de negociar libertação do preso e torturado em Montevideo pela ditadura local, acusado de subversão. Em 1981 prestou depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que apurou corrupção na construção de hotéis *Quadro Rodas Hotéis*, no nordeste, sendo denunciada pelo próprio *O Estado de São Paulo*, afirmando que o Banco Nacional de Habitação (BNH) liberou 200 milhões de cruzeiros para construção dos hotéis de

²⁰⁷ Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mesquita-neto-julio-de>> Acesso 16 Out 2022.

turismo.

Em abril de 1982 participou do comício do Partido dos Trabalhadores a convite do presidente do Partido Luis Inácio da Silva, Lula. O jornalista Flávio Tavares recebeu os prêmios: Theodoro Brente e a Pena de Ouro da Liberdade da Federal Internacional dos editores (Dinamarca) Alberti – Sarmiento, jornal argentino *La Prensa* em 1977, Cavaleiro de Honra do governo francês em 1985 e a comenda da Ordem do Infante D. Henrique do governo português em 1986. Faleceu em 1996 deixando esposa e dois filhos.²⁰⁸

Nesse sentido, é possível verificar a colaboração referente ao editor chefe com a comunicação, ainda que sob intenso regime de censura disparada pela ditadura civil-militar na época mesmo, foi resiliente e obstinado em levar as verdades ocultadas, por isso merece uma atenção especial.

Sobre o conteúdo da reportagem em completa conexão com os documentos expostos pela Comissão Nacional da Verdade e já aqui explorados nos tese de doutorado de Claudius Viana, no livro de memórias do jornalista Fernando Portela e no livro documental de Taís Moraes com Eumano Silva. Detalhes como a conversa entre o general Antônio Bandeira, comandante da 3ª Brigada de Infantaria com o engenheiro José Olimpo, do Departamento de Estradas e Rodagens do estado de Goiás, a respeito da construção de uma estrada na região entre Araguaína e Araguanã, no estado de Goiás. Além do mais a permanência no comando do general Olavo Viana Moog,²⁰⁹ Comandante do Comando Militar do Planalto/11ª Região Militar (CMP/11ª. RM), permanecendo na região do conflito, onde coordenou e comandou todas as ações, tanto de comando quanto às ações consideradas pós-conflito de carácter psico-cívico social do estado, bem como todas as atividades de logísticas.

Tal reportagem chama a atenção sobre a estratégia tanto das forças oficiais como da guerrilha, Essas tropas oficiais utilizaram o mais completo aparato, como uso de tropas especiais, de comandos, paraquedistas, ações de guerra na selva e de inteligência, essencial no que foi considerado o cerco e aniquilamento do grupo de guerrilheiro, através das informações adquiridas nos interrogatórios, mas com provável uso da tortura, uma prática neste tipo conflito. A guerrilha mostrou-se preparada até determinado momento e com um suposto suporte, adotando a tática de aliciamento para apoio da população. Entretanto, este

²⁰⁸ Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mesquita-neto-julio-de>>Acesso 28 ago 2022.

²⁰⁹ Disponível: em:< <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/moog-olavo-viana>>Acesso 28 ago 2022.

apoio foi se exaurindo à proporção que as Forças Oficiais foram se instaurando e ocupando posições na região. Por último, este apoio da população foi sendo substituído, conforme a reportagem sobre assaltos de mantimentos em pequenos comércios locais, sufocando as forças guerrilheiras.

Outro dado relevante refere-se ao surgimento dos povoados na década de 1950, com registros de conflitos entre posseiros e fazendeiros, como a coincidência do início das obras da Belém-Brasília. Tornando uma região de intensa movimentação, principalmente de nordestinos na região, dando um sentimento de normalidade com a chegada do grupo de militantes do PCdoB, na década de 1960 - os paulistas.

Também referente aos líderes dos guerrilheiros, que viraram figuras místicas, as quais trataremos no último capítulo sobre “Dina” e seu esposo “Osvaldão”, há nos registros do livro de memórias, a exposição de seus corpos aos regionais, para comprovarem que eram mortais.

A reportagem trata destas personalidades como referências na formação e o detalhe referente ao ateísmo.

Em Xambioá, a luta é contra guerrilheiros e atraso

Do enviado especial

Enquanto as Forças conjuntas do Exército, Marinha e Aeronáutica somam, nas selvas da margem esquerda do rio Araguaia, cerca de cinco mil homens, na caça de guerrilheiros, o Exército iniciará, em paralelo, em Xambioá e Araguaína, em Goiás, à margem direita do rio e no extremo norte do Estado, a Ação Cívica e Social — Ação — visando levar assistência à toda a população da área.

Para a realização de Ação, o primeiro destino de tantos homens, para combater, é para Xambioá, onde há cerca de 250 habitantes, em uma vila de madeira, com um comércio rudimentar e uma escola. A área é considerada estratégica por ser ponto de passagem de drogas e de armas para os guerrilheiros. O Exército tem um destacamento de 150 homens, com uma companhia de infantaria e uma companhia de artilharia.

O MUNICÍPIO
O município de Xambioá, com 250 habitantes, é uma vila de madeira, com um comércio rudimentar e uma escola. A área é considerada estratégica por ser ponto de passagem de drogas e de armas para os guerrilheiros. O Exército tem um destacamento de 150 homens, com uma companhia de infantaria e uma companhia de artilharia.

Doutrinação durou seis anos

Quando pelo sistema de doutrinação de guerrilha, um grupo de jovens e estudantes se organizou em Xambioá, em 1966, para lutar contra o regime militar, a doutrinação durou seis anos. Os jovens foram treinados em técnicas de guerrilha e ideologia revolucionária. O grupo foi liderado por um ex-comunista, que os levou a acreditar na luta armada como única solução para o problema social.

Atualmente, ele se desloca para o município de Araguaína, onde há cerca de 250 habitantes. O Exército tem um destacamento de 150 homens, com uma companhia de infantaria e uma companhia de artilharia. A doutrinação durou seis anos, preparando os jovens para a luta armada.

SITUAÇÃO NA MATRIA
A situação na Matéria é de extrema tensão. Os guerrilheiros mantêm uma base de operações na região, utilizando-se de técnicas de guerrilha para atacar as forças governamentais. O Exército mantém um destacamento de 150 homens para combater os guerrilheiros.

Os guerrilheiros mantêm uma base de operações na região, utilizando-se de técnicas de guerrilha para atacar as forças governamentais. O Exército mantém um destacamento de 150 homens para combater os guerrilheiros.

O ESTATUTO DA IGUALDADE CONSAGROU JURIDICAMENTE A COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

Depois de ter recebido em São Paulo, dos mãos do Presidente Médici, o Ordém Nacional do Mérito, o Presidente Marcello Caetano foi alvo de várias homenagens, no último dia 8, no Rio de Janeiro. Na Academia Brasileira de Letras recebeu o título de sócio-correspondente e proferiu o seguinte discurso:

"Como um antigo grão, embora modesto, por depois de tantos anos de ausência, sinto-me muito honrado por receber este título de sócio-correspondente da Academia Brasileira de Letras. É uma honra que me dá a oportunidade de falar sobre a comunidade luso-brasileira e sobre a importância do Estatuto da Igualdade que foi promulgado em 1971. Este estatuto representa um marco histórico na história das relações entre Portugal e o Brasil, consolidando a igualdade jurídica e social entre os cidadãos de ambas as nações."

Este estatuto representa um marco histórico na história das relações entre Portugal e o Brasil, consolidando a igualdade jurídica e social entre os cidadãos de ambas as nações. O discurso de Caetano destacou a importância da cooperação entre os dois países e a necessidade de fortalecer os laços de amizade e solidariedade.

Quando o autor da reportagem chegou em Xambioá, encontrou a população em estado de desespero. Os guerrilheiros haviam saqueado a vila e destruído as casas. O Exército estava tentando conter a situação, mas os guerrilheiros haviam se retirado para a mata.

Quando o autor da reportagem chegou em Xambioá, encontrou a população em estado de desespero. Os guerrilheiros haviam saqueado a vila e destruído as casas. O Exército estava tentando conter a situação, mas os guerrilheiros haviam se retirado para a mata. A população estava vivendo em constante medo e insegurança.

A população estava vivendo em constante medo e insegurança. O Exército estava tentando conter a situação, mas os guerrilheiros haviam se retirado para a mata. A situação era extremamente delicada e exigia uma resposta rápida das autoridades.

O ESTADO DE S. PAULO

Estamos também no Jumbo Aeroporto. Procure nessa loja de antenhas classificadas e assinaturas.

SITUAÇÃO NA MATRIA

A situação na Matéria é de extrema tensão. Os guerrilheiros mantêm uma base de operações na região, utilizando-se de técnicas de guerrilha para atacar as forças governamentais. O Exército mantém um destacamento de 150 homens para combater os guerrilheiros.

O ESTATUTO DA IGUALDADE CONSAGROU JURIDICAMENTE A COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

Depois de ter recebido em São Paulo, dos mãos do Presidente Médici, o Ordém Nacional do Mérito, o Presidente Marcello Caetano foi alvo de várias homenagens, no último dia 8, no Rio de Janeiro. Na Academia Brasileira de Letras recebeu o título de sócio-correspondente e proferiu o seguinte discurso:

Quando o autor da reportagem chegou em Xambioá, encontrou a população em estado de desespero.

Quando o autor da reportagem chegou em Xambioá, encontrou a população em estado de desespero. Os guerrilheiros haviam saqueado a vila e destruído as casas. O Exército estava tentando conter a situação, mas os guerrilheiros haviam se retirado para a mata.

Figura 6 - Em Xambioá, a luta é contra guerrilheiros e atraso. 210

O teor desta reportagem traz uma carga de mistério sobre a região o autor pela reportagem lembra-se das condições sócio do povo da região. Trata do início do combate

210 Disponível em <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19720924-29904-nac-0027-999-27-not.> Acesso 30Mai 2022.

seu desenrolar do conflito.

Em 25/09/1972 *O Estado de São Paulo* destacou o Presidente dos EUA “Nixon promoveu base de reformas”. No Radiograma²¹¹ n° 450 E/2, de 28 de setembro de 1972, comunicou as consequências da ação “terrorista” no falecimento do 2° Sgt Mário Ibraim da Silva.

Em 08/10/1972, o jornal *O Estado de São Paulo* trata “Japão dobra seu orçamento militar”, enquanto na região da Guerrilha, a mensagem²¹², do dia 05/10/1972, era sobre a presença de Dina ou Conceição do Araguaia era “frio”.²¹³

Em 25/10/1972, a manchete de *O Estado de S. Paulo* era sobre “Acordo de paz vietcongs”. No entanto, através do radiograma n° 190E/2 de 07 de outubro de 1972, a ordem do general Álvaro Cardoso – comandante do Comando Militar da Amazônia era para a permanência de tropa equivalente a um pelotão na região do Araguaia.

Em 27/02/1973 o jornal *O Estado de São Paulo* publicou “Tratado de Paris sobre a Guerra da Indochina”, enquanto o Documento de Informações n° 0606/CISA ESC tratou sobre o justicamento de caboclos que colaboraram com as Forças Armadas por parte de Osvaldo Orlando Costa – Osvaldão.

Em 01/10/1973 *O Estado de São Paulo* publicou “Egípcios / sírios atacam Israel”, enquanto na região do conflito, no Relatório Especial de informações n° 074, tem início a Operação Marajoara.

Em 14/05/1973, *O Estado de São Paulo* tratou “Brechev declara fim da Guerra Fria”. Entretanto, o relatório de operações de informações realizadas pelo CIE, no sudeste do Pará, revelou o início da Operação Sucuri, direcionada para serviços de inteligência dissimulação de militares nas bodegas.²¹⁴

Baseados nestas observações constatam-se primeiro a atuação dos órgãos censores. Como o professor Carlos Fico evidenciou em sua pesquisa, corroborando para as análises da professora Capelato, ele adverte sobre a parcialidade das mídias no que se refere à publicidade e à transparência das notícias. Em seguida, verifica-se a necessidade das forças oficiais e do próprio governo em subtrair ou omitir o que estava acontecendo no interior do país, por vários motivos, entre eles econômicos, já que o Brasil estava em plena fase do

²¹¹ MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 176.

²¹² MORAIS, Tais e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia...* p. 180.

²¹³ “Frio” significa dizer que era falsa a informação.

²¹⁴ Bodegas pequenas vendas de secos e molhados. Disponível em <<https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=bodegas+significado>> Acesso 22 Ago 2022.

“milagre econômico”. A dificuldade estava em manter os investidores com a sensação de estabilidade política e social. No plano político, a estabilidade foi forjada através do AI-2, que instituiu o bipartidarismo, permitindo somente dois partidos políticos: a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), partido de situação e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), partido de oposição. Entre os demais partidos - UDN, PTB - alguns foram extintos outros passaram a atuar dentro do MDB. No caso do PCdoB, continuou-se a clandestinidade, o governo trata de os tornarem atos “subversivos”, contrários à Lei Segurança Nacionais. Não obstante, o próprio AI-5 outorgava ao Presidente da República, que permitia controlar não só o Congresso Nacional, mas também o próprio Supremo Tribunal Federal.

A partir da análise mais aprofundada sobre o silenciamento dos fatos ocorridos no Araguaia, pode-se observar a negação destes fatos. O próprio tempo seria determinante para apagar, de forma geral ou pelo menos por grande parte da população ou mesmo da opinião pública internacional, as atrocidades e até mesmo crimes de guerra por parte das forças oficiais no interior do país.

Também complementando o raciocínio com o teor comparativo com os dias atuais, no início da década de 1970, em que meios de comunicação eram extremamente difíceis, quando os correios eram o que se tinha de mais rápido, as vias rodoviárias e aeroaviárias tinham custo muito elevado, o meio de locomoção mais popular e mais acessível era a navegação de capotagem e com muito mais tempo, era muito provável que as informações fossem deficitárias e muitas vezes mutiladas ao sabor das conviências daqueles que detinham o poder. No entanto, nos dias atuais, em que as notícias são instantâneas, sendo elas oficiais ou não cabendo à tecnologia apressar e verificar todo o processo de veracidade, ainda assim, faz-se verídica a informação de que se propagam notícias falsas, mutiladas e deficitárias.

Entretendo a briga pela construção de uma retórica ou até mesmo por serviços de contrainformações, este tipo de “desserviço” é uma realidade, tal qual verificamos na Guerra da Ucrânia. As notícias circulam pelas mídias, chegam as nossas telas de celular ou de televisão quase que instantaneamente, e mesmo assim, são capazes de produzirem uma opinião em desfavor da informação, dependendo da forma como querem que sejam manipuladas.

Por fim, também aproveitando o site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foram encontrados nos arquivos jornal da *Tribuna da Imprensa*, de forma anacrônica em relação às datas das publicações, e sem muita coerência no que diz respeito aos fatos, mas

com notícias latentes sobre os fatos ocorridos na área do conflito da Guerrilha do Araguaia, num apanhado de reportagens que geraram o livro do mesmo repórter Fernando Portela, com fatos datados pós-abertura política, iniciadas no governo Geisel em janeiro de 1979.

Na data de 16/01/1979, o jornal *Tribuna da Imprensa* coloca na página 9 no seu escopo: “*Araguaia: uma Sierra Maestra Brasileira*”, fazendo uma analogia à Revolução Cubana no interior do Brasil. Esta referência destaca-se principalmente pelas características climáticas região quente, floresta densa, com relevo considerado onde os guerrilheiros cubanos obtiveram êxito em suas demandas, aqui no Brasil também a serra das Andorinhas com condições similares. Fato este que inspirou os militantes do PCdoB aqui no Brasil.

Fernando Portela escritor, jornalista, editor e roteirista trabalha, intensamente, há muitos anos, as várias formas da construção do texto. Começou a escrever ficção e não ficção (reportagem) quase ao mesmo tempo, por volta dos treze anos de idade, numa época em que os adolescentes procuravam trabalhar o mais cedo possível. Entre as obras estão: *História do Brasil: Verdades e Mentiras, Memórias Embriagadas, O Homem dentro de um Cão, Bonde, Saudoso Paulistano*, normalmente baseado em reportagens, pesquisas, contos e novelas voltadas, neste caso, para o público infantil. Um dos fundadores do Jornal da Tarde, de São Paulo, Fernando Portela é autor de boa parte das grandes reportagens que marcaram aquele jornal.

Sobre este trabalho de Portela, de reportagens do jornal *Tribuna da Imprensa*, já no período de abertura política (1979), no final do governo Geisel observa-se, que sob ponto de vista acadêmico, teve pouco cuidado com a continuação dos seus argumentos ou mesmo um anacronismo na sequência de sua narrativa. Notoriamente, um trabalho voltado para o jornalismo, entretanto constituiu um serviço relevante historiográfico voltado à memória. É incontestável sua contribuição para a história recente.

Na reportagem são apresentadas abordagens sobre este trabalho de pesquisa, com reportagens de políticos, militares, guerrilheiros, mateiros e religiosos. Relatos com grau de emoção dos entrevistados de extremo realismo e sensação de medo e de angústia, próprio de quem viveu o combate. Outro fato observado com relação às ilustrações com mapas, gravuras de táticas, fotos muito bem elaborados e didaticamente apresentados ao leitor. Entre as preocupações do autor está o silenciamento a respeito do conflito por parte do governo. Este causaria como causou um desfavor não somente à história, como também à sociedade brasileira, podendo esta guerra torna-se “uma lenda”, como bem disse o autor, por falta de informações, imprecisão e desmentidos.

Fernando Portela, em uma primeira abordagem dá destaque ao início do conflito e a

como os guerrilheiros foram vistos pela comunidade, além de algumas personalidades já citadas, como a guerrilheira Dina e seu esposo, o comandante Osvaldão. Em seguida, presenteia-nos com uma pequena introdução sobre o Partido Comunista do Brasil, sua proposição de uma revolução marxista-leninista, baseado no foquismo seus líderes. Termina sua obra nos deixando a impressão latente da importância do seu trabalho, principalmente por sua coragem de sair Pernambuco, provavelmente sem recursos financeiros e trazendo em sua bagagem o descrédito de narrar uma guerra não existente no imaginário do brasileiro, já que esta era omitida pelo noticiário contemporâneo.

RIO DE JANEIRO, 16 DE JANEIRO DE 1979

ARAGUAIA: UMA SIERRA MAESTRA BRASILEIRA

Reportagem de Fernando Portela (Jornal da Tarde / A. E.)

O texto que segue é resultado de uma montagem, uma colagem de dezenas de depoimentos sobre uma guerra de guerrilhas ocorrida no Brasil, na região do Estado de Goiás, Sul do Estado do Pará e Norte do Estado de Goiás.

Naquela região, o processo da guerrilha foi iniciado em 1967 e eliminado em janeiro de 1975, com a derrota dos guerrilheiros.

Por força da censura nos meios de comunicação, na época, esses acontecimentos não puderam vir a público, a não ser de forma esporádica, incompleta e imprecisa, com uma única exceção: a reportagem publicada pelo jornal O Estado de São Paulo, em setembro de 1972, que escapou milagrosamente do laço vermelho do regime Médici.

Para reconstituir a guerrilha até o limite do possível, viajei durante mais de dois meses por várias cidades brasileiras, em todo o interior de alguns Estados, principalmente na região da Araguaia, onde foi colhida a maior parte dos depoimentos.

Aproveitei pouco mais da metade das informações que obtive.

Durante todo o trabalho de coleta de informações, usei um critério de contradição: quase tudo o que me foi dito em São Paulo, por exemplo, e reproduzido no Sul do Pará, mereceu crédito. As informações que não coincidiam foram simplesmente postas de lado. Porque, além de informar o leitor, a grande preocupação desta reportagem é a de dar subsídios à história do Brasil, num capítulo importante, em que pesa suas momentosas implicações políticas.

A guerrilha do Araguaia, até onde posso avaliar, está correndo o risco de se transformar em lenda. E o risco será cada vez maior enquanto o governo mantiver em não dar sua versão, apesar da importância histórica da guerrilha, e não abrir seus arquivos, mantendo um silêncio que já paralisou o sentido mais profundo de 1979, quatro anos depois de a guerrilha ter sido derrotada pelas Forças Armadas.

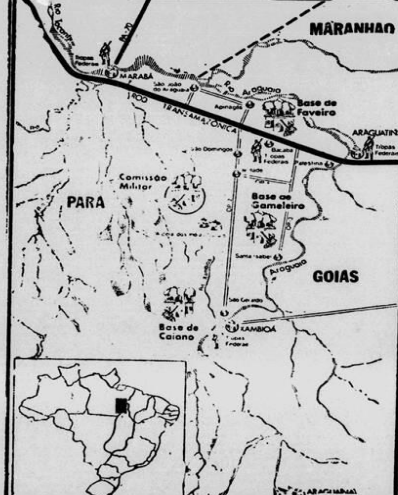
Para a reportagem foram ouvidos militares que participaram das operações e cujos nomes, por motivos óbvios, serão omitidos; dirigentes comunistas, ex-guerrilheiros, embaixadas estrangeiras, pessoas ligadas a combatentes mortos, dos dois lados; a Igreja, através do bispo Aloísio Maria Franz, que não se impôs de aparecer, e que prestou um longo depoimento, assim como alguns religiosos que estiveram na Araguaia naqueles anos de luta, e que preferem o anonimato, por enquanto. Mas os humildes cobotoes de Araguaia, alguns que sentiram na carne — literalmente — a violência da guerrilha, concordaram as mais importantes entrevistas.

Até hoje, nenhuma autoridade investida em cargo oficial falou diretamente no assunto. O Araguaia ainda é um tabu. Há um temor generalizado de se pronunciá-lo. A palavra guerrilha, aliada ao nome de muitos comandantes. Políticos, como o senador Álvaro Moraes, e militares, como o general Hugo Abreu, devem alijar-se. O senador reprochou histórias que lhe contaram e foi obrigado a limitá-las e afirmado apenas que a guerrilha já sentiram na carne — literalmente — a violência da guerrilha, concordaram as mais importantes entrevistas.

... e dois anos antes, num dia qualquer de maio de 1972...
O grupo de 16 homens caminha pesadamente pela trilha de Araguaia, cheio de folhas podres e sobrepostas, de copas entrelaçadas, desce em direção à baía. São 10 horas da manhã e o sol, como habitual, brilha aqui e ali o lado das montanhas. O caminho, vai à frente de uma trilha que só se desmancha no Araguaia, logo atrás do grupo de jovens soldados, grita de vez em quando:

— Matei dezesseis. China, dezesseis, à parte... O material obedece, espera que o grupo se concentre na sua formação irregular. O grupo não há o que dizer. Um dos últimos soldados do grupo tira uma caixa cheia de algemas. — Tá muito longe, ó desgraçado. Cade a casa dos homens. China? Você tem certeza que o cambaleia é esse? — O material já respondeu muitas vezes "na mala". Para aí, já desce o grupo não tem tempo para discutir a situação. O grupo de soldados desce de novo para o rio. O material já respondeu muitas vezes "na mala". Para aí, já desce o grupo não tem tempo para discutir a situação. O grupo de soldados desce de novo para o rio. O material já respondeu muitas vezes "na mala". Para aí, já desce o grupo não tem tempo para discutir a situação.

O governo não desconfiava que seus recrutas iam entrar na selva para morrer. A casa deserta acima foi montada a partir dos depoimentos de José Herrera, o China, já pouco conhecido que andou "recofinado" no rio Araguaia. Mas não há mais ninguém na região. A casa deserta acima foi montada a partir dos depoimentos de José Herrera, o China, já pouco conhecido que andou "recofinado" no rio Araguaia. Mas não há mais ninguém na região. A casa deserta acima foi montada a partir dos depoimentos de José Herrera, o China, já pouco conhecido que andou "recofinado" no rio Araguaia. Mas não há mais ninguém na região.



Araguaia: lugar recruta com um grupo de quatro dentro da selva indígena, habitada por um contingente de 12 guerrilheiros, brônco dentro da própria selva, alguns com até anos de preparação militar. Os guerrilheiros, em um período de decisão surpreendente. Além disso, havia um contingente de 12 guerrilheiros, brônco dentro da própria selva, alguns com até anos de preparação militar. Os guerrilheiros, em um período de decisão surpreendente. Além disso, havia um contingente de 12 guerrilheiros, brônco dentro da própria selva, alguns com até anos de preparação militar. Os guerrilheiros, em um período de decisão surpreendente.

JOÃO PINHEIRO NETO Informa o Banco da América

A economia expandir-se-á moderadamente em 1979, mas continuará a ameaça de uma renovada inflação mundial durante este ano, afirmou o Banco de América, de São Francisco, Califórnia.

"Um ligeiro aumento das taxas de crescimento no Japão e na Europa Ocidental contrabalançará uma notável diminuição do ritmo de crescimento nos Estados Unidos", disse o Banco de América em sua "Previsão Econômica para 1979".

O Produto Nacional Bruto mundial aumentará em 3,6%, chegando a 9 trilhões de dólares. A economia japonesa experimentará o mais alto crescimento real entre todos os países industrializados. A taxa será de cerca de 5,5%, mas o crescimento da exportação não atingirá os altos níveis anteriores.

Os Estados Unidos terão um crescimento de 1,9%; a Europa Ocidental, de 2,5%; a América Central e do Sul, e as nações das Antilhas, 4,5%. Entre os países em desenvolvimento, os da Ásia e da América do Sul continuarão a crescer acima das taxas médias. A maioria dos membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo... (OPEP) e, no período de consolidação e de crescimento controlado, em contraste com a expansão anterior.

NOTAS

Inaugurado em junho de esse ano e com amplos perspectivas de desenvolvimento, a EDN - Estremosa do Nordeste S/A, empresa integrada ao pólo Petroquímico de Camaçari, já está funcionando com sua unidade poliolefinária e inicia, agora, a comercialização do produto na região Centro-Sul do País.

Com largo emprego na indústria de plásticos, que em 1978 foi de 2,765 mil t, já tendo sido ultrapassada a capacidade instalada da empresa, de 2,4 milhões de t/ano, Os índices atingidos em um decênio representam um crescimento de 282,433 L.

O início da comercialização de poliolefinas da EDN - Estremosa do Nordeste S/A foi marcado por um cogestão, na última quarta-feira, dia 10, ocorreu em que Owaldo Theodoro Federal, diretor-geral da unidade, e os diretores Joseph Garcia Jr. e Luis Felício, apresentaram o plano de trabalho de 1979.

A produção siderúrgica de Minas Gerais, após o desaquecimento da economia nacional, teve um crescimento de 1978 um acréscimo de...

A Braniff Internacional está para operar comercialmente o Concorde na rota de São Paulo, Fort Worth e Chicago. Durante o teste o avião teve um ótimo desempenho e passou sem problemas pelos quizes aerodinâmicos do Sul a Oeste.

"Eficiência" parece ser o lema que a Lufthansa adota. Tanto assim, que a empresa alemã já tem prontos vários dados sobre os seus computadores, instalados no Centro de Carga Aérea Frankfurt, Coreia do Sul, para despachar 937 t de carga em 29 aviões cargueiros e 130 de passageiros. Por isso, centro de gravidade para 6 meses de atividade voadora. Para isso, foram gastos 150 milhões de dólares em investimentos de 25 escritórios de carga.

Os resultados apresentados pelo Bantepa foram os seguintes: melhoria, considerando-se o fato de que serve de apoio e apoio às suas forças do Terceiro e volume de seus depósitos não foi muito além de Cr\$ 39 bilhões. Resultado devido ao IR foi de Cr\$ 1.134 milhões, devendo-se ressaltar que não obteve, com os outros, com operações no opere. Foi lucro operacional no lucro. O lucro operacional foi de Cr\$ 0,1795.

Figura 7 - Araguaia: uma Sierra Maestra Brasileira. Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 16de janeiro de 1979.215

Datado em 17/01/1979, o jornal Tribuna da Imprensa destacou "O povo cantava os feitos da Guerrilha". Eram noticiadas as práticas de torturas entre os religiosos, guerrilheiros, membros da população e a seqüência da fase de reconhecimento de contraguerrilha.

Em 18/01/1979, também a Tribuna da Imprensa destaca "A fase de cerco e

aniquilamento”, depoimento dos guerrilheiros sobre o desfecho da operação no Araguaia.

Em 19/01/1979, o mesmo jornal destaca “*Autocrítica do Comitê Central – era má hora para a luta armada*” referente autoanálise do Comitê Central do PCdoB, a respeito da Guerrilha.

Em 21/01/1979 também na *Tribuna da Imprensa* relata sobre o depoimento de um oficial do Exército e destaca “*Eles tinham apoio da população*” referente ao aliciamento dos guerrilheiros à população local.

Em 22/01/1979, a *Tribuna da Imprensa* faz entrevista com José Genoíno Neto, que participou da guerrilha, e que refuta e questiona as ações do Exército cuja manchete: “*Depoimento de um guerrilheiro*”. Em outra reportagem é tratado sobre o armamento utilizado na guerrilha “*As armas que usávamos existem todas na região*”, contradizendo que as tropas oficiais suspeitavam que estas armas fossem de origens soviéticas. Outra reportagem questiona: “*A Amazônia, serve ao Brasil ou ao capital estrangeiro*”.

Em 23/01/1979, em reportagem com duas páginas destaca as táticas de guerrilha utilizada no confronto, na capa “*As táticas que os guerrilheiros usavam para infligir baixas no Exército*” e “*Tática de lutas nas três campanhas*”.

Em 24/01/1979, mais uma vez reportagem de Fernando Portela trata na *Tribuna da Imprensa*: “*Agora sem guerrilha resta o medo*” um relato sob as incertezas que sobrou à população referente às marcas que a guerrilha deixou para a população.

Com isso, percebemos as enormes controvérsias que cercam este episódio da História recente do Brasil. Uma fonte inesgotável de dados que precisam ser apurados. De sobra, restam as análises, com a certeza de ajudarmos a esclarecer alguns pontos enigmáticos da nossa história.

Capítulo IV – Cânticos, Canções, Hinos e Gritos de Guerra

4.1. Música, memória e processos cognitivos motivacionais para o embate

Ao longo do nosso trabalho, abordamos trechos de músicas com objetivo de atingir o senso cognitivo relativo aos atributos da área afetiva, apoiado no senso comum, que vai além do raciocínio lógico, da ciência, da pesquisa, do empirismo e de poder justificar, comprovar uma causa, um embate. Providencialmente, estes fragmentos melódicos se justificaram porque, talvez, somente o deficiente auditivo não possa perceber, com a licença poética, que um trabalho científico requer o quanto é indiscutível que “a música é a expressão da alma”²¹⁶, pois nos remetem a lugares e tempos já vividos ou guardados na memória e nos fazem voltar no tempo para materializar o que a História contribui para o presente e que possa projetar para o futuro.

Afinal, quando focamos os versos de “Era um garoto que como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones” (JUNIOR, Bracato, MIGLIACCI, Franco, LUSINI, Mauro. Versão em português: JUNIOR, Bracato, 1967), há uma tentativa de remeter ao período em que as guerras pelas afirmações de ideologias nas décadas de 1960/1970, que faziam parte da realidade daqueles jovens, a explosão de coros, refrãos, palavras de ordens, passeatas e repressões eram a realidade daquele momento. Baseado nos estudos de Eliana Ramos, o conceito de juventude é plural sendo “uma categoria social, termo mais amplo do que leva em consideração apenas a faixa etária, além da homogeneização do termo. Por isso, aqui, o jovem será tratado como um dos diversos sujeitos sociais que dão vida à História”²¹⁷. Ramos complementa que, com o surgimento do *rock 'n roll* nos EUA, na década de 1950, surgiu como revolução cultural, provocando mudanças profundas no seio da sociedade com conflito de gerações, mudando o perfil do jovem, que antes era considerado nos padrões de obediência aos pais, agora com estereótipo adverso aos padrões da época, com corte de cabelo diferenciado, modo de vestir e estilo de vida despojados,

²¹⁶ Por Janaina Calvalinn, poema. Disponível em <<https://www.pensador.com/frase/ODYxMDE3/>>. Acesso em 28 ago 2022.

²¹⁷ RAMOS, Eliana Batista. *Anos 60 e 70: Brasil, juventude e rock*. Revista Agora, Vitória, n.10, 2009, p. 2.

considerado “rebelde sem causa”,²¹⁸ segundo a autora, exportando para o mundo o jeito americano de viver.

A origem do *rock* advém da sonoridade dos ritmos sulistas e negros dos EUA, como *jazz* e *blues*, associados aos ritmos brancos, como o *country*. Este gênero musical ganhou o mundo, e nomes como o de Elvis Presley, com seus requebrados, associaram o ritmo frenético dos afro-americanos aos rostos brancos, os quais fizeram explodir não só as indústrias fonográficas como também cinematográficas.

No Brasil, destaque para sucesso inicial de Celly Campelo, com a música “Estupido Cupido”²¹⁹ (*Stupid Cupid*, Neil Sedaka e Howard Greenfield. Fred Jorge versão Tony e Celly Campello, 1958). Nesta época, com uma juventude politicamente engajada, teve como base os movimentos esquerdistas que inspiraram os roqueiros nacionais. Com isso, Ramos chega a abordar sobre a importância do *rock* nacional na conjuntura dos anos de 1950, no que tange como papel do tecido social.

O período (1960) em que o *rock* se tornou porta-voz foi batizado de “contracultura” nos EUA, iniciado pelo movimento *hippie*.²²⁰ No Brasil, ganhou cores de brasilidade com o movimento *tropicalista*.

No pós-recrudescimento, com o decreto do AI-5 (1968), o movimento musical brasileiro passou longo período de censura. Após o “milagre econômico”, as consequências deste ópio econômico, no final do período ditatorial nos governos de Geisel e de Figueiredo, foram à inflação galopante e o arrocho salarial, causando, portanto, grande aumento da desigualdade social. Associado a tudo isso, a censura atuava em vários setores, inclusive na cultura. Entretanto, gêneros musicais seguiram sua saga, a qual o autor chamou de “resistência velada”, Nomes de bandas *suigeneris*, como Joelho de Porco, Secos & Molhados e Os Mutantes, e cantores como Raul Seixas e Rita Lee deram novas vozes ao *rock* nacional. Neste contexto, a passagem para década de 1980 ocorreu sob um contexto de crise e de contestação social.

A juventude era a principal vítima, mas também o protagonista desta história, como já discutido anteriormente, desde a Revolução Cubana, passando pela Luta Armada Urbana, à repressão do AI-5 e chegando à Guerrilha do Araguaia, foco do nosso trabalho. Neste contexto, inúmeras canções faziam parte do cotidiano, em que a expressão do momento

²¹⁸ RAMOS, Eliana Batista. *Anos 60 e 70: Brasil, juventude e rock...* p. 3.

²¹⁹ RAMOS, Eliana Batista. *Anos 60 e 70: Brasil, juventude e rock...* p. 5.

²²⁰ RAMOS, Eliana Batista. *Anos 60 e 70: Brasil, juventude e rock...* p.13.

político-social vivido servia de temas musicais, como: “Soy loco por ti, América” (Caetano Veloso, 1968); “Pra não dizer que não falei das flores” (Geraldo Vandré²²¹, 1967), verdadeiros hinos que embalavam multidões, pedindo democracia e dias de liberdade, ou como mostramos no capítulo 2, músicas como “Vai passar”, (Chico Buarque, 1984), fazendo referência aos movimentos das “Diretas Já”.

Conforme o pesquisador Marcos Napolitano,²²² a Música Popular Brasileira (MPB) teve posições ambíguas no sentido de ser formadora das classes médias, de uma ideologia nacionalista integradora no campo político e uma nova cultura de consumo, cosmopolita no vértice socioeconômico. Tornando-se, assim, propagadora de imagens de modernidade, liberdade, justiça-social, até porque a maioria dos compositores e dos cantores era oriunda deste extrato social, classes médias e urbanas. Sob censura do governo e, num segundo momento, mandados para o exílio, como foi caso de Gilberto Gil e Caetano Veloso, contribuindo de certa forma para um fortalecimento cultural e intelectual deste segmento em foco sob a vigilância da censura por conta da ditadura civil-militar vivida na época. Entretanto, apesar dos percalços, nomes como Ivan Lins, Belchior, Alceu Valença e Elis Regina reedificaram a MPB, a partir grandes festivais patrocinados pelas redes de televisão entre anos de 1968/1972. Diante disso Napolitano conclui que, nos anos 1970, um paradoxo de afirmações ideológicas associadas aos movimentos culturais, especificamente a música e consumismo e a formação de uma nova classe média progressista que protagonizaria nas próximas gerações.

Por outra perspectiva nos momentos em que, no Brasil e no mundo, houve um clamor público por uma causa, como foi no caso contra a fome na África, em “*We Are the World*”, (“Nós somos o mundo”), (Michael Jackson e Lionel Richie, 1985)²²³, a música foi o veículo propagador em busca de soluções, no caso a fome na África, obteve resultados fabulosos, atingindo a marca proposta de 50 milhões de dólares para ajuda humanitária para a África. O próprio movimento recente, “*Black Lives Matter*”, (“Vidas Negras Importam”)

²²¹ Geraldo Vandré compôs “Pra não dizer que não falei das flores” (1968) uma crítica ao AI-5, observa-se que, no primeiro verso, o compositor se refere a todos como iguais, pois estão em um mesmo contexto e lutando por algo em comum: o direito à liberdade. No segundo verso, a música ganha ainda mais um tom de chamado, como se fosse uma convocação para que todos saiam às ruas, pois não se pode mais esperar. Ao longo da música, o refrão é muito repetido, mais do que o normal, para dar essa ideia. Da mesma forma, foi muito popularizada e cantada pelos jovens da época. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/blog/pr-nao-dizer-que-nao-falei-das-flores-analise/>>acesso: 26 jul 2021.

²²² NAPOLITANO, Marcos. *A música popular brasileira (MPB): resistência política e consumo cultural*. p.2. Disponível em <<http://www.hist.puc.cl/historia/iaspmla.htm>>. Acesso em 22 ago29.

²²³ REDACÇÃO. *A História de We Are The World*. 2015. Disponível em <<https://artesonora.pt/featured/we-are-the-world-michael-jackson-lionel-richie-usa-for-africa-historia/>> Acesso em 28 ago 2022.

²²⁴ (2020), em decorrência da morte de George Floyd, por um policial branco, Minneapolis, Estados Unidos, o ato simbólico de ajoelhar-se com a perna direita e com o braço direito estendido com o punho cerrado para cima, contra o racismo estrutural norte-americano, levantou multidões empasseatas por semanas, se propagando não só nos EUA, como também na Europa, no Brasil e outras partes do mundo. Outro exemplo que merece destaque refere-se aos discursos de Hitler. Na Alemanha nazista, ficou marcada a emblemática saudação em que o braço direito é levantado em um ângulo de aproximadamente 45 graus na horizontal e ligeiramente na lateral, embora, muitas vezes, seja utilizado em 90 graus (principalmente em multidões nas quais não haveria espaço para colocar o braço estendido para frente), e acompanhado das palavras “*SiegHeil! Heil Hitler, Heilmein Führer*”!²²⁵ (“Salve, meu líder” — quando endereçada ao próprio Hitler), ou simplesmente “*Heil!*”“, geralmente dito em voz alta e repetidas três vezes.

Também as célebres frases como de Martin Luther King, “*I have a dream*” (“Eu tenho um sonho”), reivindicando igualdade racial nos EUA. Enfim, esses manifestos trazem consigo uma carga histórica que merece destaque, uma marca que se fixou em nossas memórias, mesmo que de formas narrada e ou iconográfica.

Portanto, são sinais, canções, gritos, saudações e ícones que nos remetem a algum lugar fora do nosso tempo. É com estas problemáticas que tentaremos explicar, os cânticos, as canções e os gritos de guerra, que ainda hoje são exortados nos quartéis das Forças Armadas, em especial os que rememorizam as vitórias na Guerrilha do Araguaia (1972/1975).

Desde a antiguidade a música tem sido parte integrante de a vida militar, aliás, os exércitos de Tróia, o grego, o romano, o persa — utilizavam os toques musicais, o rufar de tambores para iniciar de ataques ou ordenar o recuo da tropa²²⁶. Todavia na idade moderna que táticas militares passaram a utilizar a música como meio de transmissão de ordens, coordenação. Tambores, pífanos, clarins, violino, banjos e a voz humana eram ouvidos por

²²⁴ GOMES, Thiago. *VIDAS NEGRAS*. O movimento internacional Black Lives Matter, ou numa tradução livre “Vidas Negras Importam”, é uma ação ativista que começou nos Estados Unidos. 2020. Disponível em <<https://correiodoestado.com.br/cidades/black-lives-matter-o-movimento-vidas-negras-importam/379195>> Acesso em 28 ago 2022.

²²⁵ *O que significa a saudação alemã SiegHeil? Subculturas, estilos musicais, biografias*. Disponível em <<https://ik-ptz.ru/pt/the-test-exam--2014-in-the-russian-language/chto-oznachaet-nemeckoe-privetstvie-zig-hail-subkultura.html>> Acesso em 28 ago 2022.

²²⁶ SOUSA, Pedro Marquês de Tenente-coronel. *A influência britânica nos toques da ordenança militar portuguesa*. Revista Militar. 2012. Disponível em <<https://www.revistamilitar.pt/artigo/698>> Acesso em 28 ago 2022.

tropas desde o início das guerras.

Nos dias atuais, a chamada de cadência²²⁷ marcial militar constitui importante ferramenta rítmica projetada para manter os membros do serviço militar em sintonia durante as marchas. Este princípio de que afetam a área cognitiva pode se verificar em grupos sociais maiores, como sociedades até populações, desde que adequadamente motivada, levando ao êxtase e motivando pessoas, como podemos verificar em “*La Marseillaise*”, o hino da França.²²⁸

A instituição do primeiro hino da França: “*Dieusauveleroi*” (Deus salve o rei), de Jean-Baptiste Lully, em 1688 por Louis XIV. Essa canção deu origem ao hino da Inglaterra, “*Godsavethe Queen*” (“Deus salve a rainha”).

Em 1792, com o nome de “*Chant de guerre pour l’armée Du Rhin*” (“Canto de Guerra para o Exército do Reno”), o oficial Claude Joseph Rouget de Lisle criou como canção revolucionária, hoje é o hino da França. A popularidade da canção durante a Revolução Francesa (1789), principalmente pelo exército de Marselha, alcunhada como “*La Marseillaise*”. Assim ela foi adotada como hino da França entre 14 de julho de 1795 até 1804. A partir de 1879 voltou a ser o hino oficial da França, até os dias de hoje. Como podemos observar em suas estrofes, a letra é um convite para luta:

<i>Allons enfants de la Patrie</i>	Avante, filhos da Pátria,
<i>Le jour de gloire est arrivé</i>	O dia da Glória chegou.
<i>Contre nous de la tyrannie</i>	Contra nós, da tirania
<i>L’étendard sanglant est levé:</i>	O estandarte ensanguentado se ergueu
<i>.L’étendard sanglant est levé:</i>	O estandarte ensanguentado se ergueu
<i>Il viennent jusque dans vos bras</i>	Vêm eles até aos nossos braços
<i>Entendez- vous dans les campagnes</i>	Ouvis nos campos
<i>Mugir ces féroces soldats!</i>	Rugirem esses ferozes soldados!
<i>Égorger vos fils et vos compagnes</i>	Degolar nossos filhos, nossas mulheres
<i>Aux armes citoyens</i>	Às armas cidadãos!
<i>Formez vos bataillons</i>	Formai vossos batalhões!
<i>Marchons! Marchons!</i>	Marchemos, marchemos!
<i>Qu’un sang impur</i>	Que um sangue impuro
<i>Abreuve nos sillons...</i>	Ague o nosso arado... ²²⁹

Observamos na tradução da letra do hino da França a convocação para a luta em

²²⁷ SHAREAMERICA. *Música mantém tropas americanas em formação e eleva o moral*. 2021. Disponível em < <https://share.america.gov/pt-br/musica-mantem-tropas-americanas-em-formacao-e-eleva-o-moral/>> Acesso em 28 ago 2022.

²²⁸ MARQUES, Elaine. *Hino da França: a letra e a história de “La Marseillaise”* 2018. Disponível em < <https://www.eurodic.com.br/hino-da-franca/>> Acesso em 28 ago 2022.

²²⁹ MARQUES, Elaine. *Hino da França: a letra e a história de “La Marseillaise”...* Disponível em < <https://www.eurodic.com.br/hino-da-franca/>> Acesso em 28 ago 2022.

represália a um inimigo terrível, opressor, abominável, que ensanguenta seus filhos, suas esposas; é a convocação para uma organização armada contra o inimigo. Este ufanismo francês, quando bem trabalhado, ganhou impressionante gigantismo no imaginário de quem se envolve nesta causa e parte para a luta, como foi na Revolução Francesa. Com certeza, as gerações atuais e futuras, ao escutarem estas estrofes, sentem e sentirão uma sensação de orgulho pelo que seus ancestrais fizeram para estarem em suas condições atuais.

A título de curiosidade, durante a Copa do Mundo de 2014, Karim Benzema²³⁰, de origem argelina, artilheiro e principal jogador da seleção francesa, não cantou “*La Marseillaise*” em forma de protesto. A expressão “sangue impuro” presente em diversas partes do hino é interpretada por alguns como uma referência aos imigrantes de seus filhos.

Todavia, quando visto por outro ângulo, estas sensações, emoções, podem ter conotações diferentes e causar controvérsias. Abordando o sentido antagônico ao hino nacional francês “*La Marseillaise*”, usamos como exemplo a música “*Admirável Gado Novo*”, (Zé Ramalho, Epic Gravadora, 1979) que se tornou um dos maiores sucessos de Zé Ramalho²³¹ da trilha sonora da novela “*Rei do Gado*”, (Direção: Luiz Fernando Carvalho, Carlos Araújo, Emilio Di Biasi e José Luiz Villamarim. Produção: TV Globo, Brasil. Autor: Benedito Ruy Barbosa, com colaboração de Edmara Barbosa e Edilene Barbosa 1996/1997). A música de 1979 foi criada em plena ditadura civil-militar. A luta pela liberdade de expressão teve a participação de vários grupos socioculturais, na arte misturavam-se os sentimentos de cansaço e de esperança. A música é uma amálgama de crítica à exploração e à manipulação psico/intelectual, “Vocês que fazem parte dessa massa”. O autor tem como referência despótica a massa de pessoas e uma contradição no final: “E dar muito mais do que receber”. Estabelece uma metáfora aos seres humanos divididos ou estratificados socialmente,²³² onde a mais baixa tem a função social de servir, trabalhar, sem reclamar. Na música, as massas são os cidadãos, usados como construtores dos projetos que seus líderes têm para o futuro.

Contudo, tratando-se dos cânticos, canções e dos gritos de guerra, existe criterioso

²³⁰ MARQUES, Elaine. *Hino da França: a letra e a história de “La Marseillaise”...* Disponível em < <https://www.eurodic.com.br/hino-da-franca/>> Acesso em 28 ago 2022.

²³¹ FERNANDES, Camila. *Análise: entenda a letra de Admirável Gado Novo, do Zé Ramalho.* 2022. Disponível em < <https://www.letras.mus.br/blog/admiravel-gado-novo-analise/>> Acesso em 28 ago 2022.

²³² BOTTOMORE, Tom (Org.). *Dicionário do pensamento marxista.*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p.107.

estudo não somente como propagador, difusor de sentimento de orgulho, brio, dignidade, honradez, pudor, coragem moral, bravura, sentimento do dever cumprido, e, se bem elaborado, quando por causas nobres, podem muito bem serem utilizados, por qualquer que seja a tropa, inclusive de escoteiros. Pode-se observar que estes valores apresentam dimensão maior ou não, que poderia se associar, por exemplo, a uma “cidade espartana”,²³³ por exemplo, Santa Maria (RS)²³⁴ abriga a maior guarnição do Brasil de militares proporcionalmente por habitantes, em torno de 262 mil pessoas, ficando apenas atrás do Rio de Janeiro (RJ). Até por conta da cultura dos guachos, estes sentimentos são mais aflorados.

Os cânticos e gritos de guerra também foram muito explorados nos filmes de *Hollywood*, na cadência de chamadas em filmes americanos, nos quais um “instrutor de recrutas”²³⁵ lidera tropas que marcham ou correm ao som de canções de chamada e resposta que expressam os valores culturais da vida militar ou consistem em brincadeiras descontraídas”²³⁶. Entre as chamadas inclui-se estes versos como: “Tirei meus jeans desbotados/agora estou usando uniformes verdes do Exército”.²³⁷ Inúmeros são os exemplos de filmes que abordam os cânticos como “*Top Gun*”, (“Ases Indomáveis), (Direção: Tonny Scott, Produção: Dom Simpson, Jerry Bruckeimer Films, EUA, 1986) que retrata a formação de um piloto de aeronave da Marinha Americana.

A “chamada de cadência é uma das ações militares mais exclusivas que as pessoas fazem do ponto de vista cultural”.²³⁸ Essas cadências têm elementos da cultura musical afro- americana e canções de guerra europeu-americanas, neste caso, específico do exército americano.

Travis G. Salley, que estudou Música Militar na Universidade de Massachusetts, nos

²³³ Cidade Espartana, alusão à cidade estado cuja principal atividade era formação militar. Disponível em <<https://www.historiadomundo.com.br/grega/esparta.htm>> Acesso em 28 ago 2022.

²³⁴ EDIÇÃO do dia 27/01/2013 G1. *Santa Maria tem tradição militar; conheça a história da cidade.*

Disponível em <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/01/santa-maria-tem-tradicao-militar-conheca-historia-da-cidade.html>> Acesso em 28 ago 2022.

²³⁵ Soldado no serviço militar inicial obrigatório.

²³⁶ SHAREAMERICA. *Música mantém tropas americanas em formação e eleva o moral...* Disponível em <<https://share.america.gov/pt-br/musica-mantem-tropas-americanas-em-formacao-e-eleva-o-moral/>> Acesso em 28 ago 2022.

²³⁷ SHAREAMERICA. *Música mantém tropas americanas em formação e eleva o moral...* Disponível em <<https://share.america.gov/pt-br/musica-mantem-tropas-americanas-em-formacao-e-eleva-o-moral/>> Acesso em 28 ago 2022.

²³⁸ SHAREAMERICA. *Música mantém tropas americanas em formação e eleva o moral...* Disponível em <<https://share.america.gov/pt-br/musica-mantem-tropas-americanas-em-formacao-e-eleva-o-moral/>> Acesso em 28 ago 2022.

EUA, afirma que o canto se alinha com as canções de escravos e prisioneiros afro-americanos.²³⁹ Também a principal academia do exército americano, a de West Point,²⁴⁰ em Nova York, EUA, adota estes cânticos como *modus operandi* como fator motivador em seus instruídos, o Corpo de Cadetes dos Estados Unidos (*United States Corps of Cadets- USCC*) em atividades de ensino acadêmico, treinamento físico e treinamento militar.

Conforme a historiografia militar americana, as tropas americanas, já no período da Guerra da Independência (1776), marchavam ao som da música fornecida por pífaros e tambores, uma tradição iniciada na Suíça do século XV. Já na década de 1850, líderes ensinavam a execução de marchas precisas por meio de um canto vocal, “pé de feno, pé de palha”,²⁴¹ depois de os integrantes do serviço militar colocarem feno em seus calçados esquerdos e palha nos calçados direitos. Atualmente os líderes das tropas normalmente selecionam uma cadência ao chamado, e a resposta reflete a personalidade de um líder ou a missão de uma unidade. Por exemplo, McLaughlin disse: “*Hail O’ Hail O’ Infantry*” (Salve oh salve oh infantaria).²⁴² Além de garantir que as tropas em formação estimulando a preparação física. Cantar ou entoar cânticos também aumenta o moral e a camaradagem, e pode aliviar o trabalho enfadonho de tarefas difíceis. Usualmente, no Brasil, a cadência é marcada pela passada em que o comandante da fração a viva voz esbraveja: “direita”, “esquerda” ou “um”, “dois”.

As canções militares estão previstas na Portaria nº 1.353, de 24 de setembro de 2015 cantadas pela tropa nas formaturas, nas instruções que envolviam o canto de hinos e canções. Conforme prescreve o artigo 24/25:

Art. 24. As marchas e dobrados para bandas de corneteiros ou de clarins, para fanfarras e para bandas de música, utilizados no Exército, são os constantes do Manual de Toques do Exército (C 20-5).

§ 1º Outras marchas e dobrados poderão ser executados, em cerimônias militares, pelas bandas de música, desde que sejam músicas marciais e não resultem de arranjos ou de adaptações de canções populares.

§ 2º Nas formaturas solenes, deverá ser dada a prioridade à execução de

²³⁹ SHAREAMERICA. *Música mantém tropas americanas em formação e eleva o moral...* Disponível em < <https://share.america.gov/pt-br/musica-mantem-tropas-americanas-em-formacao-e-eleva-o-moral/> > Acesso em 28 ago 2022.

²⁴⁰ THE U.S. MILITARY ACADEMY AT WEST POINT. *THE PREEMINENT LEADER DEVELOPMENT INSTITUTION*. Disponível em < <https://www.westpoint.edu/> > Acesso em 28 ago 2022.

²⁴¹ SHAREAMERICA. *Música mantém tropas americanas em formação e eleva o moral...* Disponível em < <https://share.america.gov/pt-br/musica-mantem-tropas-americanas-em-formacao-e-eleva-o-moral/> > Acesso em 28 ago 2022.

²⁴² Infantaria (Qualificação Singular Militar), arma base, ou popularmente no jargão militar tropa a pé o Exército Brasileiro utiliza as seguintes especialidades de tropas de Infantaria: Motorizada, Blindada, Paraquedista, Leve (Aeromóvel), de Selva, de Montanha, de Caatinga, de Polícia do Exército, de Guarda. Disponível em <<https://www.almoxmilitar.com.br/forcas-armadas/tropas-especiais-do-exercito-brasileiro-infantaria-aeromovel>> Acesso em 28 ago 2022.

música e de dobrado nacionais, com o objetivo de valorizar e estimular nossa cultura.

§ 3º Nas solenidades com a presença de público externo, deverá ser cantado, preferencialmente, o Hino Nacional, para permitir uma maior participação da assistência.

Art. 25. No canto do Hino Nacional pela tropa ou público, acompanhado de execução instrumental, as bandas e as fanfarras deverão obedecer ao andamento metronômico de uma semínima igual a 120, conforme determina o artigo 24, inciso I, da Lei nº 5.700, de 1º de setembro de 1971, que dispõe sobre a forma e a apresentação dos símbolos nacionais.²⁴³

A canção e o canto têm na instrução extrema contribuição para a formação e no aperfeiçoamento dos militares. As canções podem ser executadas em solenidades internas ou externas, a leitura minuciosa das palavras durante o canto, ou seja, o treinamento para a correta execução dos hinos e canções com o objetivo de exprimir corretamente a prosódia eleva-se ainda mais o valor dos símbolos homenageados, além do trabalho de despertar a área cognitiva dos componentes da tropa, como também dos assistentes o orgulho uma relação á valorização da uma nação ou instituição, afirma o major musico Israel Fonseca.²⁴⁴

O hino²⁴⁵ teve seus registros desde a antiguidade e sua utilização tinham vários propósitos. Baseado nos estudos do coronel Lemos “a simplicidade da forma estrófica e o seu canto de cunho coletivo prolongaram sua existência até hoje”.²⁴⁶ Com os surgimentos ou com afirmações como unidades políticas, com argumentações seja de natureza cultural e racial na justificativa das nacionalidades, justificam-se a existência de ícones, símbolos que o representassem.

A materialização através dos seus símbolos ou de distintivos que identificassem de outras nações, estados ou unidades federativas. Através das bandeiras, escudos, heróis e compuseram-se hinos num esforço de construção de uma memória do coletivo.

Olhando por outro ângulo, a massificação de canções, hinos e gritos observando os ensinamentos de Pollack²⁴⁷ à construção de uma identidade nacional, por vezes, pode significar a manipulação de uma camada da sociedade quando ocorre através de

²⁴³ BRASIL. PORTARIA Nº 1.353, DE 24 DE SETEMBRO DE 2015. *Aprova as Instruções Gerais para Aplicação do Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas (EB10-IG-12.001)*, 3ª Edição, 2015. (8 - Separata ao Boletim do Exército nº 39, de 25 de setembro de 2015).

²⁴⁴ LEMOS Esmeraldino Jacinto de Cel QOC. *CADERNO DE HINOS E CANÇÕES*. Goiânia – GO. 2020. Prefácio.

²⁴⁵ LEMOS Esmeraldino Jacinto de Cel QOC. *CADERNO DE HINOS E CANÇÕES*... P.6.

²⁴⁶ LEMOS Esmeraldino Jacinto de Cel QOC. *CADERNO DE HINOS E CANÇÕES*... p.6.

²⁴⁷ POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro vol. N.3. 1989. p. 3-15. Disponível em:<> Acesso não declarado.

ferramentas ortodoxas de indução, inclinação, subserviência a grupo. Mas esta situação nos leva a crer que o projeto de nação passe também por uma ideologização.

4.2. O Brasil dos cânticos, dos cantos e dos gritos de guerra

A exaltação da saga do Araguaia, conforme o pesquisador Claudius Viana da FGV²⁴⁸ pode então ser encontrado em outro campo, ainda que mais folclórico, mas não menos importante: os chamados “cânticos de guerra”.²⁴⁹ Em época distante da campanha, quando nenhum dos combatentes que participaram do episódio se encontrava mais no serviço ativo, os recrutas paraquedistas ainda esbravejam os seguintes versos, cantados ritmicamente, a plenos pulmões, durante as corridas em forma pela Vila Militar do Rio de Janeiro, ou pelas ruas dos bairros vizinhos, bem como por diversas localidades onde há presença do Exército no Brasil:

Foi em Xambioá, foi em Xambioá.
 No Araguaia, Xambioá.
 Quem nunca ouviu falar que fique agora a escutar
 Contos de glória que agora eu vou contar
 Quando eu era pequeno ouvi meu pai a me contar
 Ei meu filho lá estive a atuar
 Vi guerrilheiro na selva a tombar
 “E para casa nunca mais voltar...”
 A guerrilha não era brincadeira
 Era patrulha, patrulha a noite inteira.
 Alguns de nós eram facas na caveira²⁵⁰
 Paraquedistas chegavam pelo ar
 A todo o momento um sinal de congelar
 Cabo mateiro lá na frente a avisar
 Tem guerrilheiro de tocaia a emboscar
 Ordem à patrulha na mata se infiltrar
 A fadiga, a sede e a fome.
 Carapanã, muito charco e lamaçal.

²⁴⁸ VIANA, Claudius Gomes de Aragão. *A Brigada de Infantaria Paraquedista: História institucional e cultura...*p. 268.

²⁴⁹ Mesmo uma manifestação de natureza essencial e originalmente espontânea como o “cântico de guerra” é avocada pela administração militar, sofrendo regulamentação e sendo assim definida: “é uma composição musical com letra e característica marcial, não necessitando de vinculação específica com qualquer instituição ou Organização Militar. O Cântico de Guerra evoca feitos, tradições e anseios do Exército Brasileiro, com o objetivo de despertar na tropa, sentimentos patrióticos e virtudes militares. Deve possuir, preferencialmente, de duas a três estrofes”. *Comandante do Exército*. Portaria nº 708, de 22 de junho de 2016. *Aprova as Normas para Julgamento e Aprovação de Obras Musicais Militares (EB 10-N-01. 003) e dá outras providências*. Boletim do Exército nº 38, de 23 de setembro de 2016.

²⁵⁰ Ou seja, *comandos*, uma alusão ao distintivo da especialidade — um crânio humano atravessado por um punhal.

Mas mesmo assim sustentei meu para-fal²⁵¹
 Ouvi os guerrilheiros lá de Xambioá
 Durante muitas noites meu nome a gritar
 No intuito de me amedrontar
 Não gostei e logo revidei
 Dei rajadas pro inimigo perfurar
 Fiz emboscadas para eliminar
 Vi o inimigo com medo a me olhar
 E o desespero em sua alma reinar
 Lá havia mulher guerrilheira
 Havia a Dina, a Dina guerrilheira²⁵²
 Em torno dela a mistificação
 De boa mulher para a população
 Sua astúcia era de invejar
 Sua liderança de admirar
 Conquistou o povo de Xambioá
 Informes sobre ela ninguém queria dar
 Mas pegadas para morte ela deixou
 Seu vulto traiçoeiro na mata nos enganou
 Um preço alto a Dina pagou
 Ó meu filho se alguém te perguntar
 Se o seu pai esteve em Xambioá
 Responda com orgulho que eu estive lá
 Foi em Xambioá que cumpri nobre missão
 Defendi com orgulho esta nação
 E vinguei o sangue do meu irmão
 Que tombou em defesa deste chão
 Meu filho chora agora de emoção
 E lhe peço: prossiga na missão
 De manter a integridade deste chão
 Seja no Sul, no Norte ou no sertão
 Velho guerrilheiro, vá agora descansar
 Deixe seu filho na missão continuar
 Pois se a guerrilha voltar a incomodar (Autor desconhecido)

Viana sobre a função e importância dos cânticos de guerra tem por objetivo preservar o caráter da memória coletiva.²⁵³ A respeito da construção da memória coletiva, Pollack traça uma reta diametralmente, associando a teoria durkheimiana de tratar fatos sociais em coisas, porém o que se chama patrimônio imaterial onde se enquadram nossas tradições, folclore, nossas lendas, mistérios, mitologia. Para Viana, os cantos de guerra

²⁵¹ O Parafal (Fuzil 7,62 M964 A1) era o armamento padrão da tropa paraquedista. Difere do FAL (Fuzil 7,62 M964) ou fuzil automático leve por ter a coronha rebatível, tornando-o mais compacto. Recentemente, foi substituído pelo fuzil de assalto 7,62mm IA2.

²⁵² Dinalva Conceição Oliveira Teixeira (1945-1973/74?). Participou ativamente do movimento estudantil nos anos de 1967/68, sendo, por isto, presa. Em maio de 1970, seguiu com o marido para o Araguaia, passando a utilizar o codinome Dina. Foi uma das guerrilheiras mais respeitadas e admiradas pela comunidade da região, e sobre ela existem muitas lendas e mitos. Foi à única mulher a ter o cargo de vice-comandante na guerrilha. *Comissão Nacional da Verdade – Relatório – Volume III – Mortos e Desaparecidos Políticos*, página 1.678.

²⁵³ VIANA, Claudius Gomes de Aragão. *A Brigada de Infantaria Paraquedista: ...* p.269.

enquadram-se de um “artefato, como narrativas das realizações do grupo e de seus heróis, projetando valores institucionais para influenciar comportamentos e atitudes através da exaltação de predicados tais como coragem, auto sacrifício, determinação, nacionalismo e patriotismo”.²⁵⁴

Neste debate, há de se contextualizar quanto foi e, mais ainda, nos dias atuais, a questão do anticomunismo nas Forças Armadas no Brasil, que é latente, todavia, mais à frente, iremos aprofundar o assunto com autores como o historiador Rodrigo Patto Sá Motta e a professora Carla Simone Rodeghero.

No caso em voga, sobre a temática do lado folclórico como é retratado nas canções utilizadas nos horários dos Treinamentos Físicos Militares (TFM), especificamente nas corridas longas nos logradouros adjacentes aos aquartelamentos, baseado nos estudos de Claudius Viana, pode-se dizer que o intuito nem seja de difundir uma ideologia anticomunista, e sim, no sentido motivacional para a prática da atividade física propriamente dita, pelo menos nos níveis mais básicos especificamente aos cabos e soldados, ainda que seja sabido que a simples evocação destas canções venha a reproduzir uma ideologia, mesmo que seja de forma espontânea.

No nosso entendimento, em parte, corroboramos com a visão de Viana em se tratando no trabalho cognitivo motivacional, entretanto, dependendo do nível intelectual ou da região em que esteja praticando esta atividade física ou instrução de ordem unida, estas manifestações podem ou não estimular ou serem simplesmente ignoradas pela tropa ou público alvo, por exemplo, qual o sentimento ou entendimento que o soldado da guarnição de Marabá, PA, tem sobre os versos deste cântico, pois são oriundos da região onde houve o conflito, em comparação com os sentimentos aflorados com dos soldados da guarnição de Sant’Ana do Livramento, RS, fronteira com Uruguai ou de São Gabriel da Cachoeira, AM, com tríplice fronteira Brasil, Colômbia, Venezuela, onde 70% desta população são de origem indígena²⁵⁵, portanto difícil conclusão necessitaria de um estudo aprofundado.

Realmente, é fato que, a manifestação anticomunista por parte das classes subalternas das três Forças, evidenciado quando se acessa as redes sociais por componentes,

²⁵⁴ Conforme os trabalhos do historiador Rodrigo Patto Sá Motta. O Nacionalismo / Patriotismo nas Forças Armadas junto com Catolicismo e Liberalismo as matrizes do Anticomunismo no Brasil exatamente no período da ditadura civil-militar. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”*: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo, Perspectiva/FAPESP, 2002, p. 15-46.

²⁵⁵ Gomes, Rosilene Campos Magalhães. *Território e línguas indígenas em São Gabriel da Cachoeira-AM*. Universidade Federal do Amazonas. Disponível em < <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3955>> Acesso em 28 ago 2022.

diante do cenário político e social,²⁵⁶ às vésperas da eleição em que o país se encontra (2022), instaura um momento de polarização.

Observando ainda as mídias sociais com relação às visualizações e comentários dos vídeos que tratam do conflito da Guerrilha do Araguaia, no vídeo “Foi em Xambioá”, que chegaram ao total de 204 mil²⁵⁷ visualizações, sem contar outras mídias e canais de propagação. Portanto, um tema que, embora tenha se passado quase 50 anos, ainda está muito presente no cotidiano, passa ao nosso entendimento, que se encontram guardados na memória dos militares e também de pessoas curiosas, ou simpatizantes.

Também se observa o mesmo quando ganha outras adaptações na letra, pois este tema mantém o seu tom de vibração e motivação, como no grito de guerra sobre “o Infante e o guerrilheiro”:

O Infante e o Guerrilheiro
 O infante e o guerrilheiro tiveram uma discussão
 Pra ver quem era melhor nas selvas da região
 Os dois se propuseram a conquistar objetivos
 Quem chegasse primeiro era mesmo invencível
 Agora eu vou contar o que foi que aconteceu
 O infante bizurado com sua bússola seguia
 Enquanto o guerrilheiro na selva se perdia
 Porém não teve sorte uma cobra lhe mordeu
 Agora eu vou contar que aconteceu
 O infante bizurado com sua bússola seguia
 Enquanto o guerrilheiro na selva se perdia
 Porém não teve sorte uma cobra lhe mordeu
 Agora eu vou contar que aconteceu
 Disseram que o veneno da cobra era muito forte
 E que isso levará o velho infante a morte
 Porém o infante o veneno se inverteu
 A ao invés de morrer o infante foi à cobra que morreu
 Ficou comprovado que o infante é combatente
 Não teme o guerrilheiro nem tão pouco de serpente.²⁵⁸

Mais uma vez, os versos do grito de guerra têm a temática sobre um confronto entre um militar e um guerrilheiro, com versos rápidos, fáceis e rimados, apropriado como motivador para formaturas e deslocamento em marcha a pé nos quartéis com conotações anticomunistas explícitas. Também constatado com um número expressivo de ex-militares

²⁵⁶ EDIÇÃO do dia 02/09/2021 G1. *Cresce de 30% para 38% a participação de profissionais das forças de segurança em redes bolsonaristas, diz pesquisa.* Disponível em < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/02/cresce-de-30percent-para-38percent-a-participacao-de-profissionais-das-forcas-de-seguranca-em-redes-bolsonaristas-diz-pesquisa.ghtml>> Acesso em 28 ago 2022

²⁵⁷ Foi em Xambioá. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=g6l_sjBUlac> Acesso em 28 ago 2022.

²⁵⁸ BATALHÃO DA GUARDA PRESIDENCIAL. *Batalhão da Saudade Paulistano – BSP.* 2013. Disponível em < Fonte: <http://batalhaodasaudadepaulistanos.blogspot.com/2013/02/hino-cancoes-tfm-e-gritos-de-guerra.html>> Acesso em 28 ago 2022.

com comentários saudosos dos tempos de caserna,²⁵⁹ porém não fazendo qualquer discussão a respeito do tema que enseja a evocação do grito de guerra como anticomunistas.

Como podemos observar nos comentários:

HOJE NESTA MATÉRIA, VENHO FALAR DE GRITOS DE GUERRA, HINOS E CANÇÕES TFM, SEI QUE MUITOS DEVEM TER ESTRANHADO, POXA O FULANO NÃO, POIS NEM CABEÇARIO E NEM LEGENDA, TA FICANDO PREGUIÇOSO, MAIS FOI ESTA A MINHA INTENÇÃO, POIS CREIO EU, QUE ELES POR SI PROPIO CUMPREM ESTA FUNÇÃO E LEVAM NOSSA MENTE VIAJAR AO NOSSO TEMPO DE CASERNA, QUEM NUNCA VIBROU , CANTOU, MARCHOU, EXECUTOU ORDEM UNIDA, CORREU OU ATÉ MESMO RALOU COM ESSAS PÉROLAS DO BGP E DA INFANTARIADO E.B. PEÇO DESCULPA SE DEIXEI ALGUM PRA TRÁS, E OUTROS QUE SÃO APENAS DA MINHA ÉPOCA DAS CIAS DO BGP, PRA TERMINAR, SEI QUE O DA CIA CRMN ESTA EM DOSE DUPLA, POIS ATÉ HOJE ELE MARTELA NA CABEÇA DESTE ETERNO GRANADEIRO BGP. 2020 FULANO. OBRIGADO.

Postado por Unknown as segundas-feiras, fevereiro 25, 2013. Em 1º lugar quero te dizer que me emocionei muito com esta matéria e 2º você esta de parabéns Fulano eu sabia que com vc ao lado do BS so tínhamos a ganhar.

Abraço

SD

Cicrano

0000

5ª

Cia

2º

Pel

1993

BS/BGP

25 de fevereiro de 2013 23:45.²⁶⁰

Abaixo se observa o instinto de guerreiro deflagra à vontade para o combate de matar e faz referência ao principal armamento de dotação da praça, que é o Fuzil Automático Leve (FAL) e a metralhadora ou pistola da marca Beretta. Em seguida, fala de uma paródia, referindo-se ao capeta que pede a Deus para ficar longe do combatente. Portanto, num tom de descontração, com uso de palavras fáceis e ritmadas que marcam na memória dos jovens num primeiro momento, com objetivos motivacionais e ideológicos no que se refere a um convite para o combate, ou mesmo de descontração.

Quando morrer quero ir de FAL e de
Beretta, Chegar no inferno dando tiro no
capeta,
E o coitado vai gritar desesperado,

²⁵⁹ Caserna: Construção destinada ao alojamento de soldados; quartel. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/caserna/>>. Acesso em 28 ago 2022.

²⁶⁰ BATALHÃO DA GUARDA PRESIDENCIAL. *Batalhão da Saudade Paulistano – BSP...* Disponível em <<http://batalhaodasaudadepaulistanos.blogspot.com/2013/02/hino-cancoes-tfm-e-gritos-de-guerra.html>> Acesso em 28 ago 2022.

Meu deus do céu tira daqui esse soldado...²⁶¹

Outro tema simbólico que chama a atenção referente ao trabalho da área cognitivo mais voltado à sociedade são as propagações dos *slogans*, no caso do Exército: “Braço Forte, Mão Amiga”.²⁶² Conforme a revista “*Verde Oliva*” este *slogan* surgiu nos anos de 1990, concebido pelo coronel Francisco Roselio Brasil Ribeiro com o objetivo de que o Exército se posicionasse de forma adequada na mente do brasileiro. Neste contexto, na nossa análise, sendo um momento crítico em que as Forças Armadas saíram de um período de mais de vinte anos no poder com uma imagem depreciada, num esforço de apresentar-se como um exército moderno, sem o estereótipo ditatorial manchado pelo período de 1964/1985.

A referência ao “Braço Forte” teve origens na guerra de Guararapes com a expulsão do dominador (holandês) e, mais tarde, nas atuações de Luis Alves de Lima e Silva, o duque de Caxias, e também foi principal comandante na vitoriosa campanha da Guerra da Tríplice Aliança. Complementando com a participação da Força Expedicionária Brasileira, na II Guerra Mundial, além do seu papel constitucional na garantia da soberania nacional, da lei, da ordem e salvaguarda dos interesses do Brasil.

Relativo a complemento “Mão Amiga” tem relação com as diversas ações do Exército Brasileiro pelo desenvolvimento nacional, assim como nas missões de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) em que o Brasil esteve presente, como também ao atendimento nas situações de calamidades públicas de combate à seca, ou de inundações, ou no atendimento médico odontológico às comunidades ribeirinhas e indígenas no interior da Amazônia e do Pantanal. Com isso, chega-se à conclusão de que o *slogan*²⁶³ cumpre seu objetivo por ser simples.

Entretanto, este artifício de utilizar de fórmulas musicais com estímulos para o combate não é privilégio somente das Forças Armadas. Em um misto de ficção e realidade, o filme “Tropa de Elite” com seu tema musical do mesmo nome, relata a explícita falência do sistema de segurança pública no estado do Rio de Janeiro, pelo Batalhão Operações Especiais (BOPE-RJ), no combate ao tráfico de drogas, com cenas do cotidiano de policiais

²⁶¹ BATALHÃO DA GUARDA PRESIDENCIAL. *Batalhão da Saudade Paulistanos – BSP...* Disponível em <<http://batalhaodasaudadepaulistanos.blogspot.com/2013/02/hino-cancoes-tfm-e-gritos-de-guerra.html>> Acesso em 28 ago 2022.

²⁶² Centro de Comunicação Social do Exército. Relações Institucionais. Braço Forte – Mão Amiga. *Revista Verde Oliva*. Nº 247, 27 Dez 2019.

“Disponível em <<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/VO/article/view/793>> Acesso em 28 ago 2022.

²⁶³ REBOUL, Olivier. O Slogan. Tradução de Ignácio Assis Silva. São Paulo: Editora Cultrix, 1986, p.7.

em comunidades do Rio de Janeiro, com uso de tortura e corrupção, cujos versos deflagram o embate. O vídeo chega à marca de mais de 110 mil visualizações:²⁶⁴

Agora o bicho vai pegar
 'To chegando de bicho, 'to chegando e é de bicho
 Pode parar com essa história de se fazer de difícil
 Que eu 'to chegando, 'to chegando e é de bicho
 Pode parar com essa marra, pode parando tudo isso.
 Num dá bobeira não
 'Cê 'tá na minha mão, segunda feira é só história pra Contar
 Não vem cum ideia não
 Não quero confusão
 Mas vamo junto que hoje o bicho vai pegar
 Chegou à tropa de elite, osso duro de roer
 Pega um pega geral, e também vai pegar você
 Tropa de elite, osso duro de roer
 Pega um pega geral, e também vai pegar você
 Tropa de elite, osso duro de roer
 Pega um pega geral, e também vai pegar você
 Tropa de elite, osso duro de roer
 Pega um pega geral, e também vai pegar você ...²⁶⁵

Música tema do filme do mesmo nome “Tropa de Elite” (2007) de grande repercussão nacional, dirigido por José Padilha, cuja temática era a violência urbana intimamente ligada a História e Sociologia de uma realidade da ausência ou descaso do Estado, fruto da propensão quase patológica carioca das classes sociais e certa negligência da convivência pacífica com a ilegalidade e a marginalidade, uma dicotomia que por parte deu uma blindagem a Polícia Militar do Rio de Janeiro (PMRJ), especificamente ao Batalhão de Operações Especiais (BOPE), tropa de elite desta corporação, que no enredo, realístico do filme trafega contra a ineficiência, a corrupção e no confronto com as facções criminosas do estado. O roteiro do filme impõe ao espectador um didatismo com cenas de tiroteio pelas ruelas das favelas do Rio de Janeiro, repassando questões clássicas com cenas de dramas recheado de estresse, tiros, bombas, avanço das tropas com carros de combates blindados chamados de “caverão”, que permitem avanço das tropas policiais pelas comunidades. Uma Ambiguidade entre o real e ficção com cenas do cotidiano de viciados e contrabandistas de drogas e outras ilicitudes. Sobre o gênero musical de estilo *rock metal*, a trilha sonora oficial do filme foi lançada em outubro de 2007 pela EMI Music. A faixa homônima, gravada pelo grupo Tihuana “Tropa de Elite”, recebeu uma certificação

²⁶⁴ Tihuana – Tropa de Elite. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=tFO8CmU4KRc>> Acesso em 28 ago 2022.

²⁶⁵ Tihuana – Tropa de Elite. Disponível em < <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=letra+tropa+de+elite>> Acesso em 28 ago 2022.

de platina, devido a mais de 100 mil *downloads* pagos segundo a ABPD, a trilha sonora oficial trouxe para o lançamento com vários diferenciais importantes. Num tom cânone o teor da letra de extremismo propondo ação de combate utilizando de gírias usadas corriqueiramente pelos cariocas, logo na primeira frase: “Agora o bicho vai pegar”. A letra segue utilizando gírias “Num dá bobeira não, “Cê” tá na minha mão, segunda-feira é só história pra contar “Não vem com ideia não, não quero confusão”, nesta parte é explícito a negociação entre o bandido e alguém das Forças de Segurança dando a impressão de uma contrapartida por saber ou flagrar algum ilícito do outro, e chegar a honrado ajuste de contas. O enredo musical chega ao seu principal refrão massificante “Chegou à tropa de elite, osso duro de roer, Pega um pega geral, e também vai pegar você”, repetidamente ao som frenético do *rock metal*. Sobre este cântico conclui-se uma apologia à violência, sem querer justificar um princípio que é totalmente anticonstitucional e inadmissível enquanto nós como sociedade, mas estes grupos justificam-se com a narrativa que é própria dos princípios pregados por uma escola militar de instrução de operações especiais de comandos, isto está na essência da formação destes homens, portanto eles estão ali para produzirem resultados, e este resultado é a morte. Por analogia como se colocássemos um atirador *sniper*²⁶⁶ para resolver um conflito de ordem pública, ou seja, o que se espera dele que acerte o alvo. A questão é se esta é a melhor solução para resolver conflitos de segurança pública com execuções? Trata-se aqui de outra temática. Sob outro enfoque é inegável a proposta do filme e da música que é uma alusão à ideologia do fascismo, a começar pelo uso dos uniformes pretos e na formação da tropa do BOPE, e em que seus instrutores falam aos instruendos é “pede pra sair!”, no caso o desistir de concluir curso de operações especiais.

Outro importante trabalho que faremos será uma reflexão especial, tomando como referência a tese de doutorado da pesquisadora Maria Elisa Pereira: “Você sabe de onde eu venho?” O Brasil dos cantos de guerra (1942-1945).²⁶⁷ que trata da Canção dos Expedicionários, ou do pracinhas da 2ª Guerra Mundial, que enseja, com época considerada de ouro referente à produção musical de maior contribuição, gêneros e sucessos que se perpetuaram até os dias de hoje, contribuição imensurável para a cultura brasileira.

Não obstante, neste áureo período, as incertezas sobre a participação de tropas

²⁶⁶ Atirador profissional Que Se Oculta Enquanto Procura atingir vos comum a arma de precisão; atirador furtivo ou atirador de elite. "*sniper*", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/sniper>> acesso 25 Out 2022.

²⁶⁷ PEREIRA, Maria Elisa “Você sabe de onde eu venho”? O Brasil dos cantos de guerra (1942-1945). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, SP. 2009.

brasileiras no teatro de operações na longínqua Europa deram origem ao próprio lema de que a “Cobra vai fumar”, que se transformou em um símbolo presente no bracelete dos uniformes dos pracinhas brasileiros.

Conseqüentemente, o Brasil declara guerra ao Eixo e começam os preparativos de tropas brasileiras para a Itália. Por isso é um marco importante no cotidiano econômico, social, político e militar do brasileiro.

A música segue uma melodia marcial com tons de melódicos próprios do período que se insere com a letra conforme segue:

Você sabe de onde eu venho?
 Venho do morro, do engenho
 Das selvas, dos cafezais
 Da boa terra do coco
 Da choupana onde um é pouco
 Dois é bom, três é demais.
 Venho das praias sedosas
 Das montanhas alterosas
 Dos pampas, do seringal
 Das margens crespas dos rios
 Dos verdes mares bravios
 Da minha terra natal
 Por mais terras que eu percorra
 Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte para lá
 Sem que leve por divisa
 Esse V que simboliza
 A vitória que virá
 Nossa vitória final
 Que é a mira do meu fuzil
 A razão do meu bernal
 A água do meu cantil
 As asas do meu ideal
 A glória do meu Brasil
 Eu venho da minha terra
 Da casa branca da serra
 E do luar do meu sertão
 Venho da minha Maria
 Cujo nome principia
 Na palma de minha mão
 Braços mornos de Moema
 Lábios de mel de Iracema
 Estendidos pra mim
 Ó minha terra querida
 Da Senhora Aparecida
 E do Senhor do Bonfim
 Por mais terras que eu percorra
 Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte para lá
 Sem que leve por divisa
 Esse V que simboliza

A vitória que virá
Nossa vitória final
Que é a mira do meu fuzil
A ração do meu bernal
A água do meu cantil
As asas do meu ideal
A glória do meu Brasil
Você sabe de onde eu venho?
É de uma Pátria que eu tenho
No bojo do meu violão
Que de viver em meu peito
Foi até tomando jeito
De um enorme coração
Deixei lá atrás meu terreno
Meu limão, meu limoeiro
Meu pé de jacarandá
Minha casa pequenina
Lá no alto da colina
Onde canta o sabiá
Por mais terras que eu percorra
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Sem que leve por divisa
Este V que simboliza
A vitória que virá
Nossa vitória final
Que é a mira do meu fuzil
A ração do meu bernal
A água do meu cantil
As asas do meu ideal
A glória do meu Brasil
Venho do além desse monte
Que ainda azula no horizonte
Onde o nosso amor nasceu
Do rancho que tinha ao lado
Um coqueiro que, coitado
De saudade já morreu
Venho do verde mais belo
Do mais dourado amarelo
Do azul mais cheio de luz
Cheio de estrelas prateadas
Que se ajoelham deslumbradas
Fazendo o sinal da cruz
Por mais terras que eu percorra
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Sem que leve por divisa
Esse V que simboliza
A vitória que virá
Nossa vitória final
Que é a mira do meu fuzil
A ração do meu bernal
A água do meu cantil
As asas do meu ideal

A glória do meu Brasil

A “Canção do Expedicionário”, de Spartaco Rossi e Guilherme de Almeida, traz um sentimento nostálgico principalmente quando, no primeiro verso, questiona: “você sabe de onde eu venho”? Justamente porque os brasileiros deslocaram-se para solos italianos, segundo a pesquisadora Pereira, ao lado de símbolos como “a cobra vai fumar”,²⁶⁸ referência à incerteza da ida do contingente aos campos de guerra na Itália, ganhou popularidade nacional e tornou-se peça imprescindível nas bandas e corais. Em uma pequena analogia, esta canção guarda uma pequena semelhança com a música “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso (1939), principalmente quando em seus versos retratam as paisagens das selvas, cafezais, dos coqueirais, das montanhas, seringais, dos campos dos pampas, das caatingas, serrados, florestas, dos verdes mares. No refrão, o autor clama que não permita que o expedicionário morra sem que volte para sua terra natal. Tal refrão faz menção ao “V” da vitória que veio no final, com a vitória dos aliados, bem como menciona coisas de soldados, como a mira do fuzil, a ração do bernal, água do cantil, as asas do ideal do combatente e a glória final.

Seguindo a sequência da música, o autor da canção valoriza o tom poético e romântico sob inspiração do luar do sertão o amor à Maria, cuja letra “M” que está grafada na palma da mão, lembrando dos braços da amada Moema e os lábios de mel de Iracema;²⁶⁹ lembrando José de Alencar; menciona a fé em Nossa Senhora Aparecida e no Senhor do Bonfim. No outro refrão, o autor da música declara a paixão por sua terra que deixou para trás, seu limão e seu limoeiro, o pé de jacarandá, sua pequena casa, que fica no alto da colina, onde canta o sabiá, uma referência à “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias. Em suma, exalta o azul dos horizontes, onde o seu amor nasceu, o coqueiro que, numa licença poética, morreu de saudades. Por derradeiro, refere-se à bandeira nacional do verde mais belo, do amarelo mais dourado, do azul mais cheio de luz e estrelas, prateado, e finaliza com menção do Cruzeiro do Sul.

A “Canção do Expedicionário”, por muito tempo, teve enorme popularidade,²⁷⁰ principalmente pelo ato de heroísmo dos nossos valorosos pracinhas que foram combater na Europa. Hoje tem vasta popularidade no campo militar e é utilizada como introdução nas cerimônias militares por ocasião do deslocamento das guardas-bandeira.

²⁶⁸ PEREIRA, Maria Elisa “*Você sabe de onde eu venho?*”... p.8.

²⁶⁹ PEREIRA, Maria Elisa “*Você sabe de onde eu venho?*”... p.40.

²⁷⁰ PEREIRA, Maria Elisa “*Você sabe de onde eu venho?*”... p.8.

Entretanto, a pesquisadora Pereira problematiza, utilizando a tese das canções, comercialmente,²⁷¹ na época da Guerra. A autora associou diferentes conjuntos de engajamento e patriotismo no Brasil, de camaradagem e escapismo na Europa pelas tropas brasileiras, e analisa, através do que chamou de corte materialista, em que os arranjos sociais ajudam a entender o significado de um produto cultural-compreensão exotérica com prioridade de condições de produção, contrária à compreensão esotérica de que a estrutura artística revela o sentido do processo histórico.

Em consonância com a pesquisadora, esta popularização da música ocorreu pelo visto dos quartéis para a sociedade, por parte dos expedicionários, atingindo a sociedade brasileira. Entretanto, Pereira complementa que a mediação não teve participação da indústria cultural, uma vez que a massificação popular tem como promotor este canal de comercialização, independentemente de sua gênese ou origem em mercadoria. Pereira entende que, se não existe mediação, não há crítica imanente ambicionada no trabalho, ou seja, inerente deambição. Assim foi constatado sobre o recorte temporal entre 1944-1945, coincidindo com o final da II Guerra Mundial e o fim do Estado Novo.²⁷² Esse foi o período mais diversificado registrado pela música popular brasileira. Sambas e marchas conviveram com músicas folclóricas, canção, frevos, xote e maracatus. Pereira finaliza com três visões analíticas, a saber: a respeito da canção do expedicionário, a por meio da letra da música e do arranjo.

Primeiro, empiricamente, constatou todas as características nacionais, dando visão dialética do localismo e do comospolismo, conforme define a autora, por meio de um olhar periférico: os antagonismos sociais, a visão dos pobres e a matéria brasileira, justamente a composição das tropas Fabianas (FAB - Força Aérea Brasileira) e da Febianas (FEB- Força Expedicionária Brasileira), nos campos da Itália.

No segundo momento, Pereira analisa a ideologização de um estado em conflito, saindo do antigo liberalismo²⁷³ em favor do latifúndio e do provimento de uma modernização conservadora, sendo mais democrático igualitário e distributivo.

Por fim, especificamente na obra, um caráter musical negativo em busca das relações das ordens e desordens vigentes.

Nos desdobramentos do trabalho, os fundamentos intratextuais evocam a música erudita, a música clássica, buscando um *status quo*, com contextos próprios do povo

²⁷¹ PEREIRA, Maria Elisa “*Você sabe de onde eu venho?*”... p.16.

²⁷² PEREIRA, Maria Elisa “*Você sabe de onde eu venho?*”... P. 9.

²⁷³ PEREIRA, Maria Elisa “*Você sabe de onde eu venho?*”... P.10.

brasileiro. Conforme a autora, no segundo momento, a própria interação não somente com as tropas aliadas, como também a interação com os italianos pela banda da FEB, banda de jazz²⁷⁴ e outras promoveram esta interação. Num terceiro momento, as características dos hinos patrióticos e marchas cívicas manifestaram para que, no cenário de desordem, visassem à reorganização no mundo. Sendo assim, a pesquisadora concluiu que, mesmo em tempos de guerra, ditaduras e bombas atômicas, a existência de uma consciência coletiva, apesar das diferenças, assíncronas da situação social, com características melancólicas, bucólico- sambistas, costumes do interior, ecoando gritos de vozes vindas das favelas, hospitais, igrejas, e escolas, e de todos os lugares.

4.3. Guerrilha do Araguaia, da ideologização anticomunista aos princípios que afetam a área cognitiva, através dos cânticos e gritos de guerra

Diante do exposto, vamos analisar as influências sobre a ideologização instrumentalizada pelos cânticos, gritos, canções de guerra, hinos, cerimoniais e atividades militares, especialmente no conflito da Guerrilha do Araguaia. Para isso, tomaremos inicialmente os conhecimentos do Dicionário do Pensamento Marxista, que, segundo Marx e Engels, a ideologia alimenta-se de dois vértices: da crítica à religião e o materialismo. Para Marx nas distorções do pensamento nascem às contradições da sociedade. Estes conceitos foram atualizados pela teoria Hegeliana,²⁷⁵ atribuindo ao “Estado e a sociedade que produzem a religião que é uma consciência invertida do mundo porque eles próprios são um mundo invertido”²⁷⁶ que obscurece o verdadeiro carácter das conversões do subjetivo em objetivo, e vice-versa. Esses conceitos nos levam a crer que a inclinação por uma ideologia advém das inquietudes da sociedade, proporcionadas pelo *status quo* mantido. Estas contradições ocultam as distorções ideológicas e sua reprodução está a serviço da classe dominante. Tais conceitos são complementados, informando que “o mercado é também a fonte da ideologia política burguesa: a igualdade e a liberdade...

²⁷⁴ PEREIRA, Maria Elisa “*Você sabe de onde eu venho?*”... p.20.

²⁷⁵ BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista...* p. 297.

²⁷⁶ BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista...* p. 293.

baseadas nos valores de troca...”,²⁷⁷ o que nos leva a crer que a classe trabalhadora, para assegurá-la de seu direito à liberdade e igualdade, precisa negociar com sua força de trabalho de acordo com o parâmetro materialismo marxista.

Mais à frente, Gramsci cita o “Prefácio” em que Marx se refere às “formas jurídicas, políticas e filosóficas... formas pelas quais os homens tomam consciências desse conflito e o solucionam pela luta”.²⁷⁸ Também segundo Lenin, ratifica objetivamente “a crítica aos interesses da classe dominante e sua crítica aos interesses das classes dominadas”²⁷⁹. Em outras palavras, o confronto dos interesses de classe ou luta de classes.

A respeito destas discussões holísticas e dialéticas a respeito de ideologia supracitada, Gramsci sintetiza, distinguindo o que seria uma ideologia arbitrária e a ideologia orgânica, afirmando que “é uma concepção de mundo implicitamente manifesta na arte, no direito, na atividade econômica e em todas as manifestações da vida individual e coletiva”.²⁸⁰ Gramsci complementa que, entre os meios propagadores, o qual denominou aparelhos ideológicos²⁸¹ encontram-se a educação e os meios de comunicação. Fechando estes conceitos, Althusser²⁸² atribui à ideologia o papel de assegurar a coesão da sociedade.

Enfim, aplicando estes conceitos de ideologização para as Forças Armadas, no contexto do nosso trabalho, observamos, no capítulo 1, durante Guerra Fria, na qual ambas as potências EUA e URSS, buscaram fazer prevalecer suas ideologias. Aliás, o objetivo das duas potências era trabalhar em defesa de suas zonas de influências como aconteceu na Guerra da Coreia, no Vietnã, na China e em Cuba.

Neste diapasão, na nossa concepção o processo de ideologização no Brasil aconteceu nos dois lados, no caso de tendências progressistas com propósitos de justiça social (esquerdas) liderado pela URSS. Por outro lado, outros grupos de conservadores, com discursos liberais na economia e democrático (direita) se propagaram a partir da 2ª Guerra Mundial até o desmantelamento da URSS.

No caso da Revolução Cubana, foi um marco, pois justamente “os barbudos” (Fidel Castro, Che Guevara) que com a ajuda do povo cubano promoveram Revolução Cubana, como acentua Mark Almond. Após séculos de domínio espanhol e tutela do EUA, estes jovens revolucionários triunfaram vitoriosamente em janeiro de 1959 pelas ruas de Havana,

²⁷⁷ BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista...* p. 294.

²⁷⁸ BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista...* p. 295.

²⁷⁹ BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista...* p. 296.

²⁸⁰ BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista...* p. 296.

²⁸¹ BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista...* p. 297.

²⁸² BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista...* p. 297.

com o objetivo de libertação do estado de dominação, e também da humilhação em que vivia o povo cubano, ainda que a adoção do modelo socialista tenha se consolidado tempos depois, após o bloqueio econômico imposto pelos EUA. Este movimento serviu de inspiração para outros jovens da América Latina para promoverem sua revolução social, como foi o caso dos guerrilheiros do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), especificamente na Guerrilha do Araguaia, baseado no foquismo defendido por combate em pequenos focos de guerrilha, com propósito final de tomada do poder central.

Estas influências externas contribuíram de forma robusta as forças de resistências no processo avançado de ideologização a grupos de esquerdas aqui no Brasil. Entretanto, a contrapartida por parte dos EUA marcou fortemente com interferência na política interna no Brasil, como consequência da condição de neutralidade nas relações exteriores relativas ao evento, não só da Revolução Cubana, mas principalmente na Crise dos Mísseis de 1962, colocando em xeque o governo do presidente João Goulart. Pressões por parte do governo dos EUA, através do presidente Kennedy, que usou de todos os artifícios, culminando com a queda de João Goulart, obviamente associada a outros fatores.

Completando os estudos sobre este processo de ideologização para a esquerda brasileira, tivemos nesta época a formação de grupos revolucionários e o surgimento de principais lideranças, como foi caso das Ligas Camponesas, o Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), Ação Libertadora Nacional (ALN), Partido Operário Leninista (POL), Partido Operário Revolucionário Trotskista²⁸³ (PORT), MR – 8. Entre os principais líderes dos diversos grupos citados anteriormente, encontram-se Carlos Marighella, Carlos Lamarca, Leonel Brizola, Wladimir Palmeira, Daniel Aarão Reis Filho, Franklin Martins, José Genoíno Neto, Fernando Gabeira, José Dirceu e Francisco Julião. Além, obviamente, da cisão do PCB em 1962, gerando o PCdoB.

Com recrudescimento do AI-5 (1968) atingiu as forças de resistência de esquerda, principalmente no ambiente urbano, área de maior atuação da chamada Guerrilha Urbana. Estrangulados pelas forças de repressão, cercados pela censura implacável com a colaboração da própria grande imprensa, estes grupos praticamente foram dizimados ou atuavam na clandestinidade de forma bem restrita, e contavam com certo apoio externo tanto de Moscou, como apoio e até treinamento de tática de guerrilha em território cubano.

Como consequência a Guerrilha do Araguaia (1972/1975) deixou feridas profundas

²⁸³ RIDENTI, Marcelo (2007). *Esquerdas revolucionárias armadas nos anos 1960-1970...* p.33.

na sociedade, levando a um profundo processo de polarização que ultrapassou as marcas de disputas políticas e ideológicas, atingindo até o ciclo familiar, amigos, colegas de profissão e todos os núcleos da sociedade. Assim, dividiu as pessoas de forma radical, atingindo os sentimentos mais primitivos que o ser humano pode chegar, deixando vítimas fatais, inclusive, como verificamos diversos noticiários de páginas policiais. Tudo perde o fundamento quando nossas emoções ultrapassam o limite da razão, e o que se verifica são os protagonistas destas bandeiras ideológicas, que não têm propósitos esclarecidos de projeto nacional sequer para os próximos quadriênios.

Entende-se o anticomunismo que é a ideologia mais significativa que direciona a política nacional, conforme visto no início deste item. A professora Rodeghero²⁸⁴ traça um comparativo do anticomunismo católico dos EUA e no Brasil no período da Guerra Fria. A autora elenca a relação do anticomunismo no caso brasileiro a todas as ações ou atividades como propaganda, controle ou ação policial, estratégias educacionais, atos religiosos e organizações de grupos ativistas e manifestações públicas que representassem de no imaginário anticomunista. A problematização dá-se com questionamentos de compreender de qual o perigo o comunista, e como o comunismo era visto pela sociedade brasileira, num recorte temporal desde a Revolução Russa até a Guerra Fria, quais seus planos e a relação com o comunismo internacional, especialmente no caso da União Soviética. Este é outro questionamento sobre o grau de envolvimento de setores como dos sindicalistas e classes estudantis com a causa comunista. Estas peças são as respostas para entender o discurso anticomunista e suas ameaças à manutenção do *status quo*. Por fim, observando os ensinamentos do professor Rodrigo Patto Sá Motta, abordaremos as influências do anticomunismo em instituições como universidades, nas Forças Armadas e outros entes.

No primeiro momento, a estigmatização que representa o comunismo está inversamente ligada ao segmento religioso, em especial, a Igreja Católica, que foi a instituição não governamental que mais se dedicou à causa anticomunista, fundamentando-se no ateísmo, porém se valendo das boas relações que mantinham não somente com o governo, como também com os grupos dominantes, utilizando do poder de influência sobre seus féis. Além disso, as perseguições pelos comunistas ocorridas nas Igrejas do México, Espanha e na Rússia.

O trabalho de propagação anticomunista passava por concepções pejorativas, nas

²⁸⁴ RODEGHERO, Carla Simone. *Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria*. Revista Brasileira de História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Paulo, v.22, n° 44, pp. 463-488. 2002.

quais estes eram vistos como vermes, abutres, serpentes, tendo ligação com doenças, estrangeirismo, ilusão e traição.²⁸⁵ Este último ficou materializado, especialmente no seio das Forças Armadas, no evento conhecido como Intentona Comunista (1935) e na liderança exercida por Luiz Carlos Prestes, que foi militar e depois aderiu ao comunismo. Rodeghero enumera os grupos ou indivíduos que se declararam como ativistas da luta contra o comunismo, além dos citados anteriormente, adiciona a polícia, os órgãos de imprensa, órgãos governamentais, entidades empresárias e outros.

A pesquisadora estabelece um paralelo do fenômeno que foi o americanismo e anticomunismo. O primeiro, reforçado principalmente pós II Guerra Mundial, baseado no individualismo, na iniciativa privada, liberdade política, patriotismo, valorização da religião, confiança nas autoridades e nas instituições, valores estes fundamentados na própria Revolução Americana (1776), em contraponto ao comunismo e tudo que representava, gerando o “*american way of life*”, (“estilo americano de vida”), (Al Dubin e Jimm Mc Hugh, 1939). Enquanto a ideologia comunista prega a abolição da propriedade privada, o fim da luta de classes, a edificação do regime político e econômico, a fim de estabelecer uma justiça social entre os homens. Não obstante, o surgimento do macarthismo, concidentemente em plena Guerra Fria (1954), protagonizado pelo senador pelo estado de Wisconsin, EUA, McCarthy, numa verdadeira cruzada anticomunista sem precedentes, que marcou uma verdadeira “caça as bruxas” aos comunistas, como podemos verificar no extrato a seguir, com: “ataques a alvos específicos, como as universidades ou o mundo artístico de *Hollywood*; relação com o movimento dos direitos civis e o movimento pacifista, memórias atingidas pela perseguição no período.”.

McCarthy propagou várias campanhas impactantes na política americana, como acusações de infiltrações²⁸⁶ de agentes de espionagem soviética na CIA e, depois, em 1954, no Exército americano, desmentidas em rede de televisão, porém o macarthismo se intensificou principalmente no período de 1935 a 1965, o chamado o “medo vermelho”.

Aproveitando os estudos de Robert Frank²⁸⁷ sobre a visão da Igreja Católica dirigida pelo Vaticano, tinha conotação de um “cavalo de Tróia”, pois representava uma instituição que esperava o momento certo para que tomasse as rédeas do governo, logo vista como uma igreja estrangeira, frequentada por estrangeiros que usavam em seus rituais, uma linguagem estrangeira.

²⁸⁵ RODEGHERO, Carla Simone. *Religião e patriotismo...* p.464.

²⁸⁶ RODEGHERO, Carla Simone. *Religião e patriotismo...* p.472.

²⁸⁷ RODEGHERO, Carla Simone. *Religião e patriotismo...* p.473.

Rodeghero cita também dois autores, Fulton Sheen e Robert Ellwood que classificaram o anticomunismo americano em duas vertentes: o católico “conservador” ou “progressista, estes últimos criticavam anticomunismo dos conservadores por achá-lo antidemocrático, monolítico e conspiratório e viam como solução que com a eliminação da pobreza e os sofrimentos, os comunistas não teriam onde atuar”.²⁸⁸

No Brasil o anticomunismo remonta desde a metade do século XIX, tratado nas encíclicas papais, sendo efetivado entre 1917 a 1939, destinado ao público mais simpatizante, que eram os operários anarquistas, socialistas e, por último, os comunistas, tendo como pressupostos a subversão e a materialização do operariado, bem como o medo da propagação do laicismo²⁸⁹ no Brasil. Após o período de 1935/1937 da Intentona Comunista, como iremos verificar posteriormente, foi atingido, principalmente, o seguimento dos militares, por considerar traição, um dos baluartes dos princípios militares, posteriormente a influência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com posições em defesa de lutas populares. Rodeghero afirma que o discurso era de patriotismo, catolicismo e anticomunismo.

Por fim, Rodeghero introduz os estudos de Peter Filene por meio de uma pesquisa, na qual descobrem que, naquele período, a amostra dos entrevistados, os avós dos anos de 1940 não declararam qualquer problema referente aos comunistas, e a preocupação maior era a de manter o emprego, pagar o aluguel e criar os filhos. A autora sintetiza a formularização de um rótulo comunista, muitas vezes, designado como inimigos públicos, ainda que sejam pessoas sem referências eclesiásticas.

Em vista ao anticomunismo no Brasil, como referência adotaremos o trabalho de Rodrigo Patto Sá Motta, que fundamenta doutrinação anticomunista no Brasil tendo como recorte temporal entre os anos de 1920/1930 em sua fase precursora. Mais tarde, com advento da Guerra Fria, a intensa e mais determinante forma de repúdio à ideologia a qual estudaremos especificamente aplicada nas Forças Armadas, nas rotinas dos cânticos, canções e gritos de guerra. Nesse aspecto, Motta explica que os grupos que se opõem ao comunismo têm uma característica única, a heterogeneidade de todos os extratos sociais ou segmentos políticos, empresários. Inclui-se a união sagrada²⁹⁰ (1935), encabeçada pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand; núcleos de esquerda (anarquistas),

²⁸⁸ RODEGHERO, Carla Simone. *Religião e patriotismo...* p.476.

²⁸⁹ Laicismo é uma doutrina que defende que a religião não deve ter influência nos assuntos do Estado. Disponível em < <https://www.politize.com.br/estado-laico-o-que-e/>> Acesso em 28 ago 2022.

²⁹⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”*:...p.35.

integralistas unidos somente pela repulsa à ideologia comunista. Em suas teorias a respeito do anticomunismo, Motta elenca 3 (três) principais matrizes aqui no Brasil, que são o catolicismo, o nacionalismo e o liberalismo. A Igreja Católica é a instituição não estatal que combateu mais severamente o “perigo”.²⁹¹ De forma incisiva no golpe de 1964, no movimento “Marcha com Deus, pela Família e Liberdade”²⁹² que levou às ruas milhares de pessoas com o objetivo da derrubada de um governo de posicionamento de esquerda. Estes movimentos, com o passar do tempo, adormeceram, outrora, e ainda refutam os princípios do comunismo, quando se entende que o comunismo pratica o autoritarismo político e é contra o direito à propriedade, uma vez que todos os meios de produção pertencem ao Estado.

O nacionalismo ganhou significados, pois mesmo entre os comunistas, a bandeira pela causa nacional ganhou repercussões, além de ser a bandeira levantada pelo direitista defensor de um projeto nacional desenvolvimentista político e econômico sem influências de imperialismo de outras potências.

Fica claro, que o corporativismo que se fundamenta como nação um conjunto orgânico, unitário, superior a qualquer conflito. Este conceito ganha força em que a nação é vista como um conjunto composto por um povo, um território, e organizado por um Estado, indivisível.

Com a propagação dos Manifestos Comunistas pregando a “luta de classe”, o entendimento dos nacionalistas seria a ruptura e a insuflação ao ódio e principalmente a fragmentação do Estado brasileiro.

No segundo momento o Manifesto Comunista aclama, “trabalhadores do mundo uni- vos”.²⁹³ Com isso, passa-se o entendimento de que os trabalhadores não tinham pátria e a ideia de criar uma nova ordem mundial foi encabeçada por Moscou.

Obviamente que estas interpretações ganharam volume sob o pretexto de consolidar a repulsa ao comunismo e todas as suas formas de manifestação.

Entretanto, Motta sinaliza principalmente o levante de 1935, ocorrido no Rio de Janeiro, Natal e em Recife, que foi a Intentona Comunista.²⁹⁴ Esta é uma data anualmente lembrada através de cerimoniais fúnebres e com todas as honras devidas àqueles que com suas vidas defenderam as cores de suas fardas. Por outro lado, os militares

²⁹¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”*:...p.46.

²⁹² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”*:...p.45.

²⁹³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”*:...p.30.

²⁹⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”*:...p.37.

recordam com dia da “covardia” da “vergonha”.²⁹⁵ Nesta oportunidade, é emblemático para mostrarem aos jovens membros da corporação os valores anticomunistas e garantir sua reprodução ao longo do tempo para que não ocorra mais.

Para se entender o sentimento que os militares têm quando se trata de anticomunismo nos quartéis, partiremos das variadas matizes que cercam o mundo dos militares. Por serem formadas por pessoas, é natural que, embora usem a mesma farda, existe uma heterogeneidade entre seus componentes José Murilo de Carvalho²⁹⁶ assinala bem sobre isso, que esta estratificação é natural até para a complexidade de um exército de um país com dimensões continentais, tanto que um dos requisitos que fazem parte da valorização do mérito para promoção dos militares é a vivência regional, justamente para que, através do conhecimento dos diversos rincões, o oficial ou o sargento tenha vivenciado as diferenças regionais.

Sobre o cântico “Foi em Xambioá”, diferentemente do que podemos observar nas conclusões da pesquisadora Pereira, no trabalho “Você sabe de onde venho?” sobre a canção dos expedicionários, não observamos discussões contraditórias ou antagonismo sociais nos combatentes, como foi no caso dos pracinhas que combateram na Itália, tampouco uma dialética entre o liberalismo latifundiário refutado pela modernização conservadora com o projeto de nação democrática, igualitária e distributiva. Nos cânticos de “Foi em Xambioá”, os versos remetem a uma mitologia longe do imaginário, e principalmente um convite para a luta, com sentimento de bravura, coragem e astúcia, narrando as dificuldades após o embate para chegar ao êxito, evidenciado no verso “Quem nunca ouviu falar que fique agora a escutar, Contos de glória que agora eu vou contar”. Relata-se o tipo de tropa utilizada paraquedista e de ações de comandos, as táticas de guerrilha utilizadas, bem como descreve o terreno encontrado e suas dificuldades, conforme o verso: “Alguns de nós eram faca na caveira, O perigo em todo canto a rondar, Paraquedistas chegavam pelo ar”. Destaca o armamento utilizado; complementa o inimigo encontrado, evidenciando a guerrilheira Dina, no verso “lá havia mulher guerrilheira, havia a Dina, a Dina a guerrilheira”. Por fim, enfatiza o orgulho de ter combatido e o sentimento que deseja repassar aos seus filhos e netos sobre as narrativas desta aventura, evidenciado no verso: “Meu filho chora agora de emoção, E lhe peço: prossiga na missão, de manter a integridade deste chão, Seja no sul, no Norte ou no sertão”, neste momento o revanchismo

²⁹⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”*:...p.37.

²⁹⁶ CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, RJ. 2005.

ao anticomunismo demonstra-se como uma batalha continua em qualquer que seja a região ou tempo.

Analisando a letra friamente, sem conhecimento a respeito do que significou o anticomunismo para as Forças Armadas, a leitura que se faz é de uma canção de exaltação de um episódio no passado, numa região longínqua, e a imposição da vitória ante ao inimigo.

Entretanto, é inegável a carga de ideologia anticomunista, principalmente quando se trata da guerrilheira chamada Dina, que se destacou no combate da Guerrilha e foi uma das mais difíceis de ser capturada e, depois, provavelmente executada. Portanto, o cântico de guerra “Foi em Xambioá” não deixa dúvidas em ser mais uma forma de expressão anticomunista.

A sua pele é camuflada
o armamento é ParaFAL
e de quebra tem granada
a manicaca é amarela
e traz o nome no brevê
o nome dela eu vou dizer
um, dois, maldita
três quatro selva
tapa na cara a maldita chegou
tapa na cara a maldita é o terror
oh, oh
que barulho é esse que parece um trovão
é a maldita entrando em ação...²⁹⁷

Sobre o cântico acima extraído do *you tube*, apesar de sua pouca visualização traz no seu íntimo os efeitos do trabalho da área cognitiva, neste caso, para o instinto para violência, mais uma vez como no caso de “Tropa de Elite” oriundo do Centro de Instrução de Operações de Guerra na Selva, que tem por finalidade o combate, o extermínio, entretanto também como sem justificar o despropósito que seja a morte, mas como instituição finalística de defesa a existência de um Centro de Instrução de Operações de Guerra, desde que tenha suas aplicações de defesa. Na primeira parte fazendo alusão à pele camuflada, e o armamento utilizado pelas tropas de selva, a manicaca referida na música refere-se o fundo onde é fixado o brevê do guerreiro de selva. Por último a referência ao grupamento ou fração a que pertence o codinome é “maldita”, Em verdade é uma apologia aos instintos primitivos de exortação à violência na formação do guerreiro de selva.

²⁹⁷ Foi em Xambioá. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=x3Le6CDgoy4> > Acesso: 28 Ago 2022.

Considerações Finais

O principal objetivo do trabalho de pesquisa é entender como o projeto dos membros da Guerrilha do Araguaia se dava por meio de suas ações de inquietação por parte dos guerrilheiros, em fazer revolução à ditadura civil-militar, chegando ao interior do país, na região do Araguaia, tentando libertar aquela região do sistema estabelecido.

Nesse sentido, em segundo momento, ao analisar a decretação do AI-5 e o recrudescimento da ditadura nas cidades, vimos como se fortaleceu a ideia da luta rural e conseqüentemente a escolha da região do Araguaia pelas suas condições de abandono social, por ser uma região de selva Amazônica, fator fundamental na vitória do foquismo em Cuba, na tentativa de estabelecer um território independente no interior do país, mas que não vingou, por diversos motivos.

Dentre esses motivos citamos: falta de estrutura, falta de apoio da população e, principalmente, a falta de recursos financeiros e materiais para dar suporte à manutenção do foco de resistência.

Ainda pode-se assegurar que o principal grupo que combateu no Araguaia foram os dissidentes do PCB, que compuseram o então PCdoB, tendo como principais lideranças Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão, Pedro Pomar e Ângelo Arroyo, João Amazonas e Elza Monerah, cuja maior motivação nos seus preceitos da ideologia socialista em busca, principalmente, de alcançar um ideal de justiça social.

No terceiro momento, os desdobramentos do conflito foram ostensivamente explorados neste trabalho, com assertivas das três campanhas por parte do exército, cuja finalização deu-se com cerco e aniquilamento dos militantes do PCdoB e o desaparecimento de quase a totalidade dos guerrilheiros.

Com relação às hipóteses de adesão à luta armada rural, um dos motivos de sua escolha foi em decorrência da decretação do AI-5, por vários motivos, tais como a exaustão da guerrilha urbana.

Os integrantes do PCdoB tinham como principal objetivo fazer uma revolução ao regime, porém diante do desfecho com o desaparecimento da maioria dos guerrilheiros, deixando um hiato sobre qual o destino destes envolvidos no conflito, esses ânimos arrefeceram.

Nosso trabalho observou uma cronologia iniciada com a marca precursora da Guerra Fria (1945). Neste momento canções como “Era um garoto que como eu, amava os

Beatles e os e os Rolling Stones” evidencia o que os jovens da década de 1960 foram arrebatados por uma guerra que não lhe pertenciam (Guerra do Vietnã), tiveram um papel de fundamental importância explorado inclusive por Hollywood. Dando continuidade ao processo da Guerra Fria, agora no contexto da América Latina, a Revolução Cubana (1959) e a Crise dos Mísseis, em outubro de 1962 teve um papel fundamental na história do Brasil, pois seus líderes (Che Guevara e Fidel Castro, os barbudos) serviram de inspiração às esquerdas armadas brasileiras e também é nesse o momento em que ocorreu a intervenção dos EUA na política interna no Brasil contribuindo para o golpe civil-militar que derrubou o presidente João Goulart.

Posteriormente com o recrudescimento da decretação do AI-5, neste interim com a formação dos diversos grupos de esquerdas entre eles o PCdoB, inicia-se a primeira fase da Guerrilha do Araguaia, com suas operações militares no conflito: “Operação Peixe”, “Operação Presença”, “Operação Papagaio”, “Operação Sucuri” e “Operação Marajoara”.

Concretiza-se, nessa conjuntura, o momento em que brasileiros enfrentaram brasileiros defendendo seus ideais, mas utilizando os recursos mais primitivos com uso a tortura, execução e extermínio.

Observa-se na pesquisa, também, que a evolução do PCB (1922) até sua fragmentação com o surgimento do PCdoB (1962) foi permeada por reveses e por seu protagonismo com esquerdas progressista no Brasil. Comitadamente foi observada a questão da censura, seus órgãos repressores e o papel colaboracionista pelos grandes grupos que apoiavam a ditadura civil-militar.

No caso em voga, é notório que o cântico de guerra “Foi em Xambioá” sobre a temática anticomunista apresentada nas canções utilizadas nos horários dos Treinamentos Físicos Militares (TFM), especificamente nas corridas de longas distâncias nos logradouros adjacentes aos aquartelamentos, tem como objetivo passar uma ideia específica sobre os comunistas.

Quando analisamos o trecho “Vi guerrilheiro na selva a tombar... E para casa nunca mais voltar...” fica evidente o desejo de derrotar o guerrilheiro “de tombar” esse guerrilheiro e a incerteza do retorno por parte do oponente, no caso o guerrilheiro. Sobre a Guerrilha do Araguaia e a exaltação do papel do Exército Brasileiro no combate aos guerrilheiros verificamos a exaltação na área cognitiva quando se refere do orgulho, cumprimento da missão o desejo de vingança, conforme o verso que segue:

Responda com orgulho que eu estive lá
Foi em Xambioá que cumpri nobre missão
Defendi com orgulho esta nação
E vinguei o sangue do meu irmão

Que tombou em defesa deste chão

Com isso fica evidente o apelo anticomunista e a necessidade de difusão dessa ideologia.

Como consequência verificamos os números de visualizações com quase um milhão meio no *Youtube* do vídeo “*foi em Xambioá*” e com quase um milhão de visualizações, e em “*Tropa de Elite*”. Logo observamos uma à aceitação em nome de uma sociedade ocidental cristã ou o desejo de ver um país melhor, portanto, se se pressupõe que estes vídeos despertam, no mínimo, muita curiosidade neste público, mas não podemos afirmar que estas pessoas que visualizaram os vídeos tenham uma aceitação, ou que sejam adeptos do anticomunismo.

Por outro lado, as principais bases teóricas que eram disseminadas nas principais Escolas Militares naquele período, especialmente no período da Guerrilha do Araguaia, foram protagonizadas pela Escola Superior de Guerra (ESG) que ainda é a principal fonte difusora e transmissora do anticomunismo nas Forças Armadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA EXÉRCITO BRASILEIRO ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO “*MANUAL DE CAMPANHA DE OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS C 45-4*” 3^a. Edição, de 24 de agosto de 1999.

BRASIL. Escola Superior de Guerra. *Fundamentos teóricos*. Manual básico. Rio de Janeiro: ESG, 1976.

BRASIL. COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. *Audiência Pública: Mortos e Desaparecidos na Guerrilha do Araguaia*. Brasília, 2014.

_____. *Institucional: A CNV*. Disponível em: <<http://www.cnv.gov.br/institucional-acesso-informacao/a-cnv.html>> Acesso em: 19 Jan 2020.

Relatório Araguaia I.

Relatório Gen. Bandeira.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

BAND JORNALISMO. Canal Livre discute guerra entre Rússia e Ucrânia. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=96ggwLhT1FA>>. Acesso em 6 mar 2022.

Disponível em: <<https://www.politize.com.br/guerra-da-coreia/>>. Acesso em 21 abr 2021. Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=mapa+de+acidentes+geograficos++da+guerra+da+ucrania&tbm=isch&ved=2ahUKEwjbi4PZ5bH2AhWgN7kGHZSxDmYQ2-cCegQIABAA&oq=mapa+de+acidentes+geograficos++da+guerra+da+ucrania&gs_lcp=CgNpbWcQAzIHCCMQ7wMQJ1D1CFj3JmC6MWgAcAB4AYABrgOIAe4RkgEJMC44LjluMC4xmAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWfAAQE&sclient=img&ei=YdlkYptXoO_k5Q-U47qwBg&bih=754&biw=1536>. Acesso em 6 mar 2022.

BAÍA DOS PORCOS, Cuba. Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=nrBPz9gxnvU>> Acesso em 13 Out 2022.

Disponível em: <https://neamp.pucsp.br/organizacoes/partido-comunista-brasileiro-pcb>. Acesso em 11 Fev 2021.

Disponível em: http://www.fapcom.edu.br/wp-tent/uploads/2018/04/6Tainara_vietna-Iarossi.pdf>. Acesso em 25 Jun 2021.

Motivação. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12978860/significado-da-motivacao-us-army>>. Acesso em 25 Jun 2021.

Outsider. Disponível em: <https://www.teclasap.com.br/outsider/>>. Acesso em 10 Jul 2022.

Disponível em <[portalde legislação](#)>. Acesso em 11 Fev 2021.

Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete--ematico/partido-comunista-brasileiro-pcb> por Alzira Alves de Abreu>. Acesso em 17 Ago 2021.

Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6683-28-agosto-1979-366522-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 25 Jul 2021.

Disponível em: <http://www.ultrajano.com.br/o-que-diriam-os-esportistas-da-guerrilha-do-araguaia/>> Acesso em 07 Ago 2021.

Disponível em: <https://www.politize.com.br/ditadura-argentina-maes-praca-maio/>>. Acesso em 04 Out 2021.

Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/cominform.htm>>. Acesso em 25 Ago 2022.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ov4JRzINtl0>>. Acesso em 30 Ago 2021.

Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/eumano-silva/>>. Acesso em 28 Ago 2022.

Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/bandeira-antonio>>. Acesso em 28 Ago 2022.

Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/moog-olavo-viana>>. Acesso em 28 Ago 2022.

Disponível em: <https://chcadvocacia.adv.br/blog/morte-presumida/>>. Acesso em 01 Out 2021.

Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em 22 Mai 2022.

Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19720629-29829-nac-0001-999-1-not>>. Acesso em 22 Mai 2022.

Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em 22 Mai 2022.

Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mesquita-neto-julio-de>>. Acesso em 16 Out 2022.

Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mesquita-neto-julio-de>>. Acesso em 28 ago 2022.

Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/moog-olavo-viana>>. Acesso em 28 ago 2022.

Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19720924-29904-nac-0027-999-27-not>> Acesso em 30 Mai 2022.

CARNEIRO, Luiz Orlando. Disponível em: <*voltou aos tempos do regime militar*. In: *Jornal do Brasil OnLine*.>. Acesso em 14 Out 2003.

HOLANDA, Chico Buarque de. Chico Buarque (*disco*) Rio de Janeiro Poligran, 1984. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45184/buarque/>>. Acesso em 30 Mai 2022.

DOCUMENTOS DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

O Estado de São Paulo, 04 de outubro de 1962, p. 3. BSF. Brasília/DF.

Jornal do Brasil, 31 mar. 1964. Discurso de João Goulart durante reunião de sargentos no automóvel clube em 30 de março de 1964.

The Economic, 11 ago 1967. In: Castro, Therezinha de. “*História documental do Brasil*.” Riode Janeiro. Record. 1968.

O Globo, 3 de dezembro de 1992. “*Documento comprova ação do Exército na guerrilha do Araguaia*.”

PEDIDO de busca (PB) Nº 2357, 29 Dez 1971.

PEDIDO de busca (PB) Nº 902 S/103.3 de 30 Dez 1971.

LIVROS DE MEMÓRIA

BRAGA, Laércio; FONTELES, Pedro. *Guerrilha do Araguaia: luta e a apropriação da massacampesina* (1972-1975). Belém, 2016. 79 p.; E-Book. FONTE: Disponível

Em<https://www.academia.edu/27332206/Guerrilha_do_Araguaia_luta_e_a_apropria%C3

%A7%C3%A3o_da_massa_campesina_1972_1975_pdf?auto=download>. Acesso 21 ago 2021.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *O coronel rompe o silêncio: Lício Augusto Ribeiro, que matou e levou tiros na caçada aos guerrilheiros do Araguaia, conta sua História* - 1ª Edição. Objetiva, 2004.

MORAIS, Taís; SILVA, Eumano. *Operação Araguaia – os arquivos secretos da guerrilha*. São Paulo, Geração Editorial, 2005.

PORTELA, Fernando Portela. *Guerra de Guerrilhas no Brasil*. São Paulo: Editora Global, 1979.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

ALMOND, Mark. *O livro de ouro das Revoluções*. Tradução Gilson Batista. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AYERBE, Luís Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. (Coleção Revoluções do século 20).

BANDEIRA, Moniz. *O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BETHELL, Leslie. Brasil. In: BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (orgs.). *A América Latina: Entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BRECHT, Bertold. *"Poemas", Lisboa, Editorial Presença, 1973*.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; Prado, Maria Lígia Coelho. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal "O Estado de S. Paulo"*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1980.

CIVEIRA, Francisca López; VEJA Oscar Loyola; LEÓN, Arnaldo Silva. *Cuba y só História*. 2. Ed. La Habana: Editorial Félix Varela, 2004.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo - 1945-1964*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. FERREIRA, Moisés Carlos. *A implantação da D.S.N - Doutrina de Segurança*

Nacional e a Operação Condor no Brasil e Argentina. São Paulo: USP, 2016.

FERNANDES, Ananda Simões. *A reformulação da Doutrina de Segurança Nacional pela Escola Superior de Guerra no Brasil: a geopolítica de Golbery do Couto e Silva*. Londrina: UEL, 2009.

_____; DELGADO, Lucília (Org.). *O Brasil Republicano*. O tempo da ditadura. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Revolução e democracia (1964...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (As esquerdas no Brasil; v.3).

_____. *Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilha para pesquisadores*. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Pato Sá (Org.). *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

FICO, Carlos. *Além do golpe: a tomada de poder em 31 de março de 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *Como eles agiam: Os subterrâneos da ditadura*. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 2007.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

HOBBSBORN, Eric. *A era dos extremos*. 2 ed. São Paulo, SP, Cia das Letras. 1995.

KUSHNIR, Beatriz. “*Pelo viés da colaboração: a imprensa no pós-1964 sob outro Prisma*”. Projeto História, São Paulo.

LARA, Antônio de Sousa. *Ciência Política: Estudo Da Ordem E Da Subversão*, ed. by Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 6a Edição (Universidade Técnica de Lisboa, 2011).

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, J. – *Enciclopédia Einaudi*. V. 1. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

MORAES, Dênis de. *A Esquerda e o Golpe de 64: Vinte e cinco anos depois, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

MORAIS, Tais., SILVA, Eumano. *Operação Araguaia: Arquivos secretos da Guerrilha*. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

MELLO, Leonel Itaussu A. e COSTA Luís César Amad. *História moderna e contemporânea*. São Paulo: Scipione, 1993.

MORENO, Jean; VIEIRA, Sandro. *História: Cultura e Sociedade*. O Contemporâneo: Mundo das Rupturas. 3º ano. Editora Positivo. São Paulo, SP. 2013.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol.2, nº 3, 1989.

ROUSSEAU, J-J. *O contrato social*. In: Oeuvres complètes, tome III. Collection “Pléiade”. Paris: Gallimard, 1757.

REIS FILHO, D. A. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

REIS, Aarão Daniel. 1946 – *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Daniel Aarão Reis – reimpressão - Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. *Ditadura, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

_____.; MOTTA, Rodrigo P. Sá (Org.). *A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RICHTER, Daniela. FARIAS, Thieser da Silva Farias. *Ditadura Militar no Brasil: dos instrumentos jurídicos ditatoriais para a democracia outorgada*. Passagens. Revista Internacional de História Política e cultura Jurídica. Rio de Janeiro: vol. 11, 2019.

RIDENTI, Marcelo (2007). *Esquerdas revolucionárias armadas nos anos 1960-1970*. In: ROLLEMBERG, Denise. “*Esquerdas revolucionárias e luta armada*”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo da ditadura*. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 2007.

SILVA, Daniel Neves. *O papel de liderança de Che Guevara na Revolução Cubana fez dele um dos grandes heróis nacionais de Cuba*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/ernesto-che-guevara.htm>>. Acesso 11 mai 2022.

VISENTINI, Paulo Fagundes; PEREIRA, Ana Lúcia Danilevicz. *Manual do candidato História mundial contemporânea (1776-1991) Da independência dos Estados Unidos ao colapso da União Soviética*. 3 ed. Revista atualizada. Brasília, 2012.

ARTIGOS, TESES, DISSERTAÇÕES E CONGRESSOS

COSTA, Priscilla Pereira da. *A mídia e os Golpes: 1964 e 2016 pontos convergentes*. IX Jornada Internacional de Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão. São Luís, MA. 2019.

DOMINGOS, C. S. M. *O golpe de 64 e a Guerra Fria: ORIGENS E ANTECEDENTES*. IFSUL, XII Encontro Estadual de História da ANPUH RS. Ensino, Direitos e Democracia. 18 a 21 de julho de 2016 – UNISC – Santa Cruz do Sul.

FREITAS, Leandro Leal de. *Um Século de Narrativas Euclidianas Conselheiristas Interpretações Sobre Antônio Conselheiro*. Dissertação de Mestrado em Ciência Política-Universidade de São Carlos, SP. 2016.

RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os “Combatentes da Paz”*: a participação dos comunistas brasileiros na Campanha pela Proibição das Armas Atômicas (1950). Dissertação de Mestrado em História-Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 2003.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. *40 ANOS DO GOLPE DE 1964: DITADURA NUNCA MAIS!* (Artigo de doutorado) Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. Aracaju, SE. 2004.

VIANA, Claudius Gomes de Aragão. *A Brigada de Infantaria Paraquedista: História institucional e cultura organizacional da tropa aeroterrestre brasileira*. Tese (Doutorado) Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, RJ. 2010.